Florencio Sánchez
Teatro

Tradução: *Farrer*

Sumário

Prefácio: Florencio Sánchez **5**

Canillita **11**

A Pobre Gente **29**

Mão Santa **55**

Os Mortos **69**

O Despejo **95**

Nossos Filhos **107**

Prefácio: Florencio Sánchez

Ángel J. Cappelletti[1]

A figura literária mais importante do anarquismo uruguaio, Florencio Sánchez, é, ao mesmo tempo, o mais alto expoente do teatro rio-platense na última década do século XIX e na primeira do XX. Nascido em Montevidéu em 1875, no mesmo ano que apareceu ali *El Internacional*, primeiro periódico anarquista do Uruguai, começou a escrever em 1890, no periódico "branco" *La Voz del Pueblo* de Minas, e nessa mesma cidade deu luz, no ano seguinte, a seu primeiro drama, *Los soplados*. Emigrou para a Argentina, e durante o ano de 1892 trabalhou na flamante cidade de La Plata, às ordens de José Vucetich (inventor do sistema datiloscópico que leva seu nome). De volta a Montevidéu em 1893, colaborou com *El Siglo* e *La Razón* e publicou vários contos com o pseudônimo de Ovidio Paredes. O ano de 1897 resultou decisivo na evolução ideológica de Florencio Sánchez. O lendário caudilho nacionalista Aparicio Saraiva levantou-se em armas outra vez contra o governo, e Florencio, "branco" por família mais que por convicção política, uniu-se ao levante. O contato direto com os chefes rebeldes extinguiu rapidamente suas últimas ilusões com a causa. Fugiu ao Brasil, onde teve ocasião de conhecer, para remate, o sanguinário caudilho riograndense Francisco Pereira de Sousa. Ao regressar a Montevidéu, quis esquecer os partidos políticos tradicionais e aproximou-se dos anarquistas do recém fundado *"Centro Internacional de Estudios Sociales"*. Ali estreou *Puertas adentro*, esboço dramático em um ato[2]. Mesmo quando, para ganhar a vida, dirigiu em 1898 o periódico "branco" *El Teléfono de Mercedes* (Uruguai) e trabalhou depois no *La República de Rosário* (Argentina) como secretário de redação, pode-se dizer que durante os últimos anos do século já estava definitivamente tomado pela causa libertária. Por esse momento dedicava-se à organização de sindicatos em Rosário, como recorda Anderson Imbert[3], frequentava a *Casa del*

[1]Fragmento extraído do livro *El anarquismo en América Latina*, de Ángel J. Cappelletti e Carlos M. Rama.

[2]Vladimiro Muños, "Una Cronologia de Florencio Sánchez" en *Reconstruir*, 65, pp. 59-61: "A experiência sofrida no levante servirá de base ao ensaio psicológico social, *El caudillaje criminal en Sud América* (1903)"

[3]E. Anderson Imbert, *Florencio Sánchez, vida y creación*, Buenos Aires, 1967.

Pueblo e assistia às reuniões das sociedades de resistência anarquistas. Começou a colaborar outrossim em *El Sol* de Alberto Ghiraldo, pronunciou conferências no *Centro Internacional de Montevideo* e, em um concurso organizado por dito centro, representou um esboço dramático intitulado *Ladrones!*, germe de uma de suas peças mais famosas, *Canillita*. Mas, além de produzir teatro, dedicou-se, em 1899, a escrever crítica teatral para *El País* de Buenos Aires e no ano seguinte publicou no *El Sol* suas *Cartas de un flojo*, mais tarde organizadas em volume. Durante um breve período colaborou no recém fundado diário anarquista *El Trabajo de Montevidéu*, e, outra vez em Rosário, reintegrado *"pane lucrando"* à redação de *La República*, interveio ativamente em reuniões e assembleias operárias (sobretudo na *Casa del Pueblo* da cidade de Santa Fé[4]). Em Rosário fundou também o periódico *La Época*, em cujas páginas publicou, baixo o pseudônimo de Luciano Stein, um sainete de costumes rosarinos, *La gente honesta*, cuja representação foi proibida pelas autoridades locais. A 13 de agosto de 1903 estreou, por sua vez, no *Teatro de la Comedia* de Buenos Aires, seu drama em três atos, *M'hijo el dotor*, que constituiu um dos mais ressonantes êxitos de sua carreira. Poucos meses mais tarde representou-se inclusive em versão italiana (de V. Di Napoli-Vita). O ano de 1904 foi para Florencio Sánchez um dos mais fecundos de sua safra teatral. Quatro de suas mais famosas peças subiram ao palco em Buenos Aires: *Canillita*, *Las cédulas de San Juan*, *La gente pobre*, *La gringa*. A sequência tampouco se interrompeu em 1905, ano no qual estrearam, em teatros portenhos, o drama *Barranca Abajo*, o sainete *Mano Santa*, a comédia dramática *En família* e o drama *Los muertos*; nem em 1906, no qual representou a zarzuela *El conventillo*, o sainete *El desalojo* e a comédia *El pasado*. Em 1907 estreou, também em Buenos Aires, os sainetes *Los curdas* (arranjo do não estreado esboço rosarino *Gente honesta*), *La tigra* e *Moneda falsa*, assim como a zarzuela *El cacique Pichuleo* e a comédia dramática *Nuestros hijos*. Até fins do mesmo ano levou aos palcos, em Montevidéu, *Los derechos de la salud*. Ainda em 1908 brindou o público com o sainete *Marta Gruni*, e em 1909 a comédia *Un buen negocio*[5]. Enquanto desenvolvia esta intensa produção dramatúrgica, se convertia em assíduo colaborador (e, às vezes, quase único redator) do grande diário anarquista portenho, *La Protesta*[6]. Já tuberculoso, embarcou em setembro de 1909 para a Itália, morrendo em Milão no dia 7 de novembro do ano seguinte[7]

Nenhum dos críticos que se ocuparam da obra de Florencio Sánchez deixou de sinalar a profunda simpatia que demonstra pelo povo e pelos desposuídos. Tem razão, no entanto, Vladimiro Muños quando pontua que muitos deles *"tratam as ideias libertárias de Florencio de esguelha, com pouca seriedade; estão mediatizados ou intentam conduzir a Florencio Sánchez até os redis ou cochos autoritários"*[8]. Um crítico uruguaio escreve: *"Sua atuação e seu comportamento dentro*

[4]R. González Pacheco, *Un proletário: Florencio Sánchez, periodista, dramaturgo y trabajador manual*, Buenos Aires, 1935

[5]Vladimiro Muñoz, *Una cronología de Florencio Sánchez*, pp. 61-64.

[6]F. Quesada, *La Protesta* 1, p. 82

[7]Vladimiro Muñoz, *Una cronología de Florencio Sánchez*, p. 64.

[8]Vladimiro Muñoz, *ibid.*, p. 65.

do que chamaríamos militância ativa, foi sempre vago, e nos atreveríamos a afirmar que era de tipo sentimental mais que doutrinário"[9]. Mas, ao dizer isto, parece ignorar a comprometida e arriscada participação de Sánchez em reuniões e motins operários (que antes pontuamos) e seu esforçado trabalho como redator de *La Protesta* nos momentos mais difíceis, assim como os muitos artigos que escreveu em outros periódicos anarquistas, como *El Sol* de Ghiraldo e *El Trabajo*. Que colaborou na imprensa burguesa não significa senão que tinha necessidade de ganhar seu pão trabalhando, tal como o fez Marx ao escrever para a imprensa norte-americana. Pode-se admitir, sem dúvida, que sua consequência não foi absoluta. E se Roberto de las Carreras acabou cônsul em Curitiba, Sánchez admitiu que o governo uruguaio pagasse sua viagem à Itália (quando já estava desacreditado e consumido pela tísica). Creio que denota uma real incompreensão afirmar que Sánchez *"é uma alma nobre que devém um honesto burguês"*. Dizer que *"anarquismo mais liberalismo são os sustentos ideológicos de sua obra"*[10] e que *"segundo predomine um ou outro ingrediente, segundo seja o grau de compromisso com a realidade, segundo incida a denúncia abstrata, maior ou menor será o grau de validez de sua obra"*, supõe passar por alto não só algumas características de sua obra, senão também o significado histórico do anarquismo. Este, longe de ser um *"humanitarismo abstrato"*, é a síntese concreta dos grandes movimentos do século XIX: o liberalismo e o socialismo. Quando um e outro são levados a suas últimas consequências, coincidem e se identificam, com o nome de socialismo libertário. Resulta incompreensível a afirmação de que, depois de todas suas negações, o anarquismo não tem nada a oferecer, quando o que oferece é precisamente a revolução social. Esta era uma expectativa tão concreta para os anarquistas de começos do século que muitos deles regalavam tudo quanto lhes sobrava, confiados na iminência do feito palingenético, que traria uma sociedade sem classes e sem Estado. No entanto, a síntese dificilmente poderia ser perfeita em todos e cada um dos escritores anarquistas. E, assim como no marxismo rio-platense da época há numerosas supervivências do positivismo e do liberalismo, assim também pode-se dizer que as há no anarquismo. Talvez seja o caso de Florencio Sánchez em alguns de seus escritos e particularmente na tão mentada correspondência com sua esposa. No Uruguai produziu-se, nessa linha, um fenômeno quase único dentro do movimento anarquista mundial: a corrente denominada *"anarcobatllista"*, que arrastou a alguns militantes do anarquismo a uma adesão, mais ou menos principista, ao liberalismo radical de Battle y Ordóñes. O respeito pelas liberdades públicas, o laicismo, a política solidarista e cooperativista do *batllismo* substituíram, para alguns elementos moderados, como Orsini Bertani, A. Zomboni, E. Clérici, F. Berri, Viginia Bolten e outros, nucleados no periódico *Idea Libre*, ao anarco-comunismo e à sociedade sem classes. Mas não seria justo colocar Florencio Sánchez nesta corrente. Compreende-se, de todas as maneiras, que aos amantes do populismo nacionalista lhes doa que o maior expoente do teatro social na América

[9] W. Rela, *Historia del teatro uruguayo-1808-1968*, Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 1969, p. 78.

[10] J. Lafforgue, *Florencio Sánchez*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1967, pp. 48-49.

Latina tenha sido um companheiro de Bakunin e não um soldado de Aparicio Saraiva. O teatro de Florencio Sánchez é, efetivamente, essencialmente social. Reflete as tensões geracionais, os conflitos entre criollos e imigrantes, as contradições entre a cultura urbana e a rural, a luta de classes. Mostra os conflitos do peão do campo, do operário, do marginal suburbano, da pequena burguesia. A influência de Zola e do teatro naturalista francês é evidente e tem efeitos catárticos, enquanto contribui a eliminar a velha retórica do romanticismo gauchesco. Mas Florencio Sánchez, anarquista, não pode conformar-se com Zola (como não se conforma Kropotkin). Não se trata somente revelar a realidade social com crudeza fotográfica, senão de interpretá-la à luz de ideais revolucionários, para mudá-la radicalmente. Ainda quando seus dramas não são obras de propaganda nem constituem, no geral, apelações diretas à revolução social, existe em todos eles, inclusive naqueles que não possuem tese, um modo de representar as situações, os personagens e a trama, que não parece deixar outra saída senão a da mudança revolucionária. Em nenhum caso há mero deleite com a miséria, nem afã pintoresquista nem análises psicológicos que se constituam em motivos autossuficientes.

O jornalismo e o teatro dão-se em Florencio Sánchez quase sem solução de continuidade. Mas não se pode esquecer que o jornalismo que ele ama (e pratica sempre que pode) não é o meramente informativo, o que se conforma com a narração minuciosa dos fatos, o que reproduz os sentimentos e a linguagem da gente, senão o que ademais aspira a interpretar (quer seja de maneira implícita e não-doutrinária) a realidade social e particularmente a problemática dos camponeses, operários, marginais, para poder dar uma solução de fundo, quer dizer, revolucionária. Seu teatro, que não é produto de improvisação, segundo costuma-se dizer, senão de larga meditação mais ou menos rapidamente vertida (nos guardanapos dos cafés, reza a lenda), não constitui uma síntese da ideologia anarquista mas sim, de certo modo, um prefácio dramático e concreto da mesma[11]. *Canillita* é não somente a representação de um personagem popular da urbe argentina mas sim também um indignado protesto contra o trabalho das crianças. Em *M'hijo el dotor*, junto ao esboço do conflito geracional e ao enfrentamento das rígidas normas da tradicional moral camponesa com as novas ideias da moderna cidade, é exposto o desprezo público ao jovem rico que engana a pobre rapariga do campo. Em *La gringa* se trata de superar tanto o criollismo *"chauvinista"* como a altivez colonial na única síntese possível: a união das raças no amor e no trabalho compartilhado. *Moneda falsa* é um patético retrato do lúmpen que não necessita tese nem moral para aparecer como depoimento contra a sociedade argentina. Quase o mesmo pode-se dizer de *El desalojo* e da zarzuela *El Conventillo*. Em *Nuestros Hijos*, drama de corte

[11] Além dos trabalhos antes citados, podem ler-se sobre Florencio Sánchez os seguintes: Ricardo Rojas, *El teatro de Florencio Sánchez* em *Nosotros*, Ano V, N. 27, Buenos Aires, abril de 1911; Roberto F. Giusí, *Florencio Sánchez, su vida y su obra*, Buenos Aires, 1920; Arturo Vásquez Cey, *Florencio Sánchez y el teatro argentino*, Buenos Aires, 1929; R. Richardson, *Florencio Sánchez and the Argentinge Theatre*, Nova Iorque, 1933; Dora Corti, *Florencio Sánchez*, Buenos Aires, Instituto de Literatura Argentina, 1957; Tabaré J. Freire, *Ubicación de Florencio Sánchez en la liteartura teatral*, Montevideo, 1961; Jorge Cruz, *Genio y figura de Florencio Sánchez*, Buenos Aires, 1966.

ibseniano, que se passa na classe média, esboça Sánchez, enfim, a luta contra a hipocrisia e os tabus sociais que dominam a vida sexual e familiar da sociedade burguesa. Não é de estranhar que burgueses e bem-pensantes o viram como perigoso subversivo e acudiram a ver suas obras com insalubre curiosidade, como quem vai a presenciar um espetáculo pornográfico ou visita uma casa proibida. *"Sánchez era um anarquista que tenciona em seus dramas destruir a lei e a ordem social. Se aproximavam de sua obra com uma curiosidade mórbida como se fossem ver as entranhas sociais do mundo. Todos as censuravam, dando provas de seu bom juízo ante os demais, mas todos desejavam ouvir aquelas loucuras da mão do talento teatral de Florencio Sánchez. E à curiosidade insalubre havia de unir-se a atitude dos esnobes, sempre ansiando incorporar-se ao mais avançado"*, diz A. del Saz. É evidente que o teatro de Florencio Sánchez constituiu uma crítica implacável dos diversos aspectos da sociedade rio-platense de sua época. É evidente também que atenta contra as bases do Estado burguês e propicia a luta de classes. Mas é falso que sua obstinada amargura conduza a um pessimismo *"sem soluções possíveis"*[12]. Tal juízo só pode sustentá-lo quem desconheça as opiniões expressadas pelo autor em seus trabalhos jornalísticos ou que ignore que o anarquismo é, como o marxismo, uma ideologia fundamentalmente otimista.

[12] Agustín del Saz, *Teatro social hispanoamericano*, Barcelona, 1967, pp. 44-47;

Canillita

Sainete em um ato, cuja estreia, em Rosario, data de outubro de 1902 pela companhia de zarzuelas de Llobet. Vai a palco em Buenos Aires no dia 4 de janeiro de 1904 pela companhia de Geraldo Podestá.

PERSONAGENS

Canillita
Dona Cláudia
Vizinha 1ª
Vizinha 2ª
Don Bráulio
Pichín
Arturo (criança)
Um detetive
Um vigilante
Rapaz 1º
Rapaz 2º
Rapaz 3º
Batista
Pulga
Um Vendedor
Tano
Um curioso
Vendedores de Jornais
Crianças

ATO ÚNICO

QUADRO PRIMEIRO

Uma habitação de paupérrimo aspecto com uma cama grande de ferro desconjuntada, duas cadeiras, braseiros e panelas em um canto. Debaixo da cama um baú. Ao centro, uma máquina de costura e perto dela um berço onde jaz Arturo, o pequeno enfermo.

ARTURO, CLÁUDIA

CLÁUDIA (*sentada, costurando na máquina.*) Daqui a pouco chega Canillita[1]... Sim, filho!... É um malandro, um malvado! Veja, não vir logo brincar com seu irmãozinho! Quando voltar vou lhe dar uns cascudos! Mas fique quieto, não se descubra, que faz mal!... Que demônios de criança! (*Se levanta e vai até a cama, estendendo cuidadosamente as cobertas.*) Assim, assim... Isso!... Bem cobridinho o neném... Se ficar quietinho, suará bastante e amanhã poderá sair ao pátio para brincar com os garotos... Sim, muitos brinquedos vou comprar para você. E um pião também!... Mas não se mova, viu? Um beijo? Vinte, pimpolho!... Bom, me promete que ficará bonitinho? Que vai ficar quietinho? (*o beija e volta a costurar avidamente. Escuta-se a voz de Canillita que se aproxima cantando uma música criolla conhecida.*) Ah, aí está esse malandro!...

DITOS, CANILLITA

CANILLITA Bom dia.

[1] literalmente Canelinha (ou canela-fina) é como são designados os meninos que vendem jornal, como é o caso do personagem deste sainete.

MÚSICA

Sou Canillita
um personagem
com pouca guita
e um mal traje;
sigo travesso
esfarrapado,
liso e travesso
um descarado;
sou mentiroso,
grande vivaz
e apesar de conteiro
não mal rapaz

São meus amigos
Pulga e Gorrinha,
Panchito Pugos,
Chumbo e Bolinha
e com eles e outros vários
por manhãs e tardes
apregoando os diários
cruzo a rua
e em cafés e bares
enfio aos fregueses
diários a mares

Me têm grande estrilo
os laranjeiros
pois enquanto os filo
eu caloteio;
e aos polícias
eu dou mais trabalho
que contrabandistas.

A mim não há quem me corra
eu te garanto.

Me livro duma briga
com três sopapos
e ao mais valente
deixo suas narinas
como um tomate.

Sou mal-considerado
por muita gente,
mas sou bom, sou honrado,
não sou pivete
e para um diário
sou o elemento
mais necessário.

CANILLITA Mas, caramba como faz frio!... Brr!... Zás! Arturito! Ainda está doente?... Mas como é besta!... Ia ganhar cinquenta centavos hoje!... Se vendiam como água os jornais!... (*Vai até a cômoda e a revira avidamente.*) E... não há nada hoje?...

CLÁUDIA O que procura?

CANILLITA Não tem nada para esquentar?...

CLÁUDIA Mas que? O que esperava? Que estivéssemos às ordens do senhorzinho?... Não faltava mais!.... Porque não veio ontem à noite? Que estava fazendo?

CANILLITA Ah!... Menos mal! (*Volta mordendo um pedaço de pão.*) Que dizia, dona?

CLÁUDIA Por onde passou a noite?

CANILLITA Onde estive a noite?... Farreando! Ora!... Que farra!... Como era domingo e não tinha jornal, nos juntamos com Chumbo, o Pulga, o Pelada, Gorrinha e um bocado mais!... Bem, aí nos juntamos com outra patota e agarramos pros diques que ia um vapor pra Uropa... Que

lindo!... o tanaje[2] assim, amontoado, mulheres, raparigas, gringos, velhos... ingleses, baús, louros... que sei eu! Veja que graça!... O Poroto, que é um desalmado, começou a atormentar um tano[3] velho que levava umas vinte maritacas para a família em uma jaula e o gringo a limpá-la!... De repente o vapor toca apito e os emigrantes se atropelam pelas pranchas tirando baús, colchões, cadeiras de palha!... "Não se desesperem, não se desesperem!"... gritavam os empregados. E os gringos nada!... Como loucos ganhavam o vapor... E não digo que o velho deixa as maritacas esquecidas!... E não se animava a baixar do buque. "Se me dá cinco as lanço", lhe gritou o Poroto... O velho lhe manda o níquel, e quando ia lançar a jaula um louro enfia o bico num dedo; Poroto dá um grito e... zás!... a jaula à água com todas maritacas... Que coisa! Bem, depois nos juntamos com Martillo e Gorrinha e fomos dormir na pensão.

CLÁUDIA Na pensão!

CANILLITA Sim, na pensão dos rapazes, ali numa obra da rua Cangalo... com camas de pedra...

CLÁUDIA Onde vão a jogar a prata, não? A que não traz nem metade?

CANILLITA Nem metade!... E a mim que?... Pra isso a ganho e é minha, bem minha, sabe?... Se tenho de trabalhar como um burro pra pagar as bebedeiras desse... vagabundo, vale mais que a jogue... O mesmo vão me maltratar trazendo ou não trazendo um centavo pra casa.

CLÁUDIA Está muito briguento!... Me parece que anda querendo o corpo!

CANILLITA Rá, rá, rá!... Não creia, besta! São asneiras que te contaram!

CLÁUDIA Menino!

CANILLITA Eu disse a mim mesmo que não vão mais me colocar a mão!... Nem você nem esse tipo!...

CLÁUDIA (*Irritada*) Que não? Vai ver só!... (*Levanta-se e vai até Canillita, que corre ao redor dos móveis golpeando a boca e fazendo zombarias. O alcança e começa a golpeá-lo.*) Toma! Sem-vergonha!... Perdido!..

ARTURO (*Levantando-se suplicante.*) Não! Não!... Mamãe!.... Não bata no Canillita!...

CLÁUDIA (*Espremendo Canillita com violência.*) Bandido! Tagarela!... Vou te ensinar!...

DITOS, DOM BRÁULIO

DOM BRÁULIO (*Separando-os*) Senhora, por deus!... Porque bate nesta pobre criança?...

CLÁUDIA É muito sem-vergonha!

[2]Coletivo de tano.

[3]Tano: Aférese (*foneticamente a perda de um som ou grupo de sons ao início de uma palavra)* de napolitano. Por extensão, tano se refere também a italianos, e não somente a napolitanos. Normalmente é utilizado em tom depreciativo.

CANILLITA (*Choramingando.*) Sim!... sem-vergonha!... Me bate só por vício! Eu não fiz nada, dom Bráulio, por essa!... É que me tem ódio por culpa desse compadrão que vive com ela.

CLÁUDIA Seu pai!

CANILLITA Meu pai?... Se se importasse!... Meu pai, um vagabundo que vive de fazer nada!... Meu pai um sem-vergonha que se sustenta às minhas custas e às dela e até mesmo às custas desta criança que apenas caminha! (*Vê Arturo que continua de pé sobre a cama e vai até ele.*) Esse não é meu pai, não pode ser pai de ninguém!... Esse... é um canalha!... (*enxuga as lágrimas.*) Sim, senhor Bráulio! Eu nunca me queixei, mas, nesta casa, por culpa desse sarnento, me têm como pão que não se vende. Canillita, refilha[4] o vento!... Canillita, não está me roubando?... Canillita, você jogou todo o dinheiro! Canillita, você é um bandido!... E pim, pam, pum!... socos, pontapés, beliscões!... (*Com raiva.*) Grande cachorra! Com isso me pagam, com pedaços de pão duro e com sopapos; que me arrebente de trabalhar pra trazer pra eles peso e meio de ganância!... (*Chora.*)

DOM BRÁULIO (*Muito comovido, acariciando-lhe.*) Vamos, rapaz!... Pobrezinho!... Não chore que não é para tanto!...

CANILLITA (*Secando as lágrimas com a ponta do casaco.*) Não, dom Bráulio; se eu não choro!... É que me dá um ódio!... Qualquer dia me mudo e não me veem mais a cara!... Grande cachorra!...

DOM BRÁULIO Vamos, vamos, desajuizado! Deixa de asneiras! Anda e dá um beijo em sua mãe, que não tem culpa. (*Canillita abraça Cláudia, que o aperta soluçante.*)

CLÁUDIA Pobre, pobre filhinho meu!...

CANILLITA (*Desfazendo-se, comovido.*) Já sei que não tem culpa! Antes não era assim, não me batia nem nada. Mas desde que vive com esse tipo!... (*Mordendo com raiva os punhos.*) Uma grande cachorra!... Qualquer dia encaixo a navalha na barriga dele!...

ARTURO Canillita! Vem!... Veja! (*Canillita se aproxima e conversa em voz baixa.*)

DOM BRÁULIO Viu, dona Cláudia?... O que te dizia? Que ganha você em seguir vivendo com esse homem?... Qualquer dia vai suceder uma desgraça, porque o rapaz está feito um homenzinho e anda à flor da pele... Separe-se duma vez de Pichín!

CLÁUDIA Tem razão. Hoje, depois de conhecê-lo bem a fundo, mais que o querer, tenho é ódio... Mas é capaz de fazer qualquer coisa, até me matar!...

DOM BRÁULIO Que há de matar esse malandro!...

CANILLITA (*A Arturo*) Não, não te dou nem te mostro porque estava se descobrindo!

[4]Italianismo com o sentido de dar

ARTURO Sim, me dá!... Vamos!... Não seja mau!... Traz!...

CANILLITA Bom, se adivinha o que é, te dou..., começa com p...

ARTURO Bah!... Já sei... Um pião!...

CANILLITA (*Tirando um pião do bolso.*) E veja que ponta!...

DOM BRÁULIO Parece mentira, dona!... Não sei como existe gente no mundo que se resigna viver uma vida tão arrastada... Livre-se de uma vez desse indivíduo!... (*Indeciso*) Depois de tudo... não te faltaria o apoio de um homem honrado... que diabos!... É o que convém!... Um bom pai para essas pobres criaanças!... Eu... Eu.. por exemplo.

CLÁUDIA É que...

DOM BRÁULIO Ainda lhe tem carinho?...

CLÁUDIA Carinho não!... Mas...

DOM BRÁULIO Bah!... Bah!... Largue-o duma vez!...

ARTURO E o gigante, que fez?...

CANILLITA Como estava muito fraco começou a engordá-lo em uma jaula e todos os dias ia vê-lo... Quando o teve bem gordinho, convidou a todos os outros gigantes pra um banquete e...

DOM BRÁULIO Sim, senhora; aqui estão os remédios. Desta garrafa lhe dê uma colher a cada duas horas e dois comprimidos, um a cada três horas... O doutor disse que tem de alimentá-lo bem, porque está muito debilitado.

CLÁUDIA Quanto lhe deram pelo prendedor?

DOM BRÁULIO Trinta, não mais!... Descontando quatro dos remédios, sobram vinte e seis. Aqui tem a papelada!...

CLÁUDIA Oh, obrigada!... Você me fez um grande serviço!...

DOM BRÁULIO Não creia que me custou pouco. Com a questão do roubo da joalheria não deixou de me causar desconfiança o prendedorzinho!... Mas o que é a mim!... Coloquei tudo em nome de Pichín.

CLÁUDIA Muito bem; obrigado. E diga, o viu por aí?

DOM BRÁULIO A Pichín?... Coisa ruim se encontra sempre. O vi no armazém da esquina. Creio que está no jogo e perdeu alguns pesos. Seguro que daqui a pouco cai por aqui a pedir dinheiro.

CLÁUDIA É claro!... Ai, meu deus!... E se se encontra com Canillita!... Leve-o, dom Bráulio; por favor.

DOM BRÁULIO Como não!... Ei, jovem!... Vamos?...

CANILLITA E como vamos!... Quando quiser.

DOM BRÁULIO (*A Cláudia*) Até logo, dona... E faça o que te disse!... Adeus, pequeninho. Porte-se com juízo... hein?...

CANILLITA Empresta um fósforo, dom Bráulio... e agora um cigarro pra acender... Zás!... (*Acende o cigarro, dá uma tragada e com cômica gravidade dá o braço a Dom Bráulio e fazem mutis*)

CLÁUDIA, ARTURO

CLÁUDIA (*Destampando o frasco do remédio.*) Aqui está o remédio para curar o neném!... (*Enche uma colherada e se aproxima da cama.*) Vamos Arturito. Com isso vai melhorar logo!

ARTURO Não, isso é feio. Eu não quero!...

CLÁUDIA Que feio que nada!... É doce, muito rico!... Veja como eu o tomo!... Vamos, não seja assim... Vamos!... Não seja malvado!... Que não se diga que tamanho homem!... A ver?... Assim, a uma, a duas... e a três... Ahá!... E agora bem cobridinho!... (*Volta à máquina de costura e recomeça a costurar.*)

DITOS, PICHÍN

PICHÍN (*Entra sem cumprimentar, arrasta o baú de debaixo da cama e começa a buscar avidamente. Cláudia observa inquieta.*) Eh!... Quem andou mexendo no baú?

CLÁUDIA (*Aflita*) Ai meu deus!... Busca o prendedor...

PICHÍN Não respondem?... Quem anda com minhas coisas?...

CLÁUDIA Não sei... Ninguém!...

PICHÍN (*Muito alterado, tirando os objetos do baú.*) Como ninguém!... Quem abriu o baú?... eu disse... Como!... Que é isso?... Não está?... (*Se dirige a Cláudia e a segura com violência por um braço.*) Onde está o prendedor?... Onde está o prendedor?... Rápido!...

CLÁUDIA (*Submissa.*) Não sei!... Te digo que não sei nada!... Eu não o peguei!...

PICHÍN Fale de uma vez ou te dou uma!... Que fez com ele?... Diga... Diga.. Diga, te digo!...

CLÁUDIA Nada!... Não me bata; te juro que...

PICHÍN Diga a verdade ou te arrebento!...

ARTURO (*Levantando-se, assustado.*) Mamãezinha!... Mamãezinha querida!... Não bata nela!... (*Cláudia chora.*)

PICHÍN Onde está o prendedor?... Responde!... Fica calada?... Ah, já sei!... Vi sair Canillita!... Com certeza esse bandido me roubou e vocês querem ocultá-lo!... Ah, pivete!... Vou lhe ensinar!... Já verão!... (*Vai-se.*)

CLÁUDIA (*Correndo atrás.*) Não!... Não!... Não foi ele. Não foi Canillita!... Pancho! Pancho!... Fui eu que peguei, Pancho!...

ARTURO Mamãe!... Mamãezinha!... (*Cláudia volta a Arturo e deixa-se cair sobre a cama soluçando convulsivamente.*)

QUADRO SEGUNDO

(Pano de Fundo de Rua)

MÚSICA

Vendemos os diários
Por essa cidade
Por ruas e praças,
Boliches e bares.

"A Nação", "A Prensa",
"Pátria" e "Estandarte",
Se vendem o mesmo
Como fossem pão

Levamos nós mesmos
A curiosidade
Pelos 10 centavos
Que o público dá.

Assim como nas comparsas
Com máscaras e plumeiro
Metemos baile com côrte
Em um tanguinho fuleiro.

E se o governo chama
As classes a formar,
De igual maneira "viva"
O Partido Nacional.

(Canillita, com o grupo de rapazes, avança jogando a chantada com cobres. Tira, pegando no cobre do contrário, e recolhe ambos.)

PULGA Não jogo mais!... Me depenou toda a grana!...

CANILLITA Não seja otário!... Tem mais aí!...

PULGA Sim, mas não quero jogar mais!...

UM Arruma o botão então e jogamos ao sete e meio...

CANILLITA Tem livre?... Aqui está!... Traz, eu dou!

UM E porque?... Não seja sonso!... Dou eu!...

CANILLITA Bem!... (*Sentam-se no solo formando roda*)

UM Carta?...

CANILLITA Fico.

UM Deem a volta!... A seis e meio o prêmio!...

CANILLITA Sete!... (*Recolhe os cobres quando aparece o tano, vendedor de laranjas.*) Zás!... Cocoliche[5]! Como está?

TANO Canillita!... Cosa fate?... Quando me paga os vinte que me deve?...

CANILLITA A ver, rapazes!... À algazarra!... (*os rapazes rodeiam o tano, que se desespera contendo as investidas que lhe dão à cesta.*) Não se assuste gringo!.. Se não te vamos calotear... (*aos rapazes.*) A ver... a formar aqui..., a grana!... Pronto!... (*Todos metem as mãos nos bolsos e no mesmo instante aparece o Pulga a todo vapor, gritando:*) Canillita!... Diário!... Quarta!... (*Todos começam a correr em tumulto.*)

TODOS (*Gritando.*) Diário quarta!... Diário quarta!...

TANO (*Desesperado*) Eh... Canillita!... eh!... Marota do Garnimo!... Me calotearam!...

PICHÍN, DETETIVE

DETETIVE Qual era, ché?...

PICHÍN O que ia na frente, de chapéu cinza...

DETETIVE E está seguro de que ele te roubou o prendedor?

PICHÍN Como não!... Quando eu te digo!... Prossiga por minha conta!... É um gatuno o garoto!... Já me roubou um bocado de coisas. Lembra-se daquele anel que me deixou a gringa quando caiu presa?... Pois bem, me surrupiou numa noite e o vendeu pra um cambalache[6] da rua Liberdade.

DETETIVE Sai dessa!... Não me venha com contos, porque você o deixou empenhado uma noite no do Gardella!...

PICHÍN (*Confuso.*) Bem... Sim... é certo, mas me roubou quando o saquei. Não lembra que o saquei daí uns poucos dias?

DETETIVE Bom... bom!... Está bem!... Vou prosseguir, mas não me coloque numa fria depois, hein?...

PICHÍN Deixa disso!... Já sabe, irmão, que eu!...

DETETIVE Sim, homem!... Dizia pelas dúvidas, nada mais... E onde o agarraremos agora?...

PICHÍN Por alguma tipografia!... (*escutam-se várias vozes.*)

VOZES (*De dentro.*) Diário quarta!... Revolução em Montevidéu!...

PICHÍN Ché... aí está!... É esse mais ligeiro que vem na frente!...

[5]Cocoliche: Pseudo-dialeto mesclando espanhol e italiano. Canillita refere-se aqui ao Tano.
[6]Pequena loja de penhora.

DITOS, CANILLITA

CANILLITA (*Correndo.*) Diário quarta!... Revolução em Montevidéu!... (*Se Aproximando de Pichín.*) Jornal?... (*Ao reconhecê-lo faz um gesto de desagrado, retrocede um passo, cospe com nojo no chão e sai correndo.*) Diário quarta!... Revolução em Montevidéu!...

DETETIVE (*Detendo-o por um braço.*) Ché!... Vem aqui!...

CANILLITA (*Oferecendo um exemplar.*) Jornal, senhor?... Eh?... Pra que me agarra?... Compre, se quiser, e deixe de enrolar! Que também!... (*Faz força para soltar-se.*)

DETETIVE Não te deixarei ir, ché!...

CANILLITA Solta-me filho da mãe!... Carreta do diabo! Por que me agarra?... (*Livra-se.*)

DETETIVE (*Impacientando-se.*) Eh, vamos mal-criado!... (*Saem alguns transeuntes que detêm-se, presenciando a cena.*)

PICHÍN Leve-o, sem mais, à delegacia, que agora vou fazer a queixa!...

CANILLITA (*Assombrado.*) Oh!... E por que vai me levar?... Que foi que eu fiz?... Não posso vender jornais então?... (*Compungido.*) Veja, oficial... Eu não sou criminoso.

DITOS, PULGA, UM CURIOSO

PULGA (*Saindo.*) Diário quarta!... Zás!... Canillita!.... (*Interferindo*) Eh? Por que o agarra?... Não tem vergonha de se meter com um guri? Solte-o!...

DETETIVE Circulando; sem mais...

UM CURIOSO Por que o leva?... Que aconteceu?...

CANILLITA (*Choramingando.*) Veja, senhor!... Eu não fiz nada... Passava vendendo diários e me agarra por vício, nada mais! Fala para ele me soltar!... Juro por esta!... Que não dei motivo!...

UM CURIOSO Solte-o!... Se é por isso, não mais!...

DETETIVE Senhor, eu sei o que faço. É um trombadinha o rapaz!...

CANILLITA (*Erguendo-se, indignado.*) Eu, ladrão!... Uma grande cachorra!... Eu, ladrão!... Ah caramba!... Agora sim que não me levam!... (*Com raiva.*) Larga-me, filho da mãe!...

PICHÍN (*Tomando-o por um braço.*) Marche sem reclamar!... Agora vai dizer o que fez com meu prendedor!...

CANILLITA Seu prendedor?... Oh!... Então era você, canalha! (*Consegue se soltar e cai sobre Pichín, batendo e mordendo-lhe.*) Ladrão!... Ladrão!...

DITOS, AGENTE, VENDEDORES

AGENTE (*Chega da esquerda, correndo.*) Que é isso?...

DETETIVE Leva-me este rapaz para a delegacia!... (*O agente o faz com violência. Canillita, debatendo-se, cai ao solo e se levanta desesperadamente.*)

CANILLITA Ah polícia!... Polícia maldito!... Não me bata, polícia!... (*Se incorpora. O agente o puxa, arrastando-o para a esquerda.*) Ai!... Mãezinha querida!... Eu, ladrão!... (*Voltando-se a Pichín.*) Canalha!... Canalha!...

VENDEDORES (*Em coro.*) Larga ele!... Que o larguem!... (*O agente o vai levando pouco a pouco.*)

CANILLITA (*Pichín.*) Canalha!.... Vai me pagar!... Vou te matar!... Matar!... (*Dá uma cusparada em Pichín, que vai até ele ameaçador.*)

PULGA (*Interferindo.*) Não bata nele!... Não tem vergonha?... Tamanho preguiçoso!... Sai daí!... (*O provoca.*)

PICHÍN (*Voltando-se, ameaçador.*) E a você também!...

PULGA A mim!... Nem morto!... Toma!... (*Afasta Pichín com a tábua que leva na mão e escapa pela direita. Os demais rapazes rodeiam zombando-lhe, e, provocando, fogem em todas as direções. Os curiosos também se afastam. Pulga se volta e grita:*) A vida do cafetão[7]!... A cinco centavos!... (*Pichín, enfurecido, corre atrás dele.*)

(Mutação.)

[7]No original: *La vida del canfli!* . Canfli é diminutivo de canflinflero, cujo significado é algo entre malandro e cafetão, uma pessoa depreciável que vive de enganar e explorar aos demais. Optou-se pela tradução por cafetão pelo tom fortemente pejorativo dos dizeres do Pulga.

QUADRO TERCEIRO

(O pátio de um cortiço com os acessórios necessários, sem esquecer o famigerado varal com roupas brancas dependuradas. Na porta do primeiro limite à direita, Dom Bráulio colocando palha em uma cadeira. Na em frente Vizinha 1ª preparando comida em um braseiro. Junto à do segundo limite à direita, onde supõe-se a habitação de Cláudia, uma tina de lavar e uma porção de roupa molhada; na porta da frente, Vizinha 2ª sentada tomando mate. Ao centro, rapazes jogando amarelinha.)

DOM BRÁULIO, *VIZINHAS 1ª, 2ª, RAPAZES 1º, 2º, 3º, DEPOIS* BATISTA

MÚSICA

RAPAZ 1º	(*Atira a pedra.*) Inferno!...
RAPAZ 2º	Caiu sobre a linha!
RAPAZ 1º	Mentira! Murrinha!...
RAPAZ 2º	Perdeste! Boboca!...
RAPAZ 3º	Não pode falar!...
VIZINHA 1ª	Canalhas! Malandros!
.	Vou lhes ensinar! (*Se empina e brigam.*)
DOM BRÁULIO	A ver, pestinhas, silêncio, a calar!
RAPAZ 1º	É que estão me roubando!...
RAPAZES 2º E 3º	Mentira, dom Bráulio!
RAPAZ 1º	Se lhes vou a dar!
BATISTA	(*Saindo.*) Quem faz algazarra?
VIZINHA 1ª	Quem há de fazer?...
.	Senão esses pivetes!...
BATISTA	Pois já vão a ver!...
RAPAZES	(*Caçoando.*) O cuco. Que medo!...
.	Disparem rapazes,
.	já vai nos comer. (*Fogem.*)
UM VENDEDOR	(*Dentro.*) Chegando, fregueses!...
DOM BRÁULIO	(*Sujeitando Batista.*) O gênio sujeite!...
VIZINHA 1ª	E você, que mete?
DOM BRÁULIO	Senhora, mais calma!
.	Cuide do cozido!

BATISTA Cuidado, maldito,
. que lhe rompo a alma!...

DOM BRÁULIO (*Zombando.*) Está bem, não se irrite;
. sabemos que é mau!...

VIZINHA 1ª Anda-te pra dentro;
. Batista, deixa-o!

VIZINHA 2ª (*Cruzando a cena, começa a torcer a roupa na tina.*)
. Que gente tão má,
. Vidalitá[8]
. Há por esta casa;
. Batista e sua mina,
. Vidalitá
. Se levam a palma.

DOM BRÁULIO Agora, sim se arma
. a farra deveras.

BATISTA Ché Basília, me ia dormir
. apronta a fervura e não te metas.
. (*Faz Mutis.*)
. Com esses encostos, não quero confusão.

VIZINHA 2ª O medo não é zonzo.

VIZINHA 1ª Não sejas tão má!

VIZINHA 2ª Não serei tão má
. Vidalitá
. Com as vizinhas
. Mas que não me corram
. Vidalitá
. Como fossem galinhas

VIZINHA 1ª Deem um osso a esse cão
. Porque está ladrando de fome

DOM BRÁULIO A que não se arranhem
. Vidalitá
. Faço duas apostas;
. São puras esnobes,
. Vidalitá,
. As nossas comadres

[8]vidalita: estilo musical composto de quintilhas ou sextilhas, acompanhado por percussão de caixa ou tambor seguindo o ritmo do canto e violões com acordes arpejados e rasgueados.

FALADO

DOM BRÁULIO Parece que a colheita vai ser molhada... Este vento traz água!...

VIZINHA 1ª Com certeza; e punhos também!...

VIZINHA 2ª Diga, dom Bráulio, o xarope de bico é bom para a tosse?

DOM BRÁULIO Sim; e os emplastros porosos.

DITOS, UM VENDEDOR

UM VENDEDOR (*Com sotaque catalão.*) Toalhas, pentes, cremes, linhas de tricô, agulhas, camisetas, botões de ossos, carretéis de fio, percal, lenços!

DOM BRÁULIO Não!...

UM VENDEDOR Lenços, calcinhas, alfinetes, bordados, chapéis de palha, guardanapos, livros de missa.

DOM BRÁULIO Nãããoo!...

UM VENDEDOR Livros de missa, esponjas, gravatas, cortes de vestido, cartões postais, sabão... Precisa freguesa?... (*Dirigindo-se à Vizinha 1ª.*)

VIZINHA 2ª Não lhe ofereça... O que sobra à senhora é isso... "sabão"... (*Começa a dependurar a roupa.*)

DOM BRÁULIO Segue esbravejando!... (*Esfrega as mãos.*)

VIZINHA 1ª Diga, mercante.... o Bufach[9] é bom para espantar as moscas?...

DOM BRÁULIO Que nuvens!... (*O vendedor vai embora.*)

VIZINHA 1ª, VIZINHA 2ª, DOM BRÁULIO

VIZINHA 1ª Diga: não tem mais o que fazer que colocar sua roupa por cima da minha?...

VIZINHA 2ª Jesus!... Não vão manchar as anáguas da filha de Roca!... Quanto paga, dona, pelo aluguel do varal?

DOM BRÁULIO Já vem água!

VIZINHA 1ª O que a você não importa, vizinha! E faça o favor de retirar esses trapos daí!...

VIZINHA 2ª Trapos sujos!... Trapos sujos!... Que você bem gostaria para dias de festa!...

DOM BRÁULIO Mas que relâmpago!... Eh! Mais calma, madames! Não há porque zangar!...

VIZINHA 2ª Deixe-a, dom Bráulio. O estrilo é livre!...

VIZINHA 1ª É que se não tira você, as tiro eu!...

[9]Marca de inseticida. Era chamado em suas peças publicitárias como *"Bufach: Insecticida - Infalible"*.

VIZINHA 2ª Com o que picam as vespas!... (*Apartando-se.*) Aí estão! Tire-as!...

DOM BRÁULIO O temporal!... Com pedras!... ((*A vizinha 1ª começa a jogar a roupa no chão, a outra parte para a briga. Dom Bráulio intervém, segurando a primeira. Saem crianças e alguns vizinhos.*) Caramba... senhoras!... Quando pararão de fazer tumulto?...

VIZINHA 1ª E você, porque se mete? Velho estúpido!... (*Voltando-se.*) Vou te ensinar, vadia!... Bandida!... Escracho!...

DOM BRÁULIO Eh, devagar!... Veja que se segue assim, vamos levá-la ao jardim zoológico junto com as feras!...

VIZINHA 1ª A mim!... A mim!... Velho inútil!... (*Tenta bater nele.*)

DOM BRÁULIO (*Detendo-a.*) Está com o demônio, bruxa!...

VIZINHA 1ª (*Vencida.*) Ai!... Velho doente!... Batista!... Batista!..

DITOS, BATISTA

BATISTA (*Lentamente, bocejando.*) Que foi?... Não deixam mais um dormir em paz!... Que está acontecendo?...

VIZINHA 1ª Que arranco os cabelos dessa sem vergonha!...

BATISTA E pra isso me chama?... Sempre é você a encrenqueira!... Não te disse que não queria alvoroço?... Caminhe já pra dentro!... Já!..

VIZINHA 1ª Sim, dê razão a ela!... Já sei que anda arrastando a asa a esse escracho!...

VIZINHA 2ª Nem se quisesse!... Não passo azeite no cabelo!...

VIZINHA 1ª Quando não pode, desgraçada!...

BATISTA Caminha pra dentro, já disse!... Anda ou te dou! (*A empurra e vão-se disputando.*)

DOM BRÁULIO, PULGA

DOM BRÁULIO Que gente esta!... Sempre o mesmo esses inquilinos... Bom, em todas as partes é igual. Às vezes me parece que o mundo é um imenso cortiço e todos seus habitantes, Batistas, Pichines, Cláudias e Basílias!... A verdade é que... (*Segue assoviando e tecendo.*)

PULGA (*Correndo.*) Dom Bráulio... meteram em cana Canillita!...

DOM BRÁULIO (*Alarmado.*) Quê?... Como?...

PULGA O agarrou um detetive que ia com dom Pichín.

DOM BRÁULIO Por quê?... O que ele fez?...

PULGA Nada!... Ia vendendo jornais e o pegaram... disse Pichín que lhe roubou um prendedor.

DOM BRÁULIO Oh!... Que infâmia!... Já compreendo!... Pobre rapazinho!... Vamos tirá-lo em seguida!... (*Entra na peça e volta com o chapéu posto, dirigindo-se com Pulga à rua. Várias crianças continuam jogando amarelinha.*)

CLÁUDIA, CRIANÇA, VIZINHA 2ª

CLÁUDIA (*Sai com um monte de roupa e começa a lavar.*) Boa tarde, vizinha.

VIZINHA 2ª Boa tarde, dona Cláudia... Como está Arturito?...

CLÁUDIA Nada bem... Está com muita fadiga... Não quer tomar nada... enfim, necessita cuidados. Estou esperando chegar Canillita para mandá-lo outra vez ao doutor. Não o viram, crianças, a meu filho?

CRIANÇA Sabe, dona Cláudia? Canillita está em cana...

CLÁUDIA Canillita!... Por quê?...

CRIANÇA Por nada!... (*Faz sinal de roubo.*) Surrupiou um prendedor de dom Pichín!...

CLÁUDIA Quê!... Que disse?... Um prendedor!... Ai, deus meu!... Virgem santa!... Eu tenho a culpa!... Eu tenho a culpa!... Pobre filhinho meu!... Eu... eu... eu sou a culpada!... Oh, esse homem... esse homem!... Não ter morrido antes de eu conhecê-lo!... Mas isso não vai ficar assim. (*À criança.*) Diz, aonde o levaram?...

CRIANÇA Aqui à volta, à primeira.

CLÁUDIA Vem... vamos pra lá... Que infâmia!... (*Toma a criança pela mão e vai sair quando aparece Pichín pelo fundo do cenário.*)

DITOS, PICHÍN

PICHÍN Onde vai?...

CLÁUDIA Onde a você não importa! (*Avança.*)

PICHÍN (*Segurando-a.*) Eh! Pára o carro!... Que rebelde está, velha!...

CLÁUDIA Me deixe sair...

PICHÍN Ché!... Ché, daqui não passa!... (*A toma por um braço.*) Que anda querendo?...

CLÁUDIA Que ando querendo?... Que ando querendo!... (*Resoluta.*) Diz, ladrão! Que fez com Canillita?...

PICHÍN Está em cana, por gatuno!... Já verá como daqui a pouco aparece o prendedor!...

CLÁUDIA Não!... Não!... Não há de aparecer tão rápido, infame!... O prendedor peguei eu!... para comprar o pão a essas pobres crianças que por culpa sua vivem famintas. Porque necessitava roupa para elas e para mim, pois o que ganhamos não alcança mais que para te abrigar, miserável!... Sim, eu o peguei!... Eu!... Eu!... Entendeu?... E o empenhei em

trinta pesos para assegurar a saúde de meu filho, e quinze dias de repouso e bem-estar desconhecidos nesta casa; desde o momento maldito em que tive a ideia de colocar os olhos em um canalha, em um bêbado, em um ladrão como você!...

PICHÍN Já acabou?

CLÁUDIA Sim, já acabamos!...

PICHÍN Bom!... Caminha para dentro!...

CLÁUDIA (*Irônica.*) Não!... Para quê?... Se vai me castigar, bata aqui mesmo!... Não tenha vergonha!... Se não é a primeira vez que o faz diante de todo mundo!... Não tenha medo!... Já sabe que nunca me defendi!... Anda, pois! Ou está hoje menos covarde do que o de costume?... Bata-me!... (*Oferecendo-lhe a cara.*) Aqui... aqui na cara!...

PICHÍN (*Sombrio.*) Caminha pra dentro, já disse!...

CLÁUDIA Ah!... Já sei... Quer que eu te dê o dinheiro?... Que te entregue os trinta pesos?... Primeiro...

PICHÍN Anda pra dentro!...

CLÁUDIA Que notável!... Mas será inútil, filhinho! Esse dinheiro é sagrado; não vai vê-lo... De modo que pode ir batendo!...

PICHÍN Eh!... Não aguento mais!... Já!... Pra dentro!... (*A toma pelo braço e a empurra violentamente ao quarto.*)

CLÁUDIA Enfim!... Bate!... Bate!... Valente!...

PICHÍN Toma!... (*Bate no rosto de Cláudia.*)

DITOS, CANILLITA, DOM BRÁULIO

CANILLITA Uma grande cadela!... Assassino!... (*Saca rapidamente um punhal e vai até Pichín. Quando vai desferir o golpe, Dom Bráulio detém seu braço.*) Me larga!... Me larga!... Que mato esse cachorro!... (*Cláudia o detém também. Pichín retrocede espantado.*)

DOM BRÁULIO Deixe-o que já há de encontrar quem lhe dê seu merecido.

PICHÍN (*Recompondo-se.*) Diga, dom, pode me dizer quem lhe deu vela nesse enterro?

DOM BRÁULIO A senhora!... Pra que ilumine o seu!... (*Canillita tenta arrebatar-lhe o punhal.*) Eh, menino!... Fique quieto!... (*A Pichín.*) Pois a senhora me disse que... como vai viver sozinha na casa dela, entende? Na casa dela!... Lhe cuide a porta para que não entrem intrusos...

PICHÍN Ah!... Sim! Está bem!... E onde vive a senhora?... Porque até então viveu na minha e em minha casa não se precisam porteiros... (*Alterado.*) E muito menos porteiros como você... Velho boca-suja!... Entendeu?... Velho boca-suja!... (*Com um movimento brusco, o toma pelo braço direito. Ansiedade.*)

DOM BRÁULIO Está bem!... Não se irrite!... Eu não quero brigar com você...

PICHÍN (*Soltando-o.*) Se vê, pois!...

DOM BRÁULIO (*Apartando-se.*) Tem razão, companheiro... Mas é que a senhora se mudou... Verdade, dona Cláudia, que você se mudou à minha casa?... E em minha casa não entram ladrões durante a noite!...

PICHÍN Que disse?

DOM BRÁULIO Ladrões!

PICHÍN Ah'filho duma!... (*Cai sobre dom Bráulio, este se esquiva e desfere uma punhalada.*)

DITOS, BATISTA

BATISTA (*Saindo.*) Outro tumulto?... (*Fica estupefato.*)

CANILLITA Ah! Dom Bráulio!... Devia ter deixado pra mim!...

DOM BRÁULIO (*Recompondo-se.*) Preferível que acabe eu meus dias em um presídio a que comece você os teus numa cadeia!...

A Pobre Gente

Comédia dramática. Estreou a primeiro de outubro de 1904 pela companhia de Angelina Pagano no teatro San Martín.

Personagens

Zulma
Dona Mónica
Isidora
Giovanna
Teresa
Manuela
Tita
Felipe
Cuaterno
Raúl
O Caseiro
Leiteiro

ATO PRIMEIRO

Habitação pobre em um cortiço. Em cena 3 ou 4 máquinas de costura. Mesa grande ao centro e um aparador ao fundo.

CENA I

FELIPE, MÓNICA

FELIPE (*Falando para dentro.*) Que chatear!... Tantas considerações!... Se não se levanta, vou eu!... E te ajusto as contas!... Todos os dias sucede igual. Que preguiçosos!... Parecem patrões!... (*Resmungando vai abrir a janela e se encolhe ao sentir a sensação de frio.*) Ah, Mônica!... Faz levantar a Tita também... que tenho que levá-la à rua Piedad... a ver se encontra de uma vez onde se acomodar... Que disse?... Isso é... (*Remendando.*) Contemplações! Pobrezinhos!... Pior será que amanhã não tenham o que comer... (*Revisa as roupas que devem estar sobre a mesa.*) E porque Zulma não levou ainda esses coletes?... Porque era muito fardo, não?... Responde, caramba...

MÓNICA (*Aparecendo com um ebulidor, cafeteira e xícaras, com aspereza.*) Já vou, homem!... Que te dói?

FELIPE Nada... que essa deixou quase toda a costura que devia entregar hoje... A senhorita precisa de um automóvel para ir entregar...

MÓNICA Cala-te! Não sabe, por acaso, que essa é a costura devolvida ontem?

FELIPE E não tiveram tempo de colocar esses botões? Como se percebe que eu me ausentei uma noite de casa... As moças viram puro falatório. Quando não estou, ninguém é capaz de fazê-las trabalhar!... Mas para cobrar elas se apressam!...

MÓNICA Sim!... Quando cobram!... Agora deixa de chatear. Se bem sabemos porque você se foi ontem...

FELIPE Tenho eu a culpa se acaso me falte a moeda?...

MÓNICA Se trabalhasse...

FELIPE Veja, ché... O melhor que você pode fazer é calar a boca, sabe?... (*Mônica vai-se murmurando qualquer coisa.*)

CENA II

FELIPE, LEITEIRO, *DEPOIS* MÓNICA

FELIPE (*Seguindo-a com um olhar ameaçador.*) Está muito saída pro meu gosto!...

LEITEIRO Dia... Quantos?...

FELIPE (*Voltando-se.*) Bom dia!... Não sei! A patroa dirá. (*Chamando.*) Mónicaaa!...

MÓNICA (*Desde dentro.*) Já vou!... Que diabos!...

LEITEIRO (*Vendo-a.*) Dia! Manhãzinha fresquinha, eh?

MÓNICA Caramba, chefia; não vou lhe tomar leite hoje... salvo que queira me fiar um litro mais... andam tão mal as coisas...

LEITEIRO (*Tapando o pote.*) Tá... tá... tá!... Já me deve seis pesos! Vasco trabalha e madruga... e ninguém paga...

FELIPE Você sabe, companheiro, que somos bons fregueses.

LEITEIRO Sim... Mas se agranda a conta... não, não! Que todos lhe pedem fiado... Andar do fundo, "chefia, amanha". A outra: "Chefia, não tenho troco."... Pchst!.. Vai ter?... Nem se em troca!... E o leite vai e os pesos não vir... Bom... Andando!... e a ver se amanhã...

MÓNICA Até amanhã... e desculpe, chefia...

LEITEIRO Tá desculpado... (*Vai-se.*)

CENA III

FELIPE, MÓNICA

FELIPE Pra que tanto comprimento! Quando não se tem, não se paga...

MÓNICA Mas tampouco se toma leite... eu não sinto por mim, nem por você... senão por essas pobres crianças que têm que se alimentar... e por Zulma!... Daqui a pouco chega a pobre cansada da caminhada e não encontra nada para tomar café... A sorte é que me sobrou pão de ontem à noite... (*Começa a servir o café.*) Tita! Raul!... Venham tomar o café... (*A Felipe.*) Aí tem...

FELIPE (*Servindo-se.*) Disse que tinha pão?

MÓNICA Sim. Mas não pro seu bico. (*Tira um pão grande da caixa da mesa e o divide em três porções.*) Pra Raul, pra Tita e pra Zulma!

FELIPE Eu não terei nada, não é? (*Pega um dos pedaços.*)

MÓNICA (*Tentando pegar o pão de volta.*) Não seja grosseiro. Parece mentira!...

FELIPE Achou que eu não tinha estômago também? (*Molha o pão no café, enquanto Mônica vai para dentro e volta, em seguida, acompanhada das crianças, que devem aparecer sonolentas.*)

CENA IV

DITOS, TITA, RAÚL

MÓNICA Vamos, Raúl... Aqui tem seu cafezinho... Não seja fraco, caramba!... Isto vai te esquentar...

FELIPE Não lavou a cara?...

TITA Eu sim, papai.

FELIPE E você, seu porco? Já, se lavar... Não vai tomar o café enquanto não... Tá me escutando?...

MÓNICA (*Irritada.*) Fique aí, meu filhinho... que também! Pobre criança!

FELIPE Muito bonito!... Muito bonito!... Um mensageiro com a cara suja! Depois vai querer que os patrões não o descartem... Como se já não tivessem bastante queixas desse menino... (*Empurrando o menino.*) Rápido, vai se lavar!...

MÓNICA (*Iterrompendo.*) Olha, Felipe! Cuidado com me tocar o menino! Se se levantou atiçado, bote seu ovo com todos, menos com estas pobres crianças que já fazem muito por sacrificar por você... Me maltrate a mim, se quiser... O que aconteceu com você?...

FELIPE (*Terminando o café.*) Bom! Farei o que te apetece... Não vou ser eu quem vai sofrer mais!... (*Colocando-se de pé.*)

MÓNICA Sei muito bem!

FELIPE Por onde anda meu chapéu?

MÓNICA E eu que sei?... Busque-o!...

FELIPE (*Dispondo-se a sair.*) Bom, ché!... Quando acabarem eles, me manda a menina me buscar no armazém... (*Voltando-se a Tita.*) Já sabe, senhorita!... Vamos te colocar numa família, pros serviços... a ver se não faz como na vez passada em que se pôs a chorar para voltar pra casa... tem que trabalhar para ajudar os pais... Até logo... Ah... Escute... Quando Zulma chegar com a costura, coloque a todas essas na máquina e a Teresa e a filha de dona Giovanna a trabalhar à mão... E se a gringa velha vier cobrar... que ao sábado, entendeu?

MÓNICA Está bem, homem!

FELIPE Chao!

MÓNICA (*Repentinamente, detendo-o e indo até ele. Em voz baixa.*) Ché, Felipe!... Me deixa alguns centavos... Não tenho nem meio!...

FELIPE Mas se eu...

MÓNICA Não seja assim... Pra carne. Você sabe que ninguém mais nos vende fiado...

FELIPE Tatatatata!... (*Tirando algo dos bolsos.*) Bom, toma estes cinquenta!... Mais não posso dar, minha querida... Tenho que tomar o trangüay[1]...

MÓNICA E as bebidas... já sabia... (*Com um gesto de desprezo.*) Vai, desgraçado...

[1]bonde

CENA V

MÓNICA, TITA, RAÚL

MÓNICA A ver se se apressem, meninos... (*Vai para dentro e volta com uma toalha molhada em uma ponta.*) Você, Raúl, já acabou?... Vem cá... (*O toma por um braço e limpa sua cara.*) Assim não se sente tanto frio... ahá!... Que? Bom! (*Pega da mesa um pedaço de pão que o menino deixou e lhe dá.*) Come no caminho! Já é muito tarde! Vai ligeiro... e não se distraia... (*O acompanha até a porta do fundo, voltando-se.*) Você também, nena... Vá buscar seu pai... Já sabe o que ele disse... É necessário se portar com juízo... Temos que trabalhar todos para nos manter... (*Arruma um laço na cabeça dela.*)

TITA E antes, porque a gente não tinha tanta necessidade?

MÓNICA Porque tinha muita costura. E as coisas andavam melhor... Vá, pois!... Se se instala, amanhã Felipe lhe levará suas roupinhas... Adeus!... (*A beija.*)

TITA E quando virei pra casa?

MÓNICA Não sei... Quando lhe derem permissão.... (*Emocionada.*) Algum domingo!... (*Beijando-a de novo e tratando de dissimular sua emoção.*) Adeus!... Comporte-se bem, minha queridinha!... (*Tita vai lentamente, voltando a cabeça a cada instante. Mônica de frente para o público, não se volta até que a nena tenha desaparecido. Então cobre o rosto com o avental, deixando escapar um soluço. Reposta rapidamente, vai até um canto, pega uma vassoura e começa varrer.*)

CENA VI

MÓNICA, CUATERNO

CUATERNO (*Aproximando com desconfiança.*) Bom dia! Tá sozinha?

MÓNICA Sim, filho... Entre, entre!...

CUATERNO Vi sair dom Felipe, e como queria conversar um pouco com vocês... Zulma está dormindo?...

MÓNICA Que esperança!... A pobre teve que madrugar pra ir no Registro!...

CUATERNO (*Com estranheza.*) Que você diz?

MÓNICA Sim. De noite não lhe deram costura, porque chegou tarde e o patrão lhe disse que fosse buscar hoje às seis...

CUATERNO E Zulma foi?

MÓNICA Como não iria!...

CUATERNO Sozinha?

MÓNICA Lógico... Felipe não podia acompanhá-la, e os meninos tinham de ir ao trabalho!

CUATERNO (*Com gesto de raiva.*) Minha mãe!... Eu não ter sabido... E ainda não voltou?

MÓNICA Ave Maria, rapaz! Não teve tempo, e, além do mais, o que poderia acontecer com ela?

CUATERNO Isso é o que você não sabe... Tantas coisas! Porque não me avisou?... Eu a acompanhava...

MÓNICA (*Iterrompendo a tarefa.*) Rapaz, está me assustando!... Porque esse medo?...

CUATERNO Veja, minha cara... pra mim, que no registro anda alguém arrastando a asa para Zulma e por isso acontece o que acontece...

MÓNICA Que temeridade!... Zulma já me teria dito...

CUATERNO Que vai contar essa probrezinha!... Tem medo que vocês fiquem sem costura... A mim nem isto quis me dizer, mas quando lhe falo do assunto, coloca uma cara que confessa tudo... Que?... Não acha?... Parece que estão cegos!...

MÓNICA Exageros seus...

CUATERNO Exageros?... (*Levantando a voz.*) E a que se deve que desde um tempo nesta parte...?

MÓNICA Cala-te, que estão vindo as ajudantes...

CENA VII

DITOS, ISIDORA, MANUELA *E* TERESA

Isidora, Manuela e Teresa, aparecendo, dão bom dia. Mónica responde e leva os copos.

ISIDORA Como está, Máximo?... Que milagre você por aqui!...

MANUELA Sentimos sua falta!...

TERESA Principalmente uma pessoa...

CUATERNO Você, por acaso?

TERESA Jesus!... Olhe que alguém pode ficar com ciúmes... Se Zulma escuta isso!...

ISIDORA (*Que confere as costuras sobre a mesa.*) Misia[2] Mónica, que disse que tínhamos que fazer com esses coletes?

MÓNICA (*Desde dentro.*) Trocar as presilhas mais pra fora.

ISIDORA Se serão gente!... Veja, Manuela... Isto é devolver por devolver...

MANUELA A ver! A ver! (*Verificando os coletes.*)

ISIDORA Os sem-vergonhas...

[2]tratamento correspondente a Minha Senhora

MÓNICA (*Desde dentro.*) Ah!... E querem que preguem melhor esses botões.

ISIDORA Na cara deles eu os pregaria com muito gosto!...

CUATERNO O que devem fazer é mandá-los assim como estão...

ISIDORA Exatamente... (*Cuaterno caminha nervosamente.*)

MÓNICA (*Saindo.*) Temos que fazer o gosto deles, filhas... Como andamos tão mal na casa, são capazes de pegar em qualquer coisa para nos deixar sem tarefa... Vamos! A trabalhar, meninas... E a tana[3], não veio?...

(Isidora e Manuela repartem os coletes e ocupam as máquinas, limpando-as e colocando-se ao trabalho.)

ISIDORA A tana, dizia?... Acabo de encontrar ela com a mãe, que ia ao mercado, e me disse que logo viriam as duas a cobrar a semana. Gente mais faladora!... Imagina que à noite foram lá em casa dizer pra mamãe que não nos mandasse mais, porque não era mais uma oficina de costura, mas uma oficina de fundição...

MÓNICA Tagarelas...

MANUELA Senhora. Não tenho fio negro!

MÓNICA Verifique se sobrou um pouco no carretel do pote. Zulma deve trazer agora tudo... (*As três moças vão à tarefa, uma fazendo funcionar a máquina, as outras costurando à mão e resmungando algo a meia voz.*)

CUATERNO Sabe, minha cara, que demora muito?... Quer que eu vá a seu encontro?...

MÓNICA Já deve estar chegando!... Não se incomode, filho... Como não tinha para o trangüay, deve estar vindo a pé... Veja, o melhor que você pode fazer é ficar um pouco de dono da casa enquanto eu vou no posto, eh? (*Pegando uma cesta e saindo. Às operárias.*) O nomeio capataz, eh? Muito cuidado com ele!... (*Vai-se.*)

CENA VIII

MANUELA, TERESA, ISIDORA, CUATERNO

TERESA (*Brincando.*) Escute, patrão: poderia nos pagar aquele trocadinho?... (*Risos. Cuaterno não responde e continua andando.*)

ISIDORA Deixe ele que está mal dos nervos... Deve ter tido briga na Manchúria... Por qual lado foi a coisa, Máximo?

CUATERNO Briga não; mas um estrilho!

ISIDORA Conte-nos!.. Não seja malvado!...

TERESA Que conte!... Que-con-te!...

CUATERNO (*Sentando-se.*) Não, não é nada. O que há é que a mim não jogam sujo...

[3]Italiana

TODAS MOÇAS (*Em tom de zombaria.*) Ah!... Claro!!! Naturalmente!...

CUATERNO E estão muito equivocadas se por me vestir de lã vou ser carneiro!...

TERESA Mas conte o que passa!...

CUATERNO Até agora não é mais que uma suspeita, mas pra mim que esse zonzo do Registro...

ISIDORA Ah, o gerente!... Pchts!... Não faça caso... Zulma não dá bola pra ele...

CUATERNO Então ela te contou?... E nada me tinha dito a orgulhosa...

ISIDORA Conhecendo o gênio dela, como queria que fizesse? Além do mais, o homem não foi muito longe ainda porque Zulma o tem com rédia curta...

CUATERNO Minha mãe!...

ISIDORA Não se aflija, homem! Que ganha com ficar assim? Se a mim acontecesse o mesmo que a Zulma, faria o mesmo que ela...

TERESA Filhinha, eu não!... Eu contaria tudo a meu namorado para dar uma lição ao atrevido... Tenha certeza!...

ISIDORA Seu namorado iria parar na 24 de Noviembre, lhe retirariam as costuras do registro...

TERESA E daí?

ISIDORA Pchsst!... Uma ninharia!...

CUATERNO Tem razão, Teresa... Eu é que não preciso que Zulma me diga... Agora mesmo... vou a procurar esse cara e já verão quem é Cuaterno... Não lhe deixo um dente são...

ISIDORA Homem, não se comprometa... Não seja assim!...

TERESA Deixa-o, mulher... Ele saberá o que fazer...

CUATERNO Adeus! (*Vai-se.*)

TODAS MOÇAS Rá, rá, rá!

CENA IX

ISIDORA, TERESA

ISIDORA (*Seguindo-o com os olhos.*) Agora mesmo mandamos a Assistência Pública...

TERESA Ou um carro da Mosca para recolher os dentes. Rá, rá, rá!... Se fosse certo ao menos...

ISIDORA Esse não mata a uma mosca!... Não sei o que Zulma viu em semelhante besta...

TERESA Pensaria que é mais homem porque tem esse corte...

ISIDORA Qualquer um tem um corte... A coisa é batê-lo...

TERESA Exatamente...

ISIDORA Falando formalmente, a verdade é que me dão lástima os dois. Ele um fraco, pura ameaça, mas incapaz de fazer algo, apesar de que a cara lhe guarda o corpo... creio que de tímido não busca emprego. Ela o que de mais mosca morta já se inventou, um ai de mim sem resolução nem energia. Casados, pareceria mais uma junta de perdizes que um matrimônio... (*Se escuta a voz de Cuaterno.*) Não disse; já volta... Se será desgraçado!...

CENA X

DITOS, LOGO CUATERNO *E* ZULMA *DISCUTINDO*

ZULMA Melhor!

CUATERNO É o que me vai dizer...

ZULMA Não tenho nada a te dizer... Me escutou?... E acabemos de uma vez... Bom dia... E mamãe?... (*Vai-se pela esquerda.*)

ISIDORA E?... Tão rápido já deu ao outro?...

TERESA Deixa-o, mulher... Deve ter se esquecido de fazer o testamento... Rá, rá, rá!... Mas já veremos quem é Cuaterno!...

ZULMA (*Saindo.*) Não tem ninguém?

ISIDORA Homens, nenhum. (*Zulma se dirige à porta do fundo.*)

CUATERNO (*Detendo-a.*) Você não vai, milha filha, antes de me dizer aonde esteve... Arreie os cavalos...

ZULMA Que não, já disse!... (*Aos demais.*) Viram o novo pai que me acaba de sair?... (*A Cuaterno.*) Retire-se, zonzo!...

CUATERNO Vai me dizer... Entendeu?... Vai me dizer!... (*A segura por um braço.*)

ZULMA Me larga!...

ISIDORA (*Levantando-se.*) Você escutou... Larga ela...

TERESA (*Levantando-se.*) Vejam o covarde! Solte-a. Que está pensando?...

ISIDORA Mulita... Que gentileza!...

TERESA Porque não se mete com os homens?... (*Ambas o empurram. Cuaterno, confundido, não faz resistência. Zulma deixa-se cair numa cadeira, ocultando o rosto.*)

ISIDORA (*Acudindo a Zulma.*) Não seja zonza, menina! (*A Cuaterno.*) Aqui tem sua obra... Sem-vergonha!... Parece mentira!...

CUATERNO (*Aproximando-se timidamente.*) Zulma!... Zulma!... Me desculpa... Não sei o que aconteceu... Estava desesperado. Mas, me conte a verdade.

Te aconteceu algo? Responda... Esses canalhas lhe faltaram?... Me conte, minha vida, me conte!...

ISIDORA (*Mais amável.*) Deixa ela!... Que pode ter ocorrido a ela?... O susto que você acaba de lhe dar, nada mais...

CUATERNO (*Compungido.*) E porque veio assim do registro, tão tarde e sem trazer a costura?

TERESA Jesus!... Terão dito a ela para voltar em breve...

CUATERNO Voltar!... Fazer ela voltar!... Isso é o que eles querem... Canalhas!...

CENA XI

DITOS, FELIPE, TITA

FELIPE (*Violento, empurrando a Tita.*) Já!... Pra dentro, pirralha imprestável!... Agora sim vai chorar de verdade... (*Ao ver a cena.*) Ché, ché, ché!.. Que comoção é esta?... Digam, então... (*A Cuaterno.*) E você, cavalheirinho, que anda fazendo por aqui?... Não lhe proibi colocar os pés nesta casa?... Fora daqui!... E você, a trabalhar...

ISIDORA Não sei em que... Se não costurarmos a você mesmo...

FELIPE Pra máquina, já disse.

TERESA Vamos, meninas... que se irrita o patrão, é capaz de pagar o que nos deve...

ISIDORA Com que... me comprarei um vestido... Rá, rá, rá! (*Vão-se às máquinas.*)

FELIPE Estão saidinhas!... (*A Zulma.*) E você?... E esta cara de madona desgostada?... Onde está a costura que deveria trazer?

ZULMA Não trouxe nada papai!

FELIPE Como? Porque?

ZULMA Porque já não me dão mais trabalho...

FELIPE Que está dizendo?...

ZULMA O que você ouve...

FELIPE Ché, ché, ché!... Vem cá... Que aconteceu?

ZULMA O que aconteceu é que não volto a colocar os pés nessa casa...

FELIPE Isso será enquanto eu não lhe mande...

ZULMA Nunca, nunca, mais!... Estou cansada de sofrer vergonhas e humilhações, e você não têm consideração comigo, eu me basto e me sobro para fazer-me respeitar. Me entende?

FELIPE Mas, se explique, menina!

ZULMA Já me expliquei o bastante. Se você quer mais claro, saiba que o registro resolveu não nos dar mais o que fazer, e que hoje mesmo despedem da casa Juan Pedro...

FELIPE Com certeza alguma picardia deste mal filho...

ZULMA Não jogue a culpa no pobre rapaz, que nada tem a ver... Eu, eu sozinha sou a responsável... e não me faça falar mais, papai... por favor!...

FELIPE Ah, ai, ai!... Já compreendo tudo... Por isso me encontrei com esse vagabundo aqui... Como a casa não permite que as operárias se apresentem com amoladores, e a senhorita não pode ficar sem a companhia de seu adorado tormento, combinaram vocês dois para fazer-se a demissão!

CUATERNO Isso é mentira!

FELIPE Oh!... Mas já vou lhes consertar... Saiba você, senhorita, que se até hoje lhe permiti essa relação, de agora em diante, tudo se acabou... E você, à rua... Mal-agradecidos!... Tirar o pão de toda uma família... Nos deixar a todos na rua por um capricho!... (*A Cuaterno.*) Saia daqui, já disse!

CUATERNO Não se afobe!... Primeiro quero que me escute umas palavras... Sabe o que ocorre no fundo de tudo isso? Bom... Ocorre que você é um sem-vergonha e um preguiçoso, que sabe que os gaviões do Registro andam atrás de sua filha e, ao invés de cuidar desta moça, a empurra para que a peguem.

FELIPE Ah, sim?... Quer que a guarde pra você, não? Pra que amanhã te mantenha?...

CUATERNO Não costumo viver do trabalho alheio...

FELIPE E porque até hoje não trabalhou pra se casar com ela?... Já a teria levado e me poupava esta vergonha...

CUATERNO Isso tampouco convinha a você.

FELIPE Bom, acabou-se... Você, senhorita, voltará comigo até o Registro agora mesmo... Já resolveremos bem o assunto...

CUATERNO Isso veremos...

ZULMA Não, papai... Disse que não irei e nem arrastada me levam... O assunto não tem senão uma solução... O que eu... Que vergonha!... A esse preço você mesmo seria incapaz de consentir...

FELIPE Bobagens... Não se faça de vítima... Ingrata! Nos sacrifica a todos pelo casinho com esse vagabundo... (*A Cuaterno.*) Ainda está você aqui?... Quer que te expulse a pauladas?

CUATERNO (*A Zulma, meio aparte.*) E vai me deixar ir assim?

ZULMA Eu que sei... Que você quer que eu faça?...

CENA XII

DITOS, GIOVANNA

GIOVANNA Bon giorno!

FELIPE (*Aparte.*) O que faltava!... (*A ela.*) Bom dia!

GIOVANNA Caramba, dum Filipe. Ingracia a dio que si puó trovarlo in casa... Como vai a sinhora Mónaca? Não está?

FELIPE O que deseja?

GIOVANNA Cóme qué quero?... Veniva perqué mi pague a trampita que deve a me filhas... Vucê sabe... a moza trabaca perque tem necesitá... Se fossi rica andaria in carroza tutti il giorno. Ma siamo póveri.

FELIPE Todos somos pobres, senhora...

GIOVANNA Ma cuando non ha del dinero no si mete la gente a fare il patrone. Ha capito?

FELIPE Bom, bom! Não há necessidade de conversar tanto! Até a semana que vem não vou poder pagar o que devo pra sua filha...

GIOVANNA Sun jiá tres setimanas que acade lo esteso, sabe?... E non sono disposta a esperare un dia de piú, un día de piú... Compreende?... Madona santíssima!... Dovera aspetar-me. Con questa raza d'imbroglione!...

FELIPE Eh, senhora!... A gritar na rua!...

GIOVANNA Sicuro!... Andró a dirlo a tutto il vichinato que siete un mascalzone... Non ho miedo, cuando ho ragione... Madona!... Véja su... A moza laborando tutto el giorno, rovinando-se a salute per ingrasare a un cumpadrito que non si merita né meno uma maledicione!... Canalha!...

FELIPE Cala-te de uma vez, gringa dos infernos.

GIOVANNA Vediamo un po. Mi pagate ó non mi pagate?...

FELIPE Já disse que não posso...

GIOVANNA Né meno uma settimana?...

FELIPE Nem um cobre!... Não tenho!...

GIOVANNA Vergonha... Siete davero un mascalzone, un mascalzone... Non tiene...

FELIPE Fora daqui...

GIOVANNA (*Irônica.*) Fuori! Fuori!... Não tenho medo... Non lo credete. Lo diró a tutta la gente, que son uns punta de imbroglioni. Di latri!...

CENA XIII

DITOS, MÓNICA

MÓNICA Que acontece?... Esses gritos!... Se escuta de longe.

FELIPE Esta bruxa, que vem fazer confusão...

GIOVANNA Confusón!... Voglio el mio denaro... Niente altro!...

MÓNICA Bom, senhora. Tenha paciência... Não há!... As coisas andam mal!... o trabalho escasseia...

GIOVANNA Mes...

MÓNICA (*Muito afavelmente.*) Vá tranquila, senhora... lhe prometo mandar-lhe algo amanhã...

GIOVANNA Cosí si dicono le cose... Está bene; asperaró, perqué lei mi lo quiedi in buon modo... Mas il suo marido!... Maledicioni!... Pare un ubriaco... Então... a domani... (*Vai-se.*)

CENA XIV

DITOS, MENOS GIOVANNA

MÓNICA Já estão vendo... Com bons modos...

FELIPE (*Que estava andando nervosamente, a Zulma.*) Viu?... E tudo por sua culpa...

ZULMA Por deus, papai!... Parece até que você queria...

FELIPE Não quero nada... Mas deveria ter tido um pouco mais de consideração com sua família...

MÓNICA Jesus!... Que ocorre?...

FELIPE Uma estupidez... Que foi tudo por água abaixo... que já não temos mais costuras... (*Às operárias.*) Podem ir, sem mais, vocês. Amanhã venderemos as máquinas e do que a gente conseguir com elas, trataremos de lhes dar algo. (*As operárias se vão.*) Depois... a pedir esmola!...

MÓNICA Poderia me inteirar do que acontece?

FELIPE Que te conte ela! Diga pra sua mãe... Diga que acabou de nos arruinar, de acordo com esse bom moço, seu namorado... anda... não tenha vergonha...

ZULMA (*Caindo nos braços de Mônica.*) Que malvados!... Que malvados!... Mamãezinha querida!...

CUATERNO Veja, minha cara. Acontece que...

FELIPE Você se cala... Que fale ela...

ZULMA Sim... vou a falar a verdade... Queriam que eu... Me tomaram por uma perdida de tantas, e vendo que se equivocavam, começaram a me colocar dificuldades no trabalho... Hoje... hoje... foi toda uma vergonha... O de ir a buscar as costuras bem cedo, um pretexto para fazer melhor as coisas... mas eu ia prevenida... e antes me houvessem matado... (*Com raiva.*) Oh! O muito covarde...

MÓNICA Que infâmia!

ZULMA Sim, mamãe, uma infâmia!... Uma infâmia!... Uma grande infâmia!...

MÓNICA Vamos, acalme-se!...

ZULMA Não, isso não é o que mais me aflige... Já passou, e passou felizmente... O que me desespera é encontrar em casa quem me jogue na cara minha honradez...

MÓNICA Ave Maria, menina!...

ZULMA E que seja justo meu pai!...

MÓNICA (*A Felipe.*) Você?... A verdade é que você é capaz de tudo!...

FELIPE Isso é... Agora jogam em mim as culpas... como se já não tivesse bastante com a desgraça que nos cai encima...

CUATERNO (*Aparte.*) Que canalha!...

FELIPE Me parece que, ao invés de ficar chorando e com esses romanticismos, deveriam pensar um pouco no que vai a ser de nós... Se eu tivesse trabalho, não seria nada... Mas falida a oficina de costura, Juan Pedro sem emprego, a Tita, até essa pentelha que se nega a trabalhar; o monte de dívidas que temos encima, e sobretudo a dificuldade de encontrar costuras nestes tempos, não vejo, francamente, não vejo como remediar a situação... Nisso deveriam ter pensado...

ZULMA (*Exasperada.*) Não vê, mamãe? Não vê como tenho razão?

Pano.

ATO SEGUNDO

A mesma decoração. As máquinas desapareceram. Deve-se notar uma pobreza extrema.

CENA I

ZULMA, ISIDORA

ZULMA (*Costurando em uma cadeira.*) A verdade, querida, é que me sinto cada vez mais desconsolada... Tinha razão papai...

ISIDORA Não pense loucuras... Se seu pai não fosse um vagabundo, que passa a vida na esperança do trabalho de vocês, outro galo cantaria...

ZULMA No entanto, no fundo, não é mau o velho... Não lhe faltava nada, nos via felizes, e se entregou à vida mansa, pensando que a coisa ia durar para sempre... Quando todo foi ladeira abaixo e se deu conta de que não podia remediar, começou a cismar a coisa, e a cismar, e a cismar, até que vieram estas más ideias na cabeça... Depois os outros jogavam lenha na fogueira, dizendo que era muito feio que eu tivesse namorado, que Cuaterno os havia ameaçado, que eu era uma grosseira, e sempre estava nervosa com eles, que oferecia um mal exemplo às funcionárias, e patati, e patatá...

ISIDORA E eles não lhe mandaram chamar outra vez?

ZULMA Nem imagina... um monte de vezes... Ele, não vai acreditar, até teve a coragem de vir aqui em casa...

ISIDORA Que me conta?

ZULMA Como escutou. Uma tarde agarrou o velho na rua... lhe fez tomar uns tantos copos e vieram os dois aqui em casa.

ISIDORA E você?... Se escondeu?

ZULMA Não... Estava mamãe adiante e as duas colocamos uma cara que não tiveram vontade de voltar...

ISIDORA E Cuaterno?

ZULMA Nem imagina o pobre... Te juro. Se não o tivesse querido antes, me teria apaixonado por seu bom coração.

ISIDORA O que rimos naquele dia em que queria te vingar.

ZULMA Estava como um louco. E te juro que se não o contenho, comete uma barbaridade... Agora trabalha algo, como suplente no Anglo Argentino, e pesito que consegue, pesito que me traz em seguida... Hoje creio que tinha meio turno... assim é que hoje não aparece mais...

ISIDORA Fez as pazes com o velho?

ZULMA Que só vendo... Lhe paga todas as tardes o suissé, no armazém da esquina e estão muito amigos...

ISIDORA Me disseram que enxuga muito...

ZULMA Papai?... Uma barbaridade... Me dá uma pena... E quando aconselho que deixe a bebida, se coloca em fúria, dizendo que por minha culpa é um desgraçado... Vê?... Esse é meu maior remorso. Pensar que tem razão...

ISIDORA Menina...

ZULMA Sei o que vai dizer... que é preferível a miséria à desonra... mas se estivesse no meu lugar... se tivesse que presenciar a cada momento as cenas terríveis que se produzem nestas quatro paredes; quando falta para a carne, e vem Raúl fatigado do trabalho, fatigado o pobrezinho, Raúl que é quem nos paga a casa, e não tem um pedaço para ele; quando aparece o velho, bêbado perdido, babando insultos; quando até mesmo minha mãe, desesperada, chega a sublevar comigo... se vesse como vou vendo aos meus, a meus irmãos pequenos se perverterem e se degradarem com o mal exemplo e a vacância, tudo relaxado, tudo desmoronando, pela miséria, te asseguro, tremeria por sua honradez... (*Se detém, emocionada.*)

ISIDORA (*Comovida.*) A verdade... a verdade é que...

ZULMA E se uma pensa que existem tantos, mas tantos que se claudicaram e (*Com muita pena.*) se conservam tão felizes... francamente... abandonam... abandonam pouco a pouco os escrúpulos...

ISIDORA Que desgraça!... Que desgraça, querida!... Eu, em seu lugar, não sei o que faria... No entanto...

ZULMA Chist!... creio que vem gente... (*Volta a costurar, cantarolando uma vidalita.*)

CENA II

DITAS, MÓNICA

MÓNICA (*Joga um fardo de roupas ao chão com muita raiva, e voltando-se à porta.*) Vai ter de vir buscar aqui... gringa bandida... Porca!... Sem-vergonha... (*Volta e chuta o fardo.*) A cara!... Querendo que alguém lhe lave sem asco esses quatro trapos... (*Voltando-se.*) Indecente!... Obscena!...

ZULMA O que está acontecendo?...

MÓNICA (*Mais serena, a Isidora.*) Está aqui, minha filha?... Pois essa gringa Giovanna não me quis pagar o lavado...

ISIDORA Ave Maria!...

MÓNICA (*Se volta como que para repetir os insultos, mas se contém.*) A... Veja, que como ficamos devendo uns trocados pelo trabalho de sua filha, como a todas vocês, pretende agora receber com o lavado e me ficou todo o mês me entregando seus trapos imundos e rotos... Verá que roupas... para sair

com essas... Mas vai ter que vir aqui pegá-las, com dinheiro nas mãos, se delas precisar...

ZULMA Não, mamãe... Não faça isso... Você sabe muito bem como é escandalosa a italiana... Daqui a pouco aparece por aqui e nos arma um rebuliço só... Mande para ela, nada mais... Tenha paciência.

MÓNICA Paciência!... Isso é!... Se você tivesse se matado como eu, pra lavar, não diria essas coisas.... Mas como está de senhorita todo o santo dia, pode posar de generosa...

ZULMA (*Com tristeza.*) Mamãe, mamãe!... Porque me diz essas coisas?... Você bem sabe que faço o que posso; muitas vezes lhe ajudo com o lavado, passo, costuro...

MÓNICA Tá bom, tá bom!... Mas estamos podendo muito trabalhar de fiado!...

ZULMA E o que vamos fazer?... Prefere um escândalo?... Andamos tão bem com o encarregado da casa pra dar desgostos a ele...

MÓNICA Bah!... De todos modos... arrebentados por arrebentados, tanto faz chutar o balde duma vez. Não entrego e não entrego...

ZULMA Vamos... não seja caprichosa... Eu levo... Sim?... Sim?... (*Cuidadosa.*) Veja que se não, levo à força... Você me ajuda, não é, Isidora?...

ISIDORA (*Indo em sua ajuda.*) Com certeza... Contra duas não pode... Eu lhe seguro os braços...

ZULMA (*Arrancando o fardo.*) Arárá!... E agora a levar em um pé... (*Vai-se.*)

CENA III

MÓNICA, ISIDORA

MÓNICA Ah, menina!... Menina atrevida... Viu só? Num segundo me fez passar todo o ódio... E que raiva tinha!... Gringa desalmada...

ISIDORA A verdade é que na situação de vocês é uma heresia não lhes pagar pelo trabalho...

MÓNICA É retirar a comida da boca... Não acha?

ISIDORA Exatamente.

MÓNICA E se for ver... Todos são assim.... Desde que estamos na pior, a vizinhança inteira nos vira a cara. Lembra daquela turca que vivia no sótão, a quem levávamos sopa, pão e mil coisas quando estava doente?... Que nos beijava a mão e chorava de agradecimento?... Bom... agora está rica, ganha o que quer pedindo esmola...

ISIDORA Como?

MÓNICA Sim, pedindo esmola com alguns filhos alugados... acredita que outra noite fui lhe pedir uma vela emprestada e me negou?... Uma mísera velinha...

ISIDORA Que barbaridade!...

MÓNICA E a família do 3 e o vigilante do 5 e a mulher do encarregado... Ah! Já nem nos cumprimentam... Sem-vergonhas!...

ISIDORA Vocês deviam é se mudar...

MÓNICA Com o que, filhinha, com o quê?... Ainda bem que nos aguentam aqui ainda... E isso não sei se durará... Temos já a ordem de despejo, mas como Raúl deve cobrar esta tarde nos mensageiros, espero contentar o encarregado.

ISIDORA Menos mal!...

CENA IV

DITAS, ZULMA, *DEPOIS* RAÚL

ZULMA (*Regojizada.*) Vejam!... Vejam... Vejam se não tenho boa sorte... Você não adivinha, mamãe, o que trago!

MÓNICA O que?

ZULMA Adivinha...

MÓNICA Não faço a menor ideia...

ZULMA Se dá por vencida?... O dinheiro do lavado... Vejam...

ISIDORA (*Rindo.*) Rá, rá... Que bom!...

MÓNICA E como foi que conseguiu?

ZULMA Se convence de que mais vale o jeito do que a força?... Pois, muito facilmente... Ao princípio me queria gritar, mas eu, com meus bons modos, dourei a pílula, falando da filha que era muito prendada e que tal e que qual... e acabei por lhe prometer que consertaria o chapéu à moça... E a gringa, claro está, abriu a bolsa...

ISIDORA Bravo!... Bravo!... Fez muito bem....

ZULMA E salvamos a pequena, porque, filhinha, filhinha, eu não queria te confessar que não tínhamos erva... assim é que agora terá mate... ((*Chamando da porta.*) Tita! Tita!... Vem rápido... Rapidinho!... (*Voltando-se.*) Que me dizem agora?... Você, mamãezinha, que já até tinha começado a me insultar. (*Mudando de tom.*) Não me diga nunca mais essas coisas... Se soubesse o dano que me fazem...

MÓNICA Mas quais, menina?

ZULMA Isso de que me faço de senhorita e não trabalho para vocês. (*Aparece Raúl, na porta do fundo, sem atrever entrar, com tristeza.*)

MÓNICA Minha pobre filha!... Foi sem querer... Não farei mais...

ZULMA Bom, bom... Já passou... Um beijo... e a mão... Mas essa menina que não vem... (*Ao voltar-se para chamar, vê a Raúl e se altera.*) Raúl... Você aqui?... A estas horas?...

MÓNICA (*Igualmente supreendida.*) Menino, o que aconteceu?

ZULMA Entra, pois...

RAÚL Não está o velho?...

ZULMA (*Tomando-lhe por um braço com violência.*) Entre, pois, amigo... Que te aconteceu?... Rápido!... Rápido!...

RAÚL (*Com dificuldade.*) Me despediram do trabalho...

MÓNICA Malditos sejam!...

ZULMA (*Aparte.*) Outra desgraça. Meu deus!... (*A Raúl.*) Mas, porque?... Que você fez?... Fala... e cuidadinho com mentir, eh?

RAÚL Eu não fiz nada... Havia uma greve, sabem?... de todos os mensageiros e então uns rapazes maiores me disseram que se não os acompanhava, me iam a dar de maricas!...

MÓNICA E você?

RAÚL Eu lhes disse que sim...

MÓNICA Sem-vergonha!...

ZULMA Deixa ele falar...

RAÚL Mas contei a coisa ao capataz, pra que soubesse que nada tinha a ver com a greve, e aí sem mais começou o capataz a me provocar e a dizer que éramos um bando de frouxos e covardes que todos estávamos metidos e que lhe íamos com o conto e que sei eu... e que nos jogava na rua...

MÓNICA Que pícaros!... Mas te pagaram, ao menos?...

RAÚL Nem fósforos... Depois fomos todos os rapazes a cobrar, um grupo bárbaro, mas nos dispensaram, dizendo que um bocado de pontapés iam nos pagar... Então...

MÓNICA Então o que?...

RAÚL Armamos ali mesmo um bolo, que não ficou vidro inteiro...

ZULMA Muito bem, muito bem feito.

MÓNICA Menina!... Bonito exemplo está dando à criança!... Que barbaridade!... Que vai a ser de nós... Meu deus... Nos amontoam todas, todas as desgraças!... E agora, o que damos ao encarregado, que amanhã nos jogarão os trastes na rua e não teremos pra onde ir?... (*Chora.*)

ZULMA Não se aflija. De piores já nos salvamos... Vamos, se acalme!...

MÓNICA (*Exasperada, esbofetando a Raúl.*) E tudo por culpa sua, travesso!... Por culpa sua...

ZULMA (*Apartando Raúl.*) Que há de ter a culpa! Pobre criança... Parece mentira... Sempre o mesmo... Idêntica música... Antes fui eu... agora você, pobrezinho... (*O beija.*) Vá brincar, onde quiser e não tenha medo... ninguém vai lhe fazer nada... caminhe... (*Vai-se Raúl.*)

MÓNICA Vejo que de um tempo para cá, você está tomando a vida com demasiada calma... Que bicho te picou?

ZULMA Nenhum, mamãe... É que vou me convencendo de certas coisas, que antes não me entravam na cabeça...

MÓNICA E agora vai se convencer de outras piores... Já verá, quando cairmos pelas ruas, como vão te baixar um pouco os modos...

ZULMA Começamos de novo, mamãe?... Não me jurou agora a pouco não tocar mais neste assunto?...

MÓNICA Não tenho culpa se você começa a procurar sarna...

ZULMA Viu, Isidora, o que eu te dizia?... Tenho ou não tenho razão?... (*Isidora faz um gesto de consentimento compassivo.*)

MÓNICA Em que tem razão? Vamos ver... Em que?...

ISIDORA São besteiras nossas... Não se irrita se lhe digo a verdade?...

MÓNICA Diga, sem medos...

ISIDORA Me contava Zulma que você, com as desgraças que estão passando, está agarrando um gênio terrível... Você que era tão pacífica...

MÓNICA Já vê, filha... Por nada?... Por zonzeiras um fica de gênio ruim... Se nos vem abaixo a casa, e encima nos chovem todas as calamidades conhecidas e por conhecer e eu tenho de ficar tão fresca... assim como ela... Olhe, Zulma, quando tiver um marido como o meu, uma cria como a minha, a miséria te tiver mordendo, poderá falar de gênio... Por enquanto, filhinha, o melhor que pode fazer é ficar calada e tomar exemplo...

ZULMA Não creia... Estou aprendendo...

MÓNICA Olha, aí vem Felipe... verá como se coloca ao saber do assunto de Raúl...

ISIDORA Vocês me desculpem, mas eu me vou. Já estou lhes fazendo um visitão. Adeus, senhora...

MÓNICA Adeus, filha! Não te ofereço de novo esta casa, porque quem sabe onde vamos parar...

ISIDORA Adeus, Zulma... (*Afastando-se com ela.*) E tem juízo, cuidado com o que vai fazer...

CENA V

DITOS, FELIPE

FELIPE (*Aparece dando uma cambaleada que o leva quase a trombar com a dupla.*) Ché... ché... ché!... Você por aqui... Me alegro, filha, de verdade que me alegro... Tinha que ir na sua casa para lhes dizer que logo teremos oficina e muita costura e dinheiro a montes... Que viva dom Bartolo.. mé Miltre!... Por estes que é certo... eh?... Que não vá saber a gringa Giovanna, porque pra ela, nada... Pois lhes vou pagar o que fiquei devendo...

ISIDORA Bom. Muito obrigado... (*Faz movimento de ir-se.*)

FELIPE Vem cá... não se vá que tenho coisas mais lindas ainda...

ISIDORA Desculpe... Estou apressada... (*Vai-se.*)

FELIPE Tá bem. Vá... Pss!... Pra o que me importa! (*A Zulma.*) Ah!... Mas você não se vai... (*A toma pela mão com relativa dureza e a conduz ao centro da cena. Vendo Mônica:*) Ché, ché... ché!... Estava aí, automóvel descomposto? Sirva pra algo então... alcança-me duas cadeiras... três... três... porque entra você também na coisa... (*Ao sentar, Felipe cambaleia.*) Estou um pouquinho... eh? Já vai me passando... Foi a alegria... Se soubesse a notícia que trago, me mandavam buscar dez centavos de anis...

MÓNICA Bom, deixa de rodeios e desembucha de vez!...

FELIPE (*Tomando a mão de Zulma.*) Com franqueza, ché... Você, desde a farra da vez passada me tem um pouco de raiva, verdade?... Não me diga que não, porque não acredito... Bom, me tem estrilho... bastante estrilho... A mim, que me importa, não?... Porque te quero e basta... pois... agora vai me tomar carinho...

ZULMA (*Fastidiosa.*) Fala duma vez!...

FELIPE Já vou... Acabo de falar com o gerente do registro...

ZULMA (*Aparte.*) Era o que suspeitava...

FELIPE Eh?... acabo de estar com ele e tudo se esclareceu... Você não teve culpa de nada... de nada... Assim é que, filhinha minha, te perdoo... E viva dom Bartolo... mé Miltre!... Ufff!... Me contou uma história grandíssima... que chatice, irmãozinhos... Resulta que foi ele... que estava de gênio ruim e que você também, e aí sem mais discutiram.... e por isto e aquilo lhe retirou as costuras... O homem não imaginava todo o mal que nos fazia; mas ontem soube de nossa situação por uma operária amiga... amiga dessas, sabem?... (*Virando o olho com picardia.*) e em seguida determinou me buscar... Bom, e nos falamos tomando uns traguinhos... De modo que me ofereceu tirar as máquinas do penhor e que sei eu... e me disse que poderia ir no sábado pegar a tarefa...

ZULMA Eu!... Eu!...

FELIPE Ah!... E quem mais que iria?...

ZULMA Mamãe... Qualquer um...

MÓNICA Exatamente...

FELIPE Ché... ché... ché!... Já começam a queixar... Não veem como são malagradecidas?... Estão morrendo por comer, lhes oferecem um prato e se colocam a provar o gosto... Se qualquer gosto que tenha o mesmo vão comer.

ZULMA Isso não!...

FELIPE Não!... Não!... A santa! Morrerá de fome... Bom... combinamos então

que sábado... espera... sexta ou sábado?... Isso é... Sábado... Armamos a gorda nesta casa. Viva dom Bartolo... mé Miltre!...

MÓNICA Deixa de gritos e me diz uma coisa... É certo ou é lorota tudo isso?...

FELIPE Certíssimo... e me empresta dez centavos...

MÓNICA Não deixa de ser uma sorte... porque, filhinho, a gente já estava se afogando...

ZULMA (*Aparte.*) Parece mentira!... Também ela se alegra!...

MÓNICA Veja que Raúl foi despedido do emprego sem lhe darem um tostão, e o encarregado...

FELIPE Isso sim que é uma porcaria!... E temos de pagar hoje o encarregado!... Onde está Raúl?

ZULMA Pra que o quer?

FELIPE Pra dar um bom sopapo... Por bandido! Se eu tivesse sabido disso, arrumo melhor as coisas... Onde está esse pivete?

MÓNICA Deve estar pela rua... se quiser, o trago... mas, perdoa ele... com uma reprovação será suficiente...

ZULMA Oh, basta! Basta, por deus! Deixem em paz a esse pobrezinho e não se aflijam pelo caseiro... Já se arruma tudo... que diabos!... custa tão pouco. (*Vai-se pelo fundo.*)

CENA VI

MÓNICA, FELIPE

FELIPE (*Ao ver que Mônica tenta fazer mutis pela esquerda.*) Ché, ché, ché! Tem de me pagar a comissão. Me manda um níquel...

MÓNICA Não tenho nem um centavo...

FELIPE E o dinheiro do lavado? Dá... com dez me conformo...

MÓNICA Zulma ficou com o dinheiro. Pede pra ela... (*Vai-se pela esquerda.*)

FELIPE (*Voltando-se.*) Zulma! Zulma!...

CENA VII

FELIPE, CASEIRO *DEPOIS* MÓNICA

CASEIRO (*Aproximando-se.*) Boa noite!...

FELIPE Adeusinho!... Arrumados estamos... Adiante... adiante... Como disse que vai?... Não tenha medo... Entre...

CASEIRO Vinha saber se arrumaram aquilo!...

FELIPE Pchist!... E muito mais... Não sabe a grande notícia? Colocamos a oficina denovo... Com tudo, máquinas, operárias, dinheiro; como no princí-

pio... me entende? (*Tomando-o pelo braço.*) Venha comigo tomar um trago na esquina e lhe conto todo o assunto...

CASEIRO (*Soltando-se.*) Veja, dom Felipe... A mim você não enrola mais... Esperei até hoje... mais condescendência, impossível... Faz dias que já devia ter executado a ordem de despejo e no entanto... Eu não tenho a culpa... Na verdade, me dói fazê-lo... mas você sabe que eu não sou mais que um triste empregado, e amigo, no qual manda o capitão... assim é que... (*Faz movimento de ir-se.*)

FELIPE Ché... ché... ché!... Não ande tão ligeiro, homem... (*A gritos.*) Mónica!... Mónica!...

MÓNICA Que ocorre?... Ah!... Boa tarde... Como vai?

FELIPE Convença este amigo para que nos espere uns dias... Você tem mais argumento...

CASEIRO Lhe asseguro que não me convence...

CENA VIII

DITOS, CUATERNO

CUATERNO (*parece muito regojizado, cantando o Martín se foi à guerra.*) Velha, venha um abraço!... E a você outro, dom Felipe... (*Ao caseiro.*) e a você também!...

MÓNICA Que que é isso?

FELIPE Está louco!... Completamente!...

CUATERNO E Zulma?... Cadê?... Pra ela o abraço mais forte!...

FELIPE Mas homem de deus!... O que te aconteceu?

CUATERNO Que estamos salvos...

FELIPE Quem?

CUATERNO Todos nós... (*Corre a habitação com os olhos.*) Amanhã venho com a cama e a instalo naquela canto; não, naquele outro... comemoramos em família, e dentro de dois meses pro civil em automóvel...

FELIPE Completamente pirado...

CUATERNO De alegria!... Tenho conchavo!... 120 nacionais!... de capataz na estação Laprida... Que lhes parece?

MÓNICA Muito bem... Te felicito...

FELIPE Finalmente se faz gente!

CUATERNO Antes seria, mas...

FELIPE Não se irrite... é uma brincadeira... Mas diz: Não te adiantaram nada do salário?

CUATERNO Não, nem pedirei... Tampouco faz falta, porque um amigo me

ofereceu emprestar amanhã uns trocados...

FELIPE Viva dom Bartolo... mé Miltre!... Agora sim que te dou um abraço... (*O faz.*) E ofereça ao senhor... (*Apontando ao caseiro.*) esses pesos... Estava nos enforcando...

CUATERNO Se os prometo...

CASEIRO Então não digo nada... até amanhã!... (*Vai-se.*)

FELIPE Não se deteve em vão... viram? (*a Cuaterno.*) Ché... suponho que pagará o traguinho agora...

CUATERNO Espere, quero saudar a Zulma... Onde terá se metido?...

MÓNICA Foi pro pátio agora mesmo...

CUATERNO Vou buscá-la...

FELIPE Não se apresse... Já virá... Também ela está louca de felicidade...

CUATERNO Porque?

FELIPE Lhe arrumei o assunto do Registro... No sábado começam a dar costura pra ela...

CUATERNO Que fez, velho dos diabos? Infâmia grande!... E Zulma, que disse?...

FELIPE Contentíssima... Não lhe disse?...

MÓNICA Não exagere!... Não exagere!... Ela não disse nada e tocou pro pátio com cara de poucos amigos...

CUATERNO Quero vê-la... (*Se lança ao pátio.*)

CENA IX

FELIPE, MÓNICA

FELIPE Está louco!... Está louco!...

MÓNICA Quem sabe se não está mais sóbrio do que nós mesmos!... Não sei porque me anuncia o coração uma barbaridade muito grande!... A menina não queria ir no Registro!.

FELIPE E pretendia que a gente morresse de fome por seu capricho!...

CENA X

DITOS, CUATERNO

CUATERNO Tia!... Zulma não está no pátio... nem na calçada!

MÓNICA Talvez esteja aqui dentro... (*Sai pela porta da esquerda e volta em seguida.*) Tampouco...

CUATERNO Tia... Tia... A Zulma acontece algo...

MÓNICA (*Também alarmada.*) Não seja louco!... Que?...

FELIPE Deve estar de papo com alguma vizinha...

CUATERNO Não, se já perguntei por todo pátio e ninguém viu ela...

MÓNICA É estranho. Talvez algum dos meninos saiba pra onde ela foi... (*Chamando ao pátio.*) Raúl!... Raúl!...

FELIPE Terá saído com Isidora...

MÓNICA Vê?... Isso muito bem pode ser... (*Chamando.*) Raúl!... (*Raúl se aproxima da porta.*)

CENA XI

DITOS, RAÚL

MÓNICA Entra, pois...

RAÚL (*Escapando.*) Não... não me batam...

MÓNICA (*Sujeitando-o.*) Vem cá, não tenha medo... Viu Zulma?

RAÚL Sim... Agora pouco!...

CUATERNO (*Ansioso.*) Onde? Onde?

RAÚL Saiu à rua e tomou um carro que passava... (*Estupefação.*)

CUATERNO Um carro?

RAÚL E me disse: Adeus, já volto!...

FELIPE Ché, ché, ché!... Tosse ruim sinto ao gato...

CUATERNO Aqui aconteceu algo... Respondam...

MÓNICA (*Que se deixa cair em uma cadeira.*) Pobre filha minha!...

FELIPE Que vai acontecer!... Nada!... Estava o mais contente, porque eu a havia perdoado... Pra mim que nos fez uma picardia...

CUATERNO Oh, a hei de encontrar!... (*Vai-se.*)

RAÚL Eu vou com você... (*Corre atrás.*)

CENA XII

FELIPE, MÓNICA

FELIPE (*Depois de um relativo silêncio.*) E você, que opina disso?... Me fala uma coisa: conhecia algum outro namorado da moça?... Porque isso de ir num carro me dá muito que pensar... Fale, pois... Deixa de ficar choramingando... Despreocupe-se... Não deve ter morrido...

MÓNICA E se se trata de uma desgraça?

FELIPE Desgraça?... Vamos; não pense nessas coisas... (*Impressionado.*) Seria muito triste... Desgraça de que gênero?... Que quer dizer?...

MÓNICA Se a pobre filha tiver tido o mal momento de cometer um disparate...

FELIPE Qual disparate?...

MÓNICA (*Soluçando.*) O de suicidar!...

FELIPE (*Espantado.*) Suicidar?... E porque?... E porque?...

MÓNICA Quem sabe!... Fomos ruins com ela...

FELIPE A pobrezinha... E nós teríamos a culpa... Por deus, não diga essas coisas!... Salvo que agora, um pouco embriagado que estava, me tivessem escapado algumas más palavras... No entanto, te juro que falava sem intenção de ofender... Além do mais a tinha perdoado... (*Enxuga uma lágrima.*) Não!... Deus não vai querer nos mandar essa desgraça. Não é verdade, velha?... Não é tão mau deus... apesar de tudo...

CENA XIII

DITOS, RAÚL, ZULMA, CUATERNO

RAÚL (*Alvoroçado.*) Aqui está... Aqui está... A perdida!... (*Os velhos se incorporam radiantes.*)

ZULMA Sim... A perdida!... (*Joga um monte de costuras no chão.*) Aqui têm!... (*Avança uns passos mais, olha a Cuaterno, que deve entrar com ela, e deixa-se cair soluçando.*)

Pano.

Mão Santa

Sainete, estreado no teatro Apolo pela companhia de José J. Podestá em 9 de junho de 1905.

PERSONAGENS

Maria Luísa
Carlos
Dona Lina
Dona Anunziata
Dona Eduarda

Ato Único

No quarto de cortiço habitado por Carlos e Luísa. Porta única ao fundo. Cama de casal de ferro, guarda-roupa, criado mudo, lavatório e outros móveis amontoados quase à direita. A metade esquerda, ocupada por uma mesa, uma cômoda com pratos e cristaleira, em cima uma máquina de costura, cadeiras, braseiro e utensílios de cozinha. Nas paredes, em lugar de honra, um grande retrato de Karl Marx e diversas figuras e alegorias socialistas.

Cena I

MARIA LUÍSA

MARIA LUÍSA (*Com o cabelo solto a ponto de enfeitar-se para sair, colocando com pressa alguns pratos e recipientes com comida sobre a mesa.*) Ai! Uma hora já... Mas esse Carlos não pensa vir? Que aborrecimento!... (*Indo às vezes até a porta.*) Menino!... Torito!... Quer chegar até o armazém e ver se está meu marido? Sim, vamos.. Vou te dar um níquel. Rapidinho, hein? Se estiver, diz-lhe que a comida se esfria... Que faz uma hora que está servida. (*Voltando-se.*) E se não estiver, que se dane. (*Diante o espelho, terminando o penteado.*) Eu é que não perco a consulta hoje. Já me custou três vezes em vão, e todas por chegar tarde. (*Buscando algo.*) Agora, onde deixei a peineta[1]? Não digo? Se todos são inconvenientes! (*Impacientando-se.*) Mas se agora mesmo a tive nas mãos... Aqui... Aqui mesmo a coloquei com os grampos e o perfume... (*Busca sobre a mesa, confere a cômoda, a máquina, cada vez mais irritada.*) Não digo? Se não é para perder a cabeça!... Ufff!... E Carlos que não chega... Comerá tudo frio... Mas a peineta... Depois não querem que a gente se adoeça... Senhor! Há duendes em casa? (*Confere de novo por diferentes lugares, jogando roupas e objetos no chão.*) Ufff! Que raiva! (*Compungida.*) E agora, com o que prendo o cabelo? Vamos ver! Com que?... Me dá vontade de romper as mexas duma vez... e de não ir a lugar algum. (*Leva as mãos à cabeça, nervosamente.*) Não digo? Depois dirão que não é coisa de irritar. Ela estava na minha cabeça... E perdendo o tempo... (*Com um gesto violento atira a peineta no chão.*)

[1] Adereço feminino, de origem espanhola, utilizado de pé no cabelo, normalmente acompanhado por uma mantilla. Em alguns lugares são conhecidos como peines ou peinecillos.

CENA II

DITA, LINA

LINA Com licença, se pode? (*Depois de certificar-se de que não há ninguém mais.*) Ave maria, mulher!... Ainda está nisso... Veja que são como... mais de uma hora e lá tem que chegar cedo, se não quiser que a viajem seja em vão... Pensei que a encontraria pronta... e no entanto...

MARIA LUÍSA Que quer que eu faça? Tudo se une para aborrecer-me. Crê que Carlos ainda não veio almoçar?

LINA Que transtorno, filha... E hoje que a coisa se mostrava tão linda... Venham, tragam-na sem mais, me disse dom Salvador, que lhe darei preferência, se as vejo cedo, e com uma passadinha lhe arrumo os nervos... que pelos sinais, o que deve ter essa senhora é uma febre nervosa, e isso, com meu fluido, sumiria em um segundo. Tenha, veja, o mar de sartificados[2]... e de gente graúda... Estão os de Unsueses, os Anchorenas, os de... que sei eu! Famílias, bem, todas... desenganadas por quanto médico que há nessa Buenos Aires, e que não tiveram outro remédio que rebaixar-se a que lhes curasse Mão Santa... e assim são, para que veja: imagine que não deixam publicar os sartificados que senão já teria dom Salvador mais casos novos que Mojarrieta para publicar.

MARIA LUÍSA Uf! Que raiva! Não digo... Estou condenada a não sair nem amanhã...

LINA Que está acontecendo?

MARIA LUÍSA Nada! E eu que sei!... Não posso prender o coque... Não vê? (*Movendo a cabeça.*) Está frouxo... torto... como o diabo!... Também estes malditos grampos... (*Raivosa, entortando um grampo.*) Hum!... Hum!... Já está... Não saio e não saio!... (*Deixa-se cair numa cadeira.*)

LINA Calma, mulher... Quanto mais reclama, pior...

MARIA LUÍSA Também, está de brincadeira o senhor meu marido... Não sei o que está fazendo que não chega duma vez...

LINA Já chegará... não se aflija... Tome um grampo bom, acabe esse penteado tranquilamente e resolvemos... Que ner... ner... ner... nervos... O costume, sabe... Que nervos, mulher. Tem que tratar-se; isso não pode ser bom. Não entendo porque dom Carlos não quer que você se assista com Mão Santa... Serviu o grampo? Mais vale assim...

MARIA LUÍSA (*Concluindo o penteado.*) Se Carlos aparecer, você se despede e se vai... Nos vemos na esquina...

LINA Isso que ia te falar... Pois... para mim, toda a oposição de seu marido a Mão Santa são coisas que lhe ensina o doutor Repetto e esse outro doutor

[2]Certificado, na maneira como Dona Lina fala. Possui o sentido tanto de carta-registrada (testemunho) quanto de atestado médico.

Ingenieros; o fato é que, como são socialistas, não querem que os demais vivam de seu trabalho e saibam curar melhor que eles...

MARIA LUÍSA Quer me pegar a bata que está sobre a cadeira?

LINA Com muito gosto, minha filha... Que linda a blusa!... Ah!... Mas não viu a "Caras y Caretas" de hoje?

MARIA LUÍSA Não; as deve trazer Carlos... (*Abre o guarda-roupa e troca de bata detrás do espelho.*)

LINA Não sabe o que está perdendo... Pois... publica nada menos que o retrato de dona Anunziata, a gringa do três...

MARIA LUÍSA Que me conta! Por... ?

LINA Com o sartificao... Não vê que lhe curou a ciática, então?... Veja... enquanto você acaba de se vestir, cruzo o pátio e lhe peço o número. Verá... (*Saindo.*) Ali está na porta... (*a vozes.*) Dona Anunziata. Quer me emprestar o número para mostrar a dona Luísa?... Ah sim!... (*Voltando.*) Aí vem a tana[3], toda orgulhosa...

MARIA LUÍSA Me faz o favor?...

LINA Prender-lhe? Como não mulher... Que gracioso!... Não é zonza a gringa... Mandou um retrato de quando era jovem, tirado lá na Itália. E saiu bem, como boa moça.

CENA III

DITOS, ANUNZIATA, *TRÊS OU QUATRO CRIANÇAS*

ANUNZIATA (*Desde fora, com forte sotaque italiano.*) Caminhem... Vão-se, lhes digo, pra casa... Que têm a fazer com sua mãe? Posso entrar?

MARIA LUÍSA Sim, adiante senhora.

ANUNZIATA Licença... Já, saiam daqui... É um trabalho dos diabos com estas crianças, sempre presas nos poleiros da mãe, como se fossem alfinetes... (*Avança com uma criança no braço e seguida de duas ou três crianças mais.*) Boa tarde... Pra que queriam ver-me a cara?... aqui o trago... Está todo sujo, já sabem... Também é um burburinho... todo o pátio abarrotado porque querem ver-me...

MARIA LUÍSA A ver...

ANUNZIATA Que te parece, eh?

MARIA LUÍSA Muito bem... A ver o que diz!... (*Lendo.*) "De prodígio em prodígio". "Novas maravilhas do fluido misterioso. Sete anos de sofrimento".

[3] Aférese *(foneticamente a perda de um som ou grupo de sons ao início de uma palavra)* de napolitana. Por extensão, tana se refere também a italianas, e não somente a napolitanas. Normalmente utilizado em tom depreciativo.

ANUNZIATA Isso é a verdade... Leia e verá o certificado que colocaram ali. (*As crianças vão pelo cenário.*)

MARIA LUÍSA Ah, sim!... (*Lendo.*) "Senhor dom Salvador Rodríguez. Tenho o prazer de lhe agradecer pelo presente. A cura maravilhosa que me fizestes, depois de sete anos de constante padecer em mãos das mal chamadas celebridades médicas, sofrendo de várias enfermidades, entre elas uma gastrite nervosa de suma gravidade e uma ciática pertinaz." (*Falando.*) É disso que devo sofrer também...

LINA Ciática?

MARIA LUÍSA Não... esse nervosismo... gastrite nervosa...

LINA Quem o sabe!... Talvez seja...

MARIA LUÍSA O médico disse que não é nada... Mas eu sei que estou doente, me encontro mal, cada vez pior... Que era que sentia, senhora, para a gastrite?...

ANUNZIATA Bom... para dizer a verdade...; mas sosseguem-se meninos... Querem levar um coro? Desça você daí, que vai cair, caramba!... Como ia dizendo... essa coisa eu não sei o que é... Talvez seja a dor de cabeça que sentia quando andava muito ao sol, mas sabe? Dom Salvador me disse que eu sofria e eu coloquei no papel. E quando ele diz, será porque sabe;

MARIA LUÍSA Não andava meio transtornada, com vontade de chorar e assim, nervosa, irritada, raivosa? Que sei eu!

ANUNZIATA Tampouco... Que esperança! Sou muito pacífica... Ah!... mas quando meu marido se embebeda... então sim que me irrito de verdade e me dá raiva... Mas vejam o que estão fazendo esses meninos... Ah, pedaços de pícaros... Como se não acabaram de comer tamanho coso de minestra!... Já, sai daí, atrevido... E você, sem vergonha.... Já vão ver em casa que surra... Você me desculpe...

CENA IV

DITOS, CARLOS

CARLOS Tarde... Caramba, quanta gente por aqui...

ANUNZIATA Vim mostrar uma coisa a sua senhora, mas com esses meninos não posso estar tranquila em parte alguma... Saiam já daí, atrevidos! (*As crianças fogem.*)

CARLOS (*A Maria Luísa.*) Como está minha negra? Muito irritada? Tem razão, mas acontece que estragou um linotipo...

MARIA LUÍSA Aí tem você, que tanto zomba de Mão Santa, a cura maravilhosa que ele fez...

CARLOS Adeusinho!... Começamos de novo?...

MARIA LUÍSA Não... leia, leia e se convencerá... Aqui está... de corpo pre-

sente a vizinha boa e sã depois de...

CARLOS Tá, tá, tá! (*Enfatizando.*) Depois de sete anos de constante padecer, desacreditada pelas notabilidades médicas... Não é assim?... Vejamos! Quer que eu adivinhe o final? "E, em prova de minha gratitude, lhe autorizo a publicação deste certificado, desejando que contribua na divulgação de sua ação benéfica para a humanidade adoecida!" Que te parece?

ANUNZIATA (*Às crianças.*) Saim! (*Vendo que se foram.*) Ah! Não está nesum!...

MARIA LUÍSA Me parece que não possui tanta confiança com a vizinha para rir-te dela...

CARLOS De maneira alguma... Rio é desta exploração inócua...

LINA Exploração? E no entanto a tem diante de seus olhos, vendendo saúde, depois de passar a vida trabalhando para o médico e o boticário... Não é certo, dona?

MARIA LUÍSA E prostrada na cama com uma... como é mesmo?... gastrite nervosa, gastrite nervosa, entendeu? Tremenda!...

CARLOS Caramba, nada menos?

LINA E a ciática?

MARIA LUÍSA De matar... Uma ciática tão grande que não lhe parava alimento no estômago...

CARLOS Ciática no estômago? É terrível essa enfermidade! Se curou bem, senhora?

ANUNZIATA Sim, senhor. Às vezes quando faz tempo ruim me dói um pouco, sabe?...

CARLOS O estômago?

ANUNZIATA Não; a ciática... Esta é coisa que me operaram no hospital, na vez passada, aqui na perna...

CARLOS Ah!... E foi isso o que curou Mão Santa?

ANUNZIATA Veja; para dizer-lhe a verdade, eu não sei bem o que tinha, mas dom Salvador me disse que já estava curada, e a mim me parece que curada estou. Não é assim? Apetite ao menos não me falta, graças a deus...

CARLOS E a mim tampouco... Não terei de consultar-me com Mão Santa para comer bem...

ANUNZIATA Caramba!... Vocês ainda sem almoçar e eu aqui ocupando-lhes...

CARLOS De nossa parte, senhora...

ANUNZIATA Além do mais tenho o que fazer, também; Assim é que bom

proveito e até logo...

LINA Eu também me vou... Tenho que sair e... bom proveito. (*Mutis.*)

CENA V

MARIA LUÍSA, CARLOS

CARLOS Bom proveito!... Podiam ter saído antes... Tenho uma fome... (*Analisando a comida.*) Bem chinfrim o almocinho... Como para enfermos de gastrite... ou de ciática no estômago, como disse a gringa...

MARIA LUÍSA Bem se reconhece que já tomou seu aperitivo.

CARLOS Pela fome de matar?

MARIA LUÍSA Pelo que fez... Caçoar desta pobre mulher. Esse é seu socialismo?

CARLOS Sem dúvida... Impedir que se explorem a ignorância e a credulidade da pobre gente é também socialismo... Mas deixemos de coisas e comamos de uma vez... Não me sobra muito tempo...

MARIA LUÍSA Se tivesse vindo antes...

CARLOS Mas mulher... Aconteceu que na tipografia...

MARIA LUÍSA Não necessito desculpas... Coma calado que será melhor...

CARLOS Isso espero fazer agora: poder comer....

MARIA LUÍSA Ninguém lhe impede...

CARLOS E você não vem?

MARIA LUÍSA Não tenho vontade...

CARLOS Poderia servir-me, ao menos... Ou me rebaixou à categoria de animalzinho doméstico?... Vamos, deixe de besteira; para reproches é suficiente... (*Carinhoso.*) Façamos as pazes, negrinha, e...

MARIA LUÍSA Não; Não me venha com bajulações... Agora não tenho tempo de te atender...

CARLOS (*Ressentido.*) Bom... Está bem... Pombinho! Pombinho! Carlitos!... Aí tem seu pedaço de pão... ponha-se a comer... (*Começa a comer.*)

MARIA LUÍSA E, além do mais, tenho que sair... (*Pega o chapéu e coloca.*)

CARLOS Agora me atino!... Não tinha percebido a elegância... Então vai? De verdade?... (*Cantarolando com música do hino de Riego:*)

Adeus ingrata Panchita.
Adeus até que nunca mais, amém...

MARIA LUÍSA E em seguida... Quando sair, fecha e deixe a chave na vizinha...

CARLOS A não!

MARIA LUÍSA Como?

CARLOS Que não! Primeiro vai você me dizer pra onde vai...

MARIA LUÍSA Se quero, será.

CARLOS (*Severo.*) Maria Luísa!

MARIA LUÍSA Quer dizer que não posso ver minha mãe que está doente?

CARLOS (*Levantando-se, demudado.*) Como? Como?

MARIA LUÍSA (*Confundida.*) Hoje... me mandou avisar que fosse. Por deus é certo...

CARLOS Ah não! Ah não! Pra onde você ia? Rápido. Responde.

MARIA LUÍSA Eu? Eu?... Não te disse? A vê-la...

CARLOS Mentira! Acabo de encontrar-me com ela e me disse que viria em seguida pra cá... Mentira!.... Pra onde você ia?...

MARIA LUÍSA Não veem? Não veem? Não veem como sou desgraçada? (*Pondo-se a chorar.*) Ai, meu deus! Meu deus! Quisera morrer agora mesmo... Agora mesmo!...

CARLOS Não te vão salvar as lágrimas... Diz, diz, diz pra onde ia? Rápido porque me sinto capaz de...

MARIA LUÍSA Não, não quero... Não posso...

CARLOS Que é isso?

MARIA LUÍSA Sim... sim, quero!... Mas deixa-me... não vê que estou ficando louca?

CARLOS Quem se enlouquece sou eu se você não falar rápido... Porque mentia? Porque? (*Segurando-a por um braço com alguma violência.*) Vamos ver... porque?...

MARIA LUÍSA Isso é... Bata-me se quiser!... Bata-me!...

CARLOS (*Soltando-a.*) Eu!... Bater-te!... Não penso nisso, mas... (*Dominando-a.*) Vamos, tranquilize esses nervos e me diga a verdade... A verdade, eh?

MARIA LUÍSA Eu não minto nunca, sabe? Nunca!

CARLOS Você acaba de prová-lo, senhora!

MARIA LUÍSA Não é certo... Sabe o que mais?... Você não viu mamãe... Quer arrancar de mentira verdade. A pobre está doente, de cama...

CARLOS Por favor, Maria Luísa... Não brinque com a minha paciência! Pra onde ia? Mente de novo, se quiser..., inventa outra coisa... Desculpe-se ao menos de algum modo... mas não siga expondo-me a suas tonterias. Já não é de hoje que me tens com o sangue fervendo.

MARIA LUÍSA Sim, já sei que está cansado de mim e que quer me matar de desgostos...

CARLOS Eu!... Eu!...

MARIA LUÍSA Sim, senhor. Você mesmo. E não contente com ser um desconsiderado e ter-me aqui enferma, morrendo, sim, morrendo, por falta de assistência, agora pretende colocar a mão em cima.

CARLOS (*Exasperado.*) Onde já se viu descaro igual! Ah, não!... Isto não pode seguir assim... Ah, não!...

MARIA LUÍSA Também digo o mesmo... Ah, mãe do céu, que sou desgraçada!... Que sou desgraçada!... Isso é o que te ensinam os socialistas? A maltratar as mulheres? Ah, ah, ah!... Não posso mais!... Me vou, meu vou desta casa...

CARLOS Sim, senhora... Sem dúvida!... Mas antes tem que dar-me uma explicação...

MARIA LUÍSA Eu sou livre, sabe?

CARLOS Livre?... (*Dominando-se.*) Tem razão... Completamente livre... Era o estabelecido... Mas essa liberdade mesma devia ter-te impedido enganar-me e trair-me... Eu te disse, ensinando minha moral: "O matrimônio não nos vinculará mais do que nosso amor". Se deixar de querer-me, me diga honrosamente e recuperará sua liberdade... De modo que não tinha porque me enganar, não tinha necessidade de me enganar... E isso é o que me subleva e me enfurece... Porque, vamos ver, porque o fez? Por pura maldade, por pura perversidade...

MARIA LUÍSA Mas Carlos... que coisas está dizendo? Ficou louco?

CARLOS (*Cruzando os braços diante dela.*) Quer dizer que nem o direito de raciocinar me deixa?...

MARIA LUÍSA (*Ingênua.*) Eu fazia às escondidas porque sabia que você não gostava...

CARLOS Se precisa tupé...

MARIA LUÍSA Se me tivesse dado permissão, não passaria isto...

CARLOS Eu!... Para essas coisas!...

MARIA LUÍSA Sim, você mesmo... Seria capaz de negá-lo?... E bem claro me dizia: "Não lhe faça caso... é um charlatão..."

CARLOS Estarei em meu juízo? Quando aconteceu isso e de quem está falando?

MARIA LUÍSA De quem? De dom Salvador!... De Mão Santa!

CARLOS Mão Santa... De Mão Santa?... De modo que... Vamos... isto deve se aclarar com calma... Pra onde ia?...

MARIA LUÍSA Não acabei de falar? Com dona Lina para ver Mão Santa...

CARLOS Não minta...

MARIA LUÍSA Carlos!

CARLOS Teve tempo para inventar, não?

MARIA LUÍSA De modo que você... que você suspeitava?...

CARLOS Sim, sim; Suspeitava... e suspeito...

MARIA LUÍSA Que eu... Ah, meu deus! Se serei desgraçada!... Se serei desgraçada!... (*Caminhando, nervosa.*) Pensar de mim semelhantes coisas!... Duvidar de mim!... Que infâmia!... Mãe de minh'alma!...

CARLOS Não pode me dizer que não me faltaram motivos...

MARIA LUÍSA Não veem?... Não veem?... Agora me joga as culpas. Oh!... Mas isto não pode ficar assim... Bem me parecia que queria se desfazer de mim... Que estava farto!... Por isso me ensinava essa moral dos socialistas... Liberdade absoluta... O dia que se cansas de mim... Adeusinho. Com casamento e tudo...

CARLOS Mas que audácia!...

MARIA LUÍSA (*Encarando-lhe*) E não conseguiu melhor pretexto do que o de me ofender assim? É um infame! Agora mesmo me marcho desta casa... Agora mesmo. E se quiser averiguar a verdade, pergunte a dona Lina.

CARLOS Não; você não se marcha...

MARIA LUÍSA Pois verá se não me vou... (*Faz movimento de ir-se.*)

CARLOS (*Detendo-a.*) Não vá!

MARIA LUÍSA Isso veremos...

CARLOS Não, se você se for...

MARIA LUÍSA (*Com um movimento brusco o afasta e sai. Carlos vacila um instante e corre atrás. Vozes e rumor de luta. Depois de uma pausa, reaparece Maria Luísa chorando a gritos e corre a cair na cama.*)

MARIA LUÍSA Me bateu!... Me bateu infame!... Me bateu, mamãezinha! Mamãezinha!...

CARLOS (*Cabisbaixo, avança uns passos e deixa-se cair em uma cadeira; depois de um instante.*) Foi sem querer!

MARIA LUÍSA Mamãezinha! Que sou desgraçada!... Bater-me a mim!... Insultar-me e bater-me!... (*Exasperando-se.*) Ai, ai ai!... Eu quero morrer! Me morro!... Me morro!...

CARLOS Oh!... Estas mulheres... (*Se levanta e aproxima-se da cama, suplicante.*) Maria Luísa!... Maria Luísa!... Foi sem querer!...

MARIA LUÍSA Saia... Não se aproxime de mim... Infame! Monstro!...

CARLOS Foi por acidente... Te juro!...

MARIA LUÍSA Não se aproxime... Ai, mamãezinha!... Me morro, me morro!... Me morro!...

CARLOS (*Comovido.*) Não se exaspere, minha negra!... Perdoa-me... Perdão!... Lhe asseguro que um mal movimento do braço... Queria detê-la, e como

estava assim tão nervoso... Acalme-se... negrinha, por favor!...

MARIA LUÍSA Retire-se, hipócrita... Tudo acabou entre nós... Para sempre!... Ai, ai, ai!... Bater-me na frente de todo mundo...

CARLOS (*Aparte.*) Tem razão, pobrezinha!

CENA VI

DITOS, EDUARDA

EDUARDA (*Impelindo-se.*) Não me diga! Onde está minha pobre filha?... Já me contaram no pátio tudo sobre o escândalo... Luísa querida!... (*A coloca nos braços.*)

MARIA LUÍSA Ai, mamãezinha de minh'alma! (*Se joga em seu colo.*)

EDUARDA (*A Carlos.*) Aí tem sua obra.

CARLOS (*Afastando-se.*) Hum!... O assunto agora se complica... Não podia ter vindo esta senhora mais oportunamente...

EDUARDA Acalme-se, filhinha... Não me conte nada, porque tudo me disseram as vizinhas... Acalme-se, seque essas lágrimas, arrume o cabelo e em seguida nos vamos pra casa. Bem lhe dizia que esse homem não era bom.

MARIA LUÍSA (*Mais tranquila, diante o espelho.*) Ai, como tenho esta cabeça... desarrumada...

EDUARDA Pois arrume-se e em marcha... Você não deve ficar um minuto mais nesta casa...

MARIA LUÍSA (*Arrumando-se diante do espelho, com voz entrecortada.*) Já o sei... Que desgraça!... Quem iria crer, depois de tanto tempo de vida feliz... E eu que o queria tanto...

EDUARDA Assim paga o diabo a quem bem o serve...

MARIA LUÍSA Se eu lhe tivesse dado algum motivo, o mais insignificante motivo, desculparia tudo... Mas, nada, mamãe, nada... Nem isto... Tivemos uma briguinha e porque eu quis ir para sua casa... Zás!...

EDUARDA Filhinha, agora não tem mais com o que se preocupar... Sairá com sua mãe e veremos se há quem atreva impedi-lo...

CARLOS Se alude a mim, senhora, pode ficar tranquila. Maria Luísa tem razão: a ofendi gravemente, e se não me perdoa, é muito dona para dispor de sua vontade...

MARIA LUÍSA Sem dúvida que me ofendeu...

CARLOS Não nego, querida, confesso minha culpa... mas ao melhor ponho em minha defesa.

EDUARDA Que fez? Vamos ver? Que fez a ela?

CARLOS Não penso discutir, senhora... menos ainda com você... Diz-me, Maria Luísa: não fui sempre bom, leal, condescendente, amável, afetuoso, carinhoso contigo? Responde...

MARIA LUÍSA Não sei.

CARLOS Sabe você muito bem.... Constituíamos um modelo de afinidade e convivência, o lar mais feliz, quando de repente sem saber como, nem porque, começam a brotar incidentes e conflitos na casa... maus gestos, caprichos, ciúmes...

MARIA LUÍSA Bem sabe que estava enferma...

CARLOS Até isso... doenças imaginárias!... E eu com toda paciência, suportando tudo... Veja, senhora, como não minto... Este é o almoço que me esperava hoje; não o toquei. Isto, esta porcaria e servido assim... (*Pausa.*) A bomba estava cheia e estourou para o pior dos lados... (*Lentamente.*) E sucedeu o que sucede sempre... umas palavras... uma dúvida... uma trapalhada... (*como retificando-se.*) Sim, uma trapalhada estúpida, estúpida!... e... todo o resto...

EDUARDA Poderá ser certo o que você diz, mas nunca há razão para espancar uma mulher indefesa... e na frente de todo mundo...

MARIA LUÍSA Isso não... Não exagere mamãe... Me bateu assim, de levinho no colo...

CARLOS (*Animando-se, aparte.*) Parece que melhora minha causa...

EDUARDA Forte ou devagar, a vergonha é a mesma. Está pronta?... Vamos desta casa...

MARIA LUÍSA (*Vacilante.*) Sim, senhora!... Nos vamos... mas... espere... acho que deixo algo...

EDUARDA Já o mandaremos buscar... Vamos... (*Secamente a Carlos.*) Servir a você...

MARIA LUÍSA (*Vontando-se.*) Ah!... Amanhã virão buscar minhas coisas...

CARLOS Não se incomode... As mandarei...

EDUARDA (*Desde a porta*) Apresse-se, menina...

MARIA LUÍSA Vá caminhando, que a alcanço... (*A Carlos.*) Ah!... E para que se convença, agora virá dona Lina a dizer-lhe aonde íamos... (*Vai-se sem olhar pra trás.*)

CARLOS Está muito bem, senhora... (*Quando a vê transpor a porta.*) Maria Luísa!

MARIA LUÍSA Que?

CARLOS Podíamos dar a mão, ao menos...

MARIA LUÍSA Ah! A mão? Bom!...

CARLOS (*Atraindo-a.*) E... se me perdoa...

MARIA LUÍSA (*Efusiva.*) Me perdoaria você?... (*Se aproximam e se beijam.*)

CENA VII – FINAL

DITOS, ANUNZIATA *COM UMA CRIANÇA NOS BRAÇOS, A POUCO* EDUARDA

ANUNZIATA (*Com seu filho nos braços.*) Com licença... Vim buscar a "Caras y Caretas", que me ficaram esquecidas e toda a gente vem ver meu retrato e o que disse de Mão Santa...

MARIA LUÍSA (*Acariciando a criança.*) Viu, Carlos, que belezura de menino?... (*Beijando-o.*) Anjinho!...

CARLOS Aqui está sua revista!...

ANUNZIATA Obrigada. Desculpe, eh? Até logo.... (*Indo-se.*) Se precisar, já sabe... (*Mutis.*)

CARLOS Eu não... Mas se você quiser estudar de novo as curas maravilhosas do Mão Santa.

MARIA LUÍSA (*Tomando-lhe a mão.*) Não!... Tenho aqui de novo as de meu "Mão Santa". Esta me curou deveras!...

EDUARDA Vem ou não vem?... Ave Maria que pouca vergonha!...

Pano.

Os Mortos

Drama, estreado no teatro Apolo no dia 23 de outubro de 1905.

Personagens

María Julia
Amelia
Liberata
Luis
Jorge
Vigilante
Lisandro
Julián
Lalo
Ricardo
Agustín
Gerente
Garçom

ATO PRIMEIRO

Uma sala de jantar

CENA I

JULIÁN, AMELIA

JULIÁN (*Se levanta e busca onde jogar o toco de seu charuto.*) Quer que te ajude? Não terminou ainda?

AMELIA (*Desde seu quarto.*) Sim, vem... Não!... Não, não, não!... Tenha paciência... Quero te fazer uma surpresa!... Que me veja vestida.

JULIÁN Mulher!... Faz meia hora...

AMELIA (*Fechando a porta.*) Não seja louco... Não vai entrar...

JULIÁN Jesus!... Nunca te vi os braços! (*Aproximando-se e fazendo força para abrir.*) Vamos... não seja tola!... Que?... Mas tonta... Será por acaso a primeira vez que...? Abra-me, então... Se me tentou. Te alcancei a ver um pouquinho e... Bom, você tem a culpa... Pensa que impunemente se tenta a curiosidade de um homem!... Eh?... Como?... (*Irônico.*) Claro!... Na hora certa o lustre se apaga!... Mas deixa de bobagens. Abra!... Abra para mim, por favor!...

AMELIA (*Aparecendo.*) Pois bem!... Aqui estou!... Não, não!... Afaste-se um pouco!... Assim não!

JULIÁN E como?

AMELIA Vai lá, mais longe... A surpresa.

JULIÁN (*Afastando-se.*) Aqui estou, pois!...

AMELIA (*Avançando, majestosa.*) Que tal? Me fica bem?

JULIÁN Com certeza! Assim!... Esplêndido!... Tem bom gosto.

AMELIA Descobriu só agora?

JULIÁN Confirmo mais uma vez.

AMELIA Não está esculhambada a saia deste lado?... Parece que arrasta um pouquinho...

JULIÁN Que esperança!... Eu que sei... Cai muito bem, elegantíssimo... Vejamos as costas?... Vire-se.

AMELIA Não pude prender a bata. Para isso pensei te chamar.

JULIÁN Ah!... Permita-me, sou muito prático. (*Trabalha inutilmente tentando abotoar a bata.*)

AMELIA (*Coquete, movendo a cabeça.*) Para abotoar... ou para...?

JULIÁN (*Acertando.*) Ah!... Já entendo!... Para as duas coisas, filhinha!... O último soa ser mais difícil... Bom... já está!... E agora?...

AMELIA Que?

JULIÁN (*Corrigindo-a.*) Que?... Que?... Naturalmente!... Acha que trabalho debalde?... A gorjeta, pois!...

AMELIA Ah!... Com que... A gorjeta?... Sim!... sim... sim!... Fiquei bem de costas?...

JULIÁN Lindíssima!...

AMELIA E agora me verá com chapéu. Precisamente aqui está. (*Tira um chapéu da caixa e o coloca. Quadrando-se.*) Que me diz?..

JULIÁN Digo... digo que estou esperando que me paguem meu trabalho...

AMELIA Vejam só que coisa!... E eu que achava que fosse cobrar adiantado...

JULIÁN (*Beijando-a*) Assim?

AMELIA Deveria tê-lo feito desde o começo...

JULIÁN Perdoa-me, sou tão tímido...

AMELIA Anjinho!... Pura inocência!... Bom; suponho que agora seus amigos não dirão que anda com uma brega...

JULIÁN Oh!... Verá nesta noite... Vamos ao Cassino... gran palquete grillé... Depois a Palermo, de automóvel e a cear por lá...

AMELIA Isso não!... Mão quero me exibir... Para ti, para ti sozinho, todo este luxo... Me leve para onde quiser, desde que não tenha muita gente...

JULIÁN Tonta!... Seria sua revanche...

AMELIA Não, não, não!... Lisandro anda por todas partes e poderia nos ver...

JULIÁN Deixe de escrúpulos!... Como se seu marido não estivesse inteirado... Em todo caso, vai comigo e estaria bem protegida.

AMELIA E o escândalo?... (*Chamando.*) Mamãe! Quer ver quem está chamando? Bem sabe que não tenho medo dele, mas me desgostaria colocá-lo em ridículo.

CENA II

DITOS, LIBERATA

LIBERATA Se pode entrar?

AMELIA Sim, senhora!... Caramba!... Desde quando você precisa de permissão?... Está tomando um ar de serviçal!...

LIBERATA (*Seca.*) Não me agrada ver certas coisas... É isso!...

AMELIA Que coisas?... Jesus!... Está ficando muito sensível!...

LIBERATA Sempre fui... sabe?... E, além do mais, não tenho que te dar conta... Aí mandam este pacote de "La Especial"...

AMELIA Ah!... O trajezinho para Lalo!... Vão ver que beleza!...

LIBERATA O homem aguarda o recibo...

AMELIA É verdade!... Quer assinar você, Julián?

JULIÁN Sim, senhora! (*Assina e o entrega a Liberata, que faz mutis.*)

AMELIA Veja que belezura! Que alegria para meu Lalo!... Pobrezinho!... Anda feito um mendigo e com o que pude economizar do vestido, veja, até botinas lhe comprei!...

JULIÁN Ché!... A velha anda nervosa comigo...

AMELIA Contigo não. Não faça caso dela. Está choca.

JULIÁN Pois que deixe de besteiras. Se está incomodada, que vá embora, que diabos!... Bom, até logo. Se eu não vier, te mando um carro. Talvez te convide a comer... Ah!... meu uísque. (*Pega o copo servido.*)

AMELIA Não, Julián! Não beba mais...

JULIÁN Mulher!... Que besteira! (*Bebe.*)

AMELIA Se soubesse quanto dano me causa vê-los beber assim...

JULIÁN Bah!... Isto não faz mal...

AMELIA Meu marido dizia o mesmo, e você sabe onde foi parar...

JULIÁN No entanto, o vício de seu marido foi a causa de nos conhecermos... Você é uma ingrata com o álcool!... Vamos, não se irrite... Tchau, eh? (*Vai pelo fundo. Amelia o acompanha.*)

CENA III

AMELIA, LIBERATA, LALO

AMELIA (*Regressa alegremente, tira o chapéu que volta a guardar na caixa, se olha no espelho com coqueria, e vai-se, desprendendo-se o vestido.*)

LIBERATA Venha, venha!... Já verá!...

LALO (*Resistindo.*) Não, mamãe nata, não fui eu!... Foi o Chirulo que pôs meu cobre na rua para que o achatasse o trangua[1]!

LIBERATA Jesus!... Assim acontecem as desgraças!... Ah!... Você não sai mais da casa!... Ouviu bem?...

LALO Não fui eu, lhe digo vovó!... Pergunte a papai e verá como é certo. Eu estava sentadinho...

LIBERATA Seu pai? Onde o viu?...

LALO Na calçada... sempre vai ali no armazém... E quando me vê, me chama...

LIBERATA E você vai?... Não!... Já não disse que não deve dar ouvidos?...

[1] bonde

LALO Eu não lhe dou ouvidos, mas ele vem onde estou e... Hoje me deu esse níquel, veja, e me disse que daqui a pouco vai me trazer um lindo presente... E depois, sabe?... depois me perguntou se eu queria ir viver com ele...

LIBERATA Ah, sim?... Pois cuidadinho em não voltar a pisar na rua... Não faltava mais!... Eu devia ter adivinhado!...

LALO E isto é para quem?... pra mim?... Ai que lindo!... E botinas novas... Ai!... Me vista, vovó!... Só pra provar. Depois eu tiro...

LIBERATA Sim, filho... venha cá...

LALO Ai, que lindo!.... Que lindo!... O papai que mandou, verdade?...

LIBERATA (*Despindo-o.*) Este... sim... digo, não!... O comprou sua mãe.

LALO E com que grana? Papai deu alguma?

LIBERATA Não seja curioso!... Veja como tem as pernas este porco... Venha cá... Os sapatos... assim... Mas fique quieto! Rárá!... Já tem o suficiente para perambular, até que rompa... Esta calça te fica muito larga... muito larga!... Terão que devolvê-la...

LALO Não!... Mentira!... Me fica muito bem. Ai, com bolsinhos! (*Coloca as mãozinhas nos bolsos, muito orgulhoso.*)

LIBERATA Isto é para guardar porcarias...

CENA IV

AMELIA, LALO, LIBERATA

AMELIA Caramba que estilo!... Parece um homenzinho! Quanto luxo!... Deixa-me ver... Lhe colocarei eu a blusa.... Assim!... Coloca aqui o braço... não se apresse... Assim... O mais lindo... verdade?

LALO Os belos andam por Palermo, tá? E agora vai me levar para passear de carro?

AMELIA Com certeza...

LALO Com dom Julián?

AMELIA Não, senhor!

LALO E com papai, sim?

AMELIA Já te disse pra não se lembrar mais dele. Seu papai não é seu papai, tá?

LALO E quem é meu papai, então?

AMELIA Bom, acabou!... Troque essa roupa e vá brincar...

LALO Não!... Me deixa um pouquinho... Prometo não sujar...

AMELIA Está bem!... Vá!...

LIBERATA (*Detendo ao menino.*) Não; pra rua não, que esperança! Ao pátio, se quiser!... (*O conduz para a esquerda.*)

LALO Sozinho?... No pátio ninguém vai ver minha roupa!... Deixa!... Vou me comportar direito!... (*Liberata o leva e regressa.*)

LIBERATA Por aqui anda esse.

AMELIA Lisandro?... Ainda?... E que quer? É tão sem-vergonha que seria capaz vir me ver outra vez... Diga-lhe que pare de me aborrecer!...

LIBERATA Isso não me preocupa... Tenho medo de...

AMELIA Medo?... Medo de que?...

LIBERATA O menino!... Me parece que anda tramando algo para surrupiá-lo!

AMELIA Que?... A meu filho?...

LIBERATA É filho dele também.

AMELIA A meu filho? Com que direito? Se guardará muito bem!... Esse perdido! Não faltaria outra coisa! Vamos ver... Que aconteceu?

LIBERATA O procura... lhe fala... trata, enfim, de atraí-lo com carinhos... Qualquer dia não o vemos mais...

AMELIA Ah! Canalha!... Vai precisar de um alfaiate no seu enterro! Lalo! Lalo!...

LIBERATA Deixa em paz a criança... Que entende o pobrezinho!...

AMELIA Quero proibir-lhe de sair à rua e ensiná-lo como deve fazer quando Lisandro lhe falar.

LIBERATA Não cometa loucuras, mulher!

AMELIA Você também! Poderia cuidar dele um pouco melhor... Não deixá-lo andar solto por aí, e claro está que...

LIBERATA Então é isso!... Coloca em mim a culpa agora? Pra que você é a mãe?

AMELIA Não posso estar em tudo!...

LIBERATA Porque não quer!... Se se dedicasse um pouco mais a seu filho...

AMELIA Me detenha, se lhe parece...

LIBERATA Que esperança!... Você é livre!... Mas estou vendo no dia que menos esperarmos Lisandro nos tomando o menino com todo o direito...

AMELIA Que?... Fale claro, claro!...

LIBERATA Antes, a razão estava do teu lado, agora, se vai à justiça, quem sabe!...

AMELIA Não entendo. Faça o favor de não andar com tantos rodeios. Já faz dias que a vejo muito misteriosa.

LIBERATA Digo que se você não se porta bem...

AMELIA Como me porto?... Fale!... Como me porto? Se apareceu um defunto a você! E não é novo! Desde que Julián vem a esta casa que você anda tão irritada; tivesse me advertido que não lhe gostava e tudo se resolvia... Eu... não a enganei... Disse bem claro: "Julián é um bom moço, o quero e antes que continuar passando miséria estou disposta a aceitá-lo."É ou não é verdade?

LIBERATA Sim, sim!... Não se altere!... Aceitei tudo, me resignei a tolerá-lo porque não tinha outro remédio... Mas... mas... Quer que te fale com franqueza?... Bom, filha... Não gosto deste homem!... É muito jovem para você e meio destrambelhado...

AMELIA É bom e generoso e me quer. E isso basta!... Você tem aversão a ele sem motivos...

LIBERATA Que esperança, filha!... Se te digo algo é para teu bem... Já que nesta vida é preciso tratar com certas coisas, seria preferível uma pessoa mais séria, mais reservada, um homem de idade que pudesse oferecer um futuro a você e a teu filho...

AMELIA Com certeza!... Um grande senhor, um forte comerciante, um sobrenome ilustre, um desses respeitáveis anciões... Não, senhora!... Muito obrigada!... Já muito me estropeou minha juventude esse cretino do meu marido para que possa me resignar agora a tolerar uma nova escravidão. Se se sente incomodada me diga que posso te arrumar outro lugar... Tranquilamente... tão carinhosas!...

LIBERATA Não. Já sabe que não posso me separar do menino... Por ele faço isto. Escuta-me: Tente ser mais reservada, não se exibir tanto. Amanhã seu marido consegue provar nos tribunais que você leva uma vida assim, meio alegre, e nos toma o menino.

AMELIA Quer dizer que devo seguir tiranizada pelo meu senhor marido. Se preocupará muito antes de tentar algo. E se tentar... Hum! Vamos, senhora, tranquilize-se e...

CENA V

AMELIA, LIBERATA, LISANDRO

AMELIA Que quer você nesta casa?

LISANDRO (*Da porta.*) Nada... Vinha trazer essas botinas para o menino.

AMELIA Não lhe proibi de se colocar ante minha vista? O menino não precisa de presentes de ninguém! Pode ir embora!...

LISANDRO (*Avançando timidamente.*) Não se irrite, Amelia!... Me vou!... Irei em seguida... não penso te incomodar nem te dizer nada. Sabe?... Um amigo me devia uns pesos... Rovira, lembra-se dele?... Bom, me devia uns pesos e quando me viu se lembrou que devia e me pagou... vinte e sete pesos que eu havia emprestado...

AMELIA Acabe duma vez...

LISANDRO Eu então comprei esse sapatos pra Lalo e... não se irrite!... Aqui trago o que sobrou se te faz falta... (*Amelia, constrangida, abaixa a cabeça.*)

LIBERATA Infeliz... (*Igualmente impressionada faz um gesto compassivo.*)

LISANDRO Som vinte e cinco!... justinhos... Para algo servem...

AMELIA (*Docemente.*) Não, não, Lisandro!... Guarde-os!... Não me fazem falta...

LISANDRO É porque sou eu quem os traz?... A mim tampouco fazem falta! Toma... Eu vim porque... porque tinha vontade de vê-lo e presenteá-lo com as botinas... Não está?... Se não quiser que me veja aqui em casa, digo, aqui em tua casa, me leve ele à porta com a avó. De verdade que não te fazem falta os pesinhos?

AMELIA Mamãe!... Traga-o!... (*Liberata vai-se.*) Sente-se.

LISANDRO Está muito levado? Não te dá muito trabalho? Pobrezinho! Hoje lhe dei dez centavos e ficou contentíssimo... Disse que pensava guardá-los para juntar muitos e comprar um traje de calças grandes... Está pensando em mandá-lo à escola depois das férias? Eu, no seu lugar, lhe ensinaria a ler em casa... É muito melhor... Na escola...

CENA VI

DITOS, LIBERATA, LALO

LIBERATA Aqui está...

LALO (*Espantado.*) Oh, em casa!... Ah! Já sei!... Veio me trazer o presente!... Vamos ver?... (*Corre até Lisandro que o levanta nos braços beijando-o com efusão.*)

LISANDRO E você?... Não quer me beijar?... Vamos, um beijo a seu papai!...

LALO (*O beija na boca e volta a cara com repugnância.*) Uff!... que cheiro ruim!...

LISANDRO (*Impressionado, limpando-se com o dorso da mão.*) Ah! o cigarrinho!... É o cigarro... Os cigarros de folha que fuma seu papai!...

LALO E meu presente?

LISANDRO Ah!... O presente. (*Se interrompe surpreendido ao ver o traje flamante do menino e olha alternadamente aos circunstantes.*)

LALO Aí está ele!... A abrir!...

LISANDRO Não, não! Não é isto!... Não pude trazê-lo!...

LALO Mentira!... Quer é me enganar... Me dá... me dá agora. (*Lhe toma o pacote e o desembrulha rapidamente.*) Que besteira!... Umas botinas!... (*As deixa cair.*) Veja as que eu tenho... Estas sim que são lindas... (*Lisandro oculta a cabeça entre as mãos.*) Te deu raiva porque são mais lindas... Não é?... Veja!

LIBERATA Menino, venha! Deixa de incomodar as pessoas. (*O leva.*)

CENA VII

LISANDRO, AMELIA

LISANDRO (*Depois de um momento, reagindo.*) Amelia!... Quer que façamos as pazes?... Não posso!... Não posso viver assim!...

AMELIA Não, Lisandro!... Me prometeu não tocar mais neste assunto... Anda!...

LISANDRO Tem razão!... Fui um infame!... Já não tem remédio!... Sou um desgraçado!... Não é certo?... Completamente perdido!... Te deixo... Se acabou! Mas vai me prometer uma coisa! Cuide-o muito!... O pobrezinho não é culpado. Adeus. (*Afastando-se.*) Virei vê-lo alguma vez!... Quando não estiver bêbado!...

AMELIA (*Compassiva, vendo sair Lisandro.*) Que infeliz!...

LISANDRO (*Voltando depois de um breve mutis.*) Ah! Quer me dar os sapatinhos?... De todos os modos já... para que?

Pano Lento.

ATO SEGUNDO

A cena representa o amplo e luxuoso sótão de um bar aristocrático e central. À esquerda do ator, segundo marco, se levanta uma ampla escadaria que dá frente ao público e acesso à rua. Suspensa, ao centro da escada, uma planta de samambaia em luxuoso vaso sustentado por correntinhas douradas. Nas bandeirolas e claraboias existirão vidros coloridos iluminados por dentro. Nas paredes: quadros de paisagens e mosaicos de cores vivas e variadas. Ao pé da escada, uma ampla mesa preparada como para uma ceia de seis pessoas com as cadeiras que a rodeiam descansando inclinadas à beirada da mesa, mostrando que está reservada. No salão várias mesinhas com toalhas e uma grande em linha reta à mesa colocada ao pé da escadaria e ao primeiro marco à direita do ator. Antes de se levantar o pano, a orquestra interior executa um "lieder" popular que é coreado pelos fregueses no momento em que se abre o pano. Ao terminar os aplausos, bravos, bis, insistentes. Os músicos voltam ao motivo principal que também se acompanha. Novos aplausos. Os músicos se retiram do tablado. A primeira mesa do primeiro marco à direita está ocupada por Ricardo, Luis, Antonio e Jorge, um grupo de rapazes que beberam seus vários meio-litros. As mesinhas da esquerda com serviço de comida, livres. As restantes ocupadas por fregueses ingleses ou alemães. Um ou outro par elegante comendo. Os garçoms cruzam constantemente a cena, servindo champanhe, cerveja, licores. Vê-se, durante todo o ato, pessoas que sobem ou descem a escadaria central. Uma família estrangeira, casal e filhos, abandona sua mesa e, ao terminar a música, sobem lentamente a escada.

CENA I

LUIS, RICARDO, JORGE, GARÇOM

LUIS (*Observando a família que vai.*) Vejam!... O gringo bêbado com a família!... Que exemplo para os filhos! Assim se ensina aos beberrões!

RICARDO Vão ver como eu acerto!... (*Toma um pires e o joga contra o grupo. O freguês se volta a olhar para todos os lados e se vai, encolhendo os ombros. Gargalhadas no grupo.*)

LUIS Não se meta, não seja bárbaro!...

RICARDO Se é um alemão de otário!... Que tem?... Vejam só os escrúpulos deste!... Quando é você que vai dar por aí não tem ninguém que o aguente.

LUIS Uma casualidade.

RICARDO Naturalmente. Sem ir mais longe, ontem à noite no "Aues" te teria dado por provar a pera aos gringos... Se livrou duma complicação pior

porque deus é grande...

JORGE Se embebedou ontem a noite também?

RICARDO Ilusões, ché!... Amanheceu na terceira com o Pato, com Manolo, o negro Franco e outros mais. Fizeram uma confusão bárbara no Tropezón!... Trinta do país por desordem. Quando fui retirar estava o toldo por cima dos bancos... (*Risos.*)

JORGE E onde a provaram?

LUIS No banquete que demos a Carlitos para sua despedida da vida de solteiro.

JORGE Como? Vai casar?

LUIS Não! Os pais dele irão mandá-lo para a estância, lá no sul; não puderam com a vida dele!... Mas aqui não se toma nada? Garçom!

GARÇOM Que vão tomar?

LUIS Que vão querer? Você, meio-litro, e você?

JORGE Um cívico para mim...

RICARDO Que cívicos!... Aqui, irmão, estão quebrados os cívicos... Traga para todos meio-litros. Bem tirados!...

CENA II

DITOS, LISANDRO

LUIS (*Vendo Lisandro que baixa lentamente a escada.*) Vejam, quem cai!...

RICARDO Que!... Lisandro!... Não olhem, porque se nos vir! (*Lisandro desce e se detém olhando ao redor, logo avança.*)

LUIS Que arrumao está o pobre!...

JORGE Esse já se embriaga com o cheiro de um bar...

LUIS É um desgraçado!... Lhe tenho lástima de verdade!...

RICARDO Já nos viu!.. Vamos nos fazer de desentendidos!... Pois como lhes ia dizendo, sabem?... (*Lisandro, dando-se conta da atitude do grupo, converge à esquerda e ocupa uma das mesinhas vazias.*)

GARÇOM (*Com a cerveja.*) Bem tirada!... (*Serve.*)

LISANDRO Garçom!

LUIS (*Voltando-se.*) Como vai, Lisandro?... (*Os demais o saúdam com um gesto.*)

LISANDRO Bem e você... Garçom!

GARÇOM (*Com mal humor.*) Que quer... Aqui estou... Para que tanto escândalo!...

LISANDRO Traga-me uísque Smogley!

GARÇOM Ouça, essas mesas são para comer... Não podia ocupar outra?...

LISANDRO Não estou com vontade, sabe? Não tenho vontade! Você me serve aqui... você é um insolente... Um uísque Smogley, já disse!

GARÇOM Tenho ordem de não lhe servir nada quando vier neste estado.

LISANDRO A mim? A mim... Pedi um uísque... E me vão trazer! Chame o gerente... (*O garçom vai resmungando.*) Me vão trazer!... O que pensaram estes gringos ladrões! Se eu pago, serve-se e acabou!

LUIS O que aconteceu?

LISANDRO Estes desgraçados... (*Colocando-se de pé.*) Essa gentalha insolente... a mim, a mim que os enriqueceu a gorjetas...

LUIS Não faça caso! Asneiras do garçom!

GERENTE Que foi, dom Lisandro?

LISANDRO Você disse que não sirvam a mim... que não me sirvam? Disse aos garçons... a mim!...

GERENTE Não, isso não!... Mas, não lhe convém tomar... Já bebeu bastante...

LISANDRO Ah!... Você disse, não é? Garçom!... Um uísque... Terão que me servir!... (*Golpeando a mesa.*) Garçom!...

GERENTE Veja, não me faça escândalo!... Faça o favor!... Vá... (*Segurando-o por um braço.*)

LISANDRO Não me toque porque te rompo a cabeça... Te rompo a cabeça... Insolente!

LUIS (*Intervindo.*) Saia daqui! Deixe-o em paz!... Sossega-se Lisandro!... Venha... Tomará conosco!...

LISANDRO Eu quero castigá-lo primeiro... Deixa-me... eu quero castigá-lo...

LUIS (*Conduzindo-o.*) Venha... não seja zonzo... Senta-se tranquilo...

LISANDRO (*Sentando-se.*) Eu quero castigá-los... São uns insolentes...

LUIS Que havia pedido?

LISANDRO Eu quero castigá-los.... uísque!... Eu vou castigá-los...

LUIS Garçom! Sirva ao senhor. (*O garçom vai-se.*) Fique quieto!... Que ganha com brigar com um garçom?

LISANDRO É que... porque me veem assim, pensam que não mais gente... Porque me veem pobre e porque tomo... Bom... Eu me embriago... E que? Se eu tomo é porque eles me servem e se eles vivem é porque eu tomo... Os sem-vergonha são eles...

GARÇOM O uísque...

LISANDRO Lacaio imundo!... (*O garçom se afasta.*)

LUIS (*Servindo.*) Você dirá...

LISANDRO Um pouquinho mais... assim... obrigado... (*Bebe depois que lhe puseram a soda.*) Tenho vontade de matar um garçom. Veja!... Se você não

se meter, dou um tiro nele...

RICARDO Com o bilhete, ché!

LISANDRO Bilhete!... Hum!... (*Saca um revólver.*) Com este revólver... com este...

LUIS Guarda essa arma... Que anda fazendo com um revólver?

LISANDRO Eu? Eu? Hum!... Este revólver tem sua história.

RICARDO Você o surrupiou?

LISANDRO O comprei... Não se assustem... Comprei esta tarde para me matar...

LUIS Você se matar!... Não brinque com essas coisas!

LISANDRO Vá, e porque não posso me matar? É bem fácil, se coloca um assim e zás. (*Abocanhando o revólver.*)

RICARDO Ché!... Não seja louco... Guarda isso!...

LISANDRO Não tenham medo!... Já não me mato... Comprei o revólver esta tarde para me dar um tiro, completamente resolvido: escrevi uma carta para o comissário... Aqui está para que vejam que não minto...

RICARDO Certo, ché!... Vejam que louco lindo!...

LISANDRO Bom, e quando já me ia a voar os miolos, me ocorreu que era uma zonzeira. Para que me matar se já estou morto?

LUIS Como?

LISANDRO Claro que estou morto... como tanta gente que anda por aí... Homem sem caráter é um morto que caminha...

RICARDO Bebedeira filosófica... Homem sem moeda queria você dizer?

LISANDRO Eu sou muito bom, mas não tenho caráter e me embriago e morro; vocês são uns safados e como têm caráter, vivem. Os velhacos não se embriagam nunca, viram?, e vivem.

LUIS Mas também existe muita gente boa que tampouco se embriaga.

LISANDRO Morrem de outra coisa... Os bons não têm caráter... Nunca triunfam e causam dano.

LUIS E os maus, ché?

LISANDRO Triunfam e também causam dano... mas com a diferença que não o causam a si mesmos nem aos seus, e prolongam a raça. Você, sem caráter, vicioso, bêbado costumeiro, a quem arrebenta?... A você mesmo, a sua mulher e a seus filhos, a sua mãe... Mata a si e a eles.

LUIS Bom. Não nos chateie. E aclare as coisas. De modo que você pensa que só os maus têm caráter?

LISANDRO Espera um pouco... Lhe direi... Penso que não sabem viver, que os inadaptáveis estão mortos... Os bons não sabem viver... Cristo morreu;

sua religião persiste porque é má... (*Vozes na mesa.*)

VOZES Basta! Que cale a boca! Que cale a boca!

LISANDRO Não me calo porque tenho razão... Eu tive uma mulher... e um filho... um filhinho assim de grande, e o queria muito... muitíssimo... e agora me pergunto, porque se os queria tanto lhes causei dano? Porque os abandonei e os maltratei, se tenho tão bom coração?

LUIS Claro!... Por tuas bebedeiras!...

LISANDRO E porque me embriago eu e os que não têm coração não se embriagam? Contestem?

RICARDO (*Aparte, aos outros.*) Manicômio!... Está perdido!...

LISANDRO Claro que tenho razão... Claro que sim... O garçom não me serviu... Garçom! É um insolente!... Ainda, ainda vou matar!... Sou capaz de lhe dar um tiro. Tenho muita vontade... (*O garçom se aproxima e serve outro uísque.*)

LUIS Toma, bêbado, e deixa de incomodar...

LISANDRO (*Detendo o garçom pelo avental.*) Ché!... Vem cá... Eu vou te matar, eh?... Bom. (*O garçom se desprende e se afasta. Lisandro bebe de um gole só, estalando a língua com força.*) Enfim, vou-me embora!

LUIS Aonde?

LISANDRO A qualquer parte!... (*Se levanta disposto a marchar.*)

LUIS Ché!... Deixa-me o revólver... Que falta te faz?... Traga...

LISANDRO O revólver?... Não, filhinho; me faz falta... para empenhá-lo no armazém da esquina, o empenho em três ou quatro pesos... Não tenham medo... Adeus... (*Se vai lentamente pela escadaria. Chegam neste momento vários grupos de fregueses.*)

RICARDO Esse se mata!... Verão o que lhes digo...

JORGE Bah!... Pra o que serve. Podia tê-lo feito antes...

LUIS A que extremo chegou o pobre!

RICARDO Eh?... Quem sabe se não nos espera igual sorte!...

LUIS Descuida-se você e...

RICARDO E fazer um grande sacrifício, irmão?

CENA III

LUIS, RICARDO, JORGE, GARÇOM, AGUSTÍN

AGUSTÍN (*Que desceu um momento antes, aproximando-se do grupo.*) Olá, rapazes!

VOZES Adeus... Como está? Que tal?

LUIS Sente-se.

AGUSTÍN Obrigado, venho acompanhado. Garçom! Quer reservar esta mesa? Não tem nenhum salãozinho, verdade?

GARÇOM Todos ocupados.

LUIS Vem com María Julia?

AGUSTÍN Sim; estávamos no Cassino. Nos visitou Julián.

RICARDO Que tal é essa que anda com ele, a nova?

AGUSTÍN É regular...

RICARDO Dizem que é casada.

AGUSTÍN Casada e adivinhe só com quem... É nada menos que a mulher de Lisandro Fuentes... (*Expressões de assombro.*)

RICARDO Que coisa linda!... E Lisandro com certeza já sabe! É um degradado.

JORGE Sem dúvida, por isso lhe apareceram os mortos de que falava... Acaba de sair daqui...

RICARDO Anda com um revólver para se matar...

AGUSTÍN Não estão vendo?... E esse louco do Julián que... Olha que está empenhado em trazer essa pobre mulher aqui...

LUIS Que besta!... Está meio...

AGUSTÍN Bastante resolvido. Ficou discutindo com ela no carro e é capaz de trazê-la a tiros. Aí chegam. (*Vai ao encontro de Julián, Amelia e María que descem. Os do grupo observam com curiosidade.*)

RICARDO Digamos que não é nada vulgar!

JORGE Bastante competente.

RICARDO Uma mulher assim com um marido imbecil!... Claro está!... E para se iniciar não elegeu mal companheiro.

CENA IV

DITOS, JULIÁN, AMELIA, MARÍA JULIA

JULIÁN Adeus... Que tal? (*A Amelia.*) Sente-se aqui... nesta mesa e vão pedindo. (*Saúda alvoroçado o grupo.*)

MARÍA JULIA Passe, senhora... sente-se neste canto que a verão menos... Tranquilize-se e não faça papelões.

AGUSTÍN Com certeza!... Ceiem e ele a leva depois...

AMELIA Oh!... Isto é uma infâmia...

JULIÁN E que lhes parece minha casadinha?

RICARDO Muito competente!... Meio empacadinha, não?

JULIÁN Assustada, ché, deste mundo novo...

RICARDO Já a amansaremos... Suponho que nos apresentará...

JULIÁN Como não... Venham agora mesmo tomar uma taça de champanhe!... Lhes espero. (*Voltando-se a sua mesa.*) Que tal? Pediram? Puxa, como são lerdos... Garçom! Para agora Cordon Rouge!... (*A Amelia.*) Que te sucede, ché? Não me faça fazer papelões, mulher!... Levanta essa cabeça!... Que quer comer?... (*Repassando o cardápio.*) Ostras?... Não te aconselho... Consomé?... Um caldinho à rainha?... Que acham? Ché, ché, ché!... Está chorando? Faça o favor de deixar os melodramas para mais tarde, me escutou?

AMELIA Por deus, Julián!... Porque é tão mau?... Que te fiz para me tratar assim?... Deixa-me ir pra casa!... Me sinto mal!...

JULIÁN O champanhe te recomporá... Santo remédio!... Você não pensa a mesma coisa, María Julia?

MARÍA JULIA Creio que é uma bobagem você ter esta senhora aqui, à força... Nada nos custaria ir a outra parte. A pobre tem razão. Não a agrada que a vejam... Se não está habituada a essas coisas... Depois... maldito o que vamos a divertir... Ela nesse estado, você estrilhando e nós como panacas vendo o espetáculo. Vá um capricho...

JULIÁN Ché; porque esta não vai estudar? Seria uma boa advogada de pobres... Amelia! Amelia! Levanta a cabeça!... Já te disse que não saio com a funerária... Garçom!... Esse champanhe!...

RICARDO (*Como que continuando a discussão.*) Não, senhor... Está muito equivocado!... Tenha os defeitos que tenha o marido, a mulher deve ser fiel... Veja. Eu não sei o que serei amanhã, mas se me encontrasse na situação de Lisandro, ficaria de olho na minha mulher para que não me desonrasse.

LUIS É muito fácil dizer agora... Não veria nada, filhinho; passaria como ele os dias e as noites e as madrugadas pelos bares cozendo a bebedeira, e se acaso se inteirasse de algo, te faltariam energias para proceder... É inútil discutir isso...

JORGE O que eu penso é que se continuar me gostando tanto o drink... não me caso!... (*Aparece Lisandro pela escadaria.*)

RICARDO Olha só o que se arma!... Vejam quem vem!

LUIS Um demônio... Não, não! É perigoso! Não podemos deixá-lo... (*Se levanta.*)

RICARDO Não seja besta!... Deixe que ele se arrume. Nos divertiremos um pouco...

JORGE Claro está!... Qualquer coisa, depois nos metemos...

LUIS Não sejam idiotas!... Eu o levo daqui... (*Avança ao encontro de Lisandro e o toma pelo braço.*) Venho, tenho que falar com você...

LISANDRO (*Soltando-se.*) Espera um minuto... Tenho que dizer algo ao gar-

çom!... A esse garçom de hoje!... Me ocorreu na rua... Não o mato porque está morto.

LUIS Deixa de zonzeiras e venha comigo.

LISANDRO Solta-me... solta-me, já disse... É gerente?... Larga-me, então... Quer que te mate? Já não tenho o revólver, mas dá no mesmo... Me deram cinco pesos por ele... Vamos tomar um uísque... Mas, aguarda, tenho que falar com o garçom... (*Avançando.*) Garçom! Escute... (*Luis se coloca à direita como para impedir que veja o grupo de Julián e o obriga a virar à esquerda, de modo que dê de costas ao outro grupo. Amelia e Julián, que se ergueram ao reconhecer Lisandro, permanecem um instante em atordoada expectativa.*)

JULIÁN (*A Amelia.*) Sente-se... nem uma palavra. (*Amelia desaba na cadeira e estende os braços, ocultando o rosto.*)

LUIS Ché, Lisandro... Continue a conversa de hoje... ia muito bem... Defendia que os homens de caráter são uns homens... Como era?

LISANDRO Não era assim... verá... Mas tenho que tomar algo, então... Garçom!...

GARÇOM (*Chega com duas garrafas de uísque.*) Aqui está seu uísque...

LISANDRO (*Servindo-se.*) Isto, eu pago... Tudo o que se tomar... bom.... então... o que digo é que... não sei se já disse... mas agora pensei bem.... Defendo que os homens bons, os homens sensíveis e de grande coração, são os únicos ou os mais propensos a contrair um vício... isso é... E quando têm um vício, estão mortos... Por isso não me matei eu... nem matei ao garçom... aos vivos, a esses sim é que se matam... A esses sim!... Como a cães!... (*Soa um espocar de champanhe na mesa de Julián. Lisandro, que ia levar o copo aos lábios, volta lentamente a cabeça até um lado e, como lhe resulta incômodo, faz o movimento oposto. Logo se incorpora e deixa cair o copo no chão, ficando alguns instantes com seu olhar idiota, fixo no grupo.*) Amelia!... Você!... Minha mulher!... Ali... (*Avança cambaleante.*)

JULIÁN (*Incorporando-se.*) Não se aproxime, porque o mato!

LISANDRO (*Detendo-se.*) A mim! Porque?... Ela é minha mulher!... Minha Amelia!... (*Avançando.*) Ela... A mesma!

JULIÁN (*De um salto se coloca junto dele. Tumulto. Vozerio por todo o bar. Acudem fregueses e garçons, alguns sobem nas mesas do fundo. Passada a primeira impressão de surpresa, María Julia, solícita, aparta a Amelia abrindo-lhe caminho entre as pessoas e a leva.*)

LUIS (*Querendo separá-los.*) Julián... Deixa-o... É um infeliz...

JULIÁN Isso é, vou a permitir que me mate. (*Golpeia e o joga no chão.*)

LISANDRO Mas... se eu não lhe fiz nada!... Porque?... (*O levantam.*) Não lhe fiz nada!... Estava minha mulher ali!... (*A Julián.*) Me parece que eu não lhe faltei o respeito...

CENA V

DITOS, MENOS MARÍA JULIA *E* AMELIA- *INTERVEM* VIGILANTE

VIGILANTE Vamos ver!... Quem foi?

GERENTE (*Apontando a Lisandro.*) Ele, senhor! Proceda sem dó, agente... Está bêbado e provocou ao senhor!

VIGILANTE Acompanhe-me...

LISANDRO Bom!... Mas é mentira!... Não resisto! (*Ao gerente, ameaçador.*) Veja, você está vivo, não é?...

JULIÁN Veja, agente. Aqui não aconteceu nada. Esse homem mente... Foi simplesmente uma brincadeira de amigos... Largue-o!... Está conosco... (*A Lisandro.*) Não é verdade, companheiro?

LISANDRO Naturalmente!... Eu não fiz nada!... Amelia se foi?

JULIÁN Retire-se, agente... (*Coloca dinheiro nas mãos do agente, com certo dissímulo. O agente se vai e os fregueses se afastam julgando a cena com gestos de burla.*) Se acabou!.. Caramba!... As mulheres se foram... Mas fica o champanhe!... Ricardo, Jorge, peguem-no. E o senhor, Lisandro, nos acompanhe... Dê-me essa mão, que diabos!... (*A estende.*)

LISANDRO (*Apertando-a.*) Natural!... Eu não tinha metido com o senhor...

JULIÁN (*Apalpando-o afetuoso.*) Foi uma zonzeira!... Quer champanhe?... Sentemos!... Esta noite a passamos juntos! (*Levantando a taça.*) Saúde! Brinde, compadre!...

LISANDRO Saúde!...

RICARDO E agora nos vai explicar aquela teoria dos mortos!...

LISANDRO Homem sem caráter é um morto que caminha! (*A orquestra recomeça o concerto com um cake walk.*)

Pano.

ATO TERCEIRO

A decoração do primeiro ato. Sobre a mesa uma lamparina e uma vela acesa. A ação transcorre um momento depois.

CENA I

Dona Liberata e María Julia cuidam solicitamente de Amelia que volta a si de um desmaio, deitada sobre o chaise longue da direita.

MARÍA JULIA Acalme-se. Já passou... Aspire um pouco mais... Assim!... Assim!... Tem que ter ânimo, mulher!... Para quando é o valor?...

LIBERATA Sim, minha filha!... Tranquilize-se!... esqueça!... Não voltará a te acontecer!

AMELIA (*Reagindo, com voz aflita.*) Estou melhor!... Deixem-me!... Quero respirar um pouco!... Tenho aqui... uma coisa... (*Abraçando a Liberata, se põe a chorar desesperadamente.*) Mãe! Mãe!... Ai!... Ai!...

LIBERATA (*Chorando também.*) Pobre! Pobre filha minha!...

MARÍA JULIA Senhora!... Por favor!... Que a aflige ainda mais!... (*Afastando suavemente Liberata.*) Deixe que chore!... Isso a fará bem!... (*Pausa prolongada, durante a qual se escutam os soluços de Amelia. Liberata e María Julia se contemplam silenciosas.*)

LIBERATA Acha que cairia bem a ela um pouco de chá de tília?

MARÍA JULIA É possível... Como não!...

LIBERATA Então me cuide dela um pouquinho enquanto vou a prepará-lo...

AMELIA Não, mamãe!... Não se incomode!... Me sinto já muito tranquila... Se quiserem me dar um pouco d'água...

MARÍA JULIA Com muito prazer!... (*Vai até o cristaleiro.*)

LIBERATA Não se incomode, senhora... Aqui estou eu... Permita-me!... (*Serve água num copo que está junto à garrafa de uísque.*) Toma, filha!...

AMELIA (*Bebe um gole e o expele com um gesto de repugnância.*) Oh!... Que asco!... Gosto de bebida!... Senhor!... Que obsessão!... Este cheiro de álcool que me persegue eternamente!... Suma com isto.... Suma!...

LIBERATA (*Meio à parte.*) Claro! O copo em que bebeu o outro!... Que porcaria!... (*Vai renovar a água.*)

AMELIA É desesperador!... Atroz essa vida!... Preferia estar a mil metros abaixo da terra!...

LIBERATA Esta é boa... Toma com confiança...

AMELIA (*Depois de beber alguns goles.*) Obrigada, mamãe... (*Incorporando-se com esforço doloroso.*) Ah!... Deus, deus!... Que terá acontecido!...

MARÍA JULIA Nada!... Tinha muita gente... E estavam Agustín e outros amigos para impedir qualquer coisa... Não se preocupe!

AMELIA Oh!... Senhora!... Perdão!... A incomodei tanto!...

MARÍA JULIA Que esperança!...

AMELIA Obrigada!... Foi muito boa comigo!...

LIBERATA Com certeza!... Pobrezinha... Se não fosse por ela, quem sabe o que te teria passado! Pode ficar bem agradecida...

MARÍA JULIA Oh... de nada, senhora!... Se as mulheres não nos defendermos umas às outras, quem se ocuparia de nós?...

AMELIA Tem razão!... Os homens são muito maus!...

MARÍA JULIA Pst!... Depende!... Tem de tudo... O que acontece é que nos desprezam... Bem, senhora... Já é muito tarde e vou me retirar, se não precisarem mais de mim...

LIBERATA Oh!... Obrigada!... Já lhe causamos moléstias em demasia!

MARÍA JULIA O que deve fazer você agora é deitar-se tranquilamente e não pensar mais no assunto. Amanhã será outro dia. Que diabos!... Adeus, eh?

AMELIA (*Apertando a mão, muito efusiva.*) Adeus... Obrigada...

MARÍA JULIA Um conselho: se pensa em seguir com Julián, não saia nunca com ele. Não é mau; mas acostumado a tratar sempre conosco, crê que todas as mulheres são iguais... (*A Liberata.*) Adeus, senhora...

LIBERATA (*Beijando-lhe a mão.*) Adeus, filhinha... Obrigada pelo serviço... Eu a acompanho...

MARÍA JULIA E contem sempre com uma servidora... Não lhes ofereço a casa porque... bom, porque sempre anda uma assim!... (*Indo-se.*) Que descansem!... (*Mutis. Amelia as segue até a porta e fica ali olhando.*)

CENA II

LIBERATA, AMELIA

LIBERATA (*De volta.*) Pobrezinha... E depois dizem que essas mulheres são isso e aquilo mais...

AMELIA Assim é...

LIBERATA Bom, filha, que pensa fazer agora?

AMELIA Não sei... Temo que tenho ocorrido alguma desgraça. Lisandro estava muito estranho, como louco... Ficaram ali, lutando os dois... Que sabe... Quem sabe.

LIBERATA Oh!... Não há caso que dois homens neste estado se causem dano. Desgraçadamente, não há de ter morrido nenhum deles.

AMELIA Mamãe, por deus.

LIBERATA Teria acabado tudo. Um na cárcere e o outro no cemitério...

AMELIA Eu... onde?

LIBERATA Você? Em sua casa... com sua mãe e seu filho... Vivendo honradamente, descansando de tanta penúria que já sofreu... Eu te avisei... Esta mesma tarde estive te repetindo. Não me agrada esta vida... acabaremos mal... merece algo melhor que esse homem... Mas você com seu gênio alvoroçado...

AMELIA Não, mamãe... é que...

LIBERATA Não fale mais!... Te entendo... Vai me dizer que tem direito de desfrutar de sua juventude e de sua vida... que sempre foi uma vítima... que isto e aquilo... Não te nego este direito, te justifica toda a razão do mundo, mas, minha filha, nada custa ter um pouco de prudência. Veja, agora, de qualquer modo, corte toda relação com este mocinho; deixemos esta casa, vendamos estes móveis e tudo o que não seja indispensável, e desapareçamos; nos mudamos a qualquer parte, a um cortiço. Trabalharemos, eu me conchavarei, se for preciso, de servente; ainda tenho forças, trabalharemos para manter e educar a esse pobrezinho filho, e assim a vida, verá como não te falta a oportunidade de separar-se de todos os padecimentos.

AMELIA Oh, mamãe!... Isso é muito lindo nas novelas. Na vida não acontece o mesmo. O farei, no entanto, ainda que tenha que seguir sacrificada. É preferível...

LIBERATA Vamos, assim me agrada... Ver-te razoável... Agora, a dormir... Amanhã será outro dia... Precisa de algo?...

AMELIA Nada. Muito obrigada...

LIBERATA (*Tomando a palmatória.*) Boa noite, filha... (*Afastando-se.*) Agora vai me ser difícil alcançar o sono... Que coisas estas, meu deus...

AMELIA (*Sobressaltada.*) Eh? Quem abre a porta?...

LIBERATA (*Detendo-se.*) Qual?

AMELIA Meu deus!... O saguão!...

LIBERATA Ai!... Mal negócio!...

CENA III

JULIÁN, LIBERATA, AMELIA

JULIÁN (*Desde fora.*) Que escuridão!... Isto é uma boca de lobo!...

AMELIA Julián!... E agora o que faço?

LIBERATA Não o deixe entrar... Com fechar esta porta!... (*Tenta fechar, mas neste instante aparece Julián.*)

JULIÁN Boa noite!... Ia a iluminar-me?... Não se incomode!... Passou o perigo... Quase me quebrei a alma num degrau!... Que tal, china?... Já te passou a ira?...

AMELIA Que quer o senhor aqui?... Já não tinha suficiente com as que me fez passar?

JULIÁN Ah!... Te dura o estrilho!... Não seja besta, mulher!... Tem que se alegrar comigo!... Não aconteceu nada, ché!... Depois que você foi embora veio um vigilante e tudo... Pode ir dormir, sem medo, velha!... Aqui não precisamos de você...

LIBERATA Você é que não faz falta, me entende?...

JULIÁN Lindo, lindo!... Também está você estrilhada!... Que divertido!... Me parece que aqui tem que começar a proceder de justiça rápida...

AMELIA Julián! Julián!... Vá embora!...

JULIÁN Ir-me? Nem penso, filhinha... Estou muito bem aqui...

AMELIA Por favor!... Tenha compaixão de mim!... Ande; voltará amanhã, quando estiver mais tranquilo... Eu não posso te ver assim!... Já te disse! Não me mortifique mais... que já muito me fez sofrer!...

LIBERATA Para que tanto suplicar!... Faltava outra coisa!... Se não quer ir, se chama um vigilante e se acabou!

JULIÁN Um vigilante!... Um vigilante!... Está decidida, velha! Qualquer dia mete um vigilante em minha casa... Veja... Toma estes cinco pesos e vá dormir... ganhará mais...

AMELIA Oh!... Isto já passa dos limites! Fora daqui!... Covarde!... Canalha!...

JULIÁN Não grite, mulher!... Se não penso em fazer-te caso... Veja como é mal agradecida... Eu podia ter ficado lá com meus amigos e já vê, me vim a consolar-te!... (*Detendo a Liberata, que trata de sair pelo fundo.*) Onde vai ché, velha?... Não te mandei que fosse dormir?...

AMELIA (*Interpondo-se.*) Sim, sim... Vá, mamãe!... Vá!... Tenha paciência!... Não é possível... (*A acompanha até a porta da esquerda.*) Vamos!... Aqui estou!... Faça o que desejar!...

JULIÁN Está vendo?... Me gosta ver-te assim!... Que ganha com andar com partes?... Vai preparando umas taças que vamos tomar champanhe... Veja! (*Tirando uma garrafa do bolso.*) Cordón Rouge!... No carro os rapazes trazem mais três garrafas!... E quem sabe se ainda é suficiente!... A ver!... Somos cinco!...

AMELIA Como!

JULIÁN Claro, Ricardo, Jorge e Lisandro... teu marido...

AMELIA Oh!... Julián!...

JULIÁN Fizemos as pazes e chupamos juntos!... Está tão bêbado! Depois os rapazes, que são uns loucos, o convenceram que deveria vir; e o desgraçado aceitou sem mais... Espera, vou buscá-los...

AMELIA Não, Julián!... Não... Selvagem. Não... Oh!... Que horror!... Que horror! Que aconteceu no universo para que sucedam essas coisas? Eu ficarei louca!... Não.... Não... Eu me tranco... (*Tenta fechar a porta do fundo.*) Para que?... A jogariam abaixo!... Oh!... (*Corre desolada e se fecha em seu quarto.*)

CENA IV

JULIÁN, RICARDO, JORGE

JULIÁN (*Desde a porta.*) Cuidado com o degrau... Zás!... Um ao chão... Com certeza foi Lisandro... Levantem-no, rapazes...

RICARDO Oh!... Que se arrume... Como pra cuidar mamaos... (*Avança cantando.*) "Allons enfants de la patrie"...

JORGE "Le jour de gloire est arrivé!"...

JULIÁN Cuidado com as garrafas...

RICARDO Intactas... ché... Sabe que está bastante competente sua casa?...

JORGE São seus os móveis? Magníficos!... Smugen.. daria até trinta pesos!...

RICARDO Bastante confortável. E a fulana?

JULIÁN Estará lá dentro... Vão tirando umas taças daí. Vou trazê-la... ché... (*Forceja.*) Mal negócio... Venha que te vou apresentar aos rapazes... Não seja baranga...

RICARDO Zás... uísque... Que bolada para Lisandro!... Não lhe agrada o champanhe...

JORGE Porque é um frouxo...

JULIÁN Abrimos?

RICARDO Com certeza... E com ruído...

JULIÁN (*Abre a garrafa e serve.*) A la votre...

RICARDO E JORGE Saúde...

JULIÁN Ché... E Lisandro?... Vão buscá-lo... Deve ter se machucado...

RICARDO Certo, ché?... Vamos Jorge... (*Vão-se. Julián põe-se a assoviar.*)

CENA V

DITOS, LISANDRO

RICARDO Entre, não seja tonto... Tem medo?... Vá uma bobagem... Venha... Agarre-o você, Jorge... (*Avança conduzindo Lisandro, que deve aparecer deploradamente desarrumado e com uma mancha de sangue na cara.*)

LISANDRO Deixem-me!... Deixem-me!... Não quero...

RICARDO Veja que golpe ele tomou...

JULIÁN Vamos colocar algo nele...

JORGE Toma... Beba um trago de uísque...

LISANDRO Não... não... Deixem-me... saiam... (*Avança cambaleante alguns passos, recorre o aposento com o olhar, detendo-o em uma ou outra coisa, vacila um instante e deixa-se cair pesadamente.*)

RICARDO A dormir a bebedeira.

JULIÁN Pobre diabo... Sirvam-se, rapazes... Para tomar estamos.

RICARDO E sua mulher?

JULIÁN Já virá. Senão, a fazemos sair... (*Lisandro soluça profundamente.*)

JORGE Bebedeira fúnebre!

RICARDO São as mais melosas... A você, Julián, te soa dar por aí?

JULIÁN Oh!... Vejam como ele chora... Eh?... Vai explodir... Pobre bicho!... Está no cúmulo da degradação. Se algum dia me vir nesse estado, me dava um tiro.

JORGE Se um se conhecesse, com certeza... Mas ninguém, filhinho, se conhece os defeitos... Não vê?... Lisandro se considera muito feliz. Que melhor exemplo!...

RICARDO Oh..., não brinque!... Os imbecis não se conhecem... Vejamos o que passa a nós... Nos agrada os drinks... Nos embriagamos toda hora... mas quando a coisa passa dos limites... a sossegar-se, rapazes, e a tomar limão com soda... Sirva-me champanhe.

JORGE Isso é certo, mas...

JULIÁN Mas o caso é que pouco a pouco vamos tomando o gostinho e...

JORGE E se nos descuidamos nos agarra de verdade... Lisandro tomava como nós, ao princípio... E já o estão vendo...

RICARDO Dormiu... Que lhe faremos?

JULIÁN Dexem-no.

JORGE Ah não!... Um susto ele leva!... (*Derruba sobre ele uma taça de champanhe.*)

LISANDRO (*Se ergue como que enlouquecido, de sobressalto.*) Que!... Eh!... Que há?...

JORGE Nada!... Está chovendo... Dormiste! (*Lisandro aspira com ânsias um bocado de ar e deixa-se cair de novo.*)

RICARDO Ao bumbo outra vez!...

JULIÁN Pena que não está gelado... Abra a outra!

RICARDO Como não! Mas chama a sua mulher, então!

JULIÁN Tinha me esquecido! (*Na porta.*) Eh! Hum! Parece que dormiu!

RICARDO Ah!... Espera... A despertaremos... (*Se coloca a cantar e Julián e Jorge o imitam. Lisandro se incorpora de novo e deixa-se cair.*)

CENA VI

DITOS, LALO

LALO (*Correndo, de pijama.*) Mamãezinha!... Mamãezinha!... (*Aparece atrás Liberata, mas se volta.*)

JULIÁN Olá!... Quem está aqui! O pivete! Venha cá, amigão.

LALO E minha mamãe? Onde está?

RICARDO Linda talha!

JULIÁN Não tenha medo, veio nos acompanhar?... A tomar champanhe conosco! Assim me agradam os homens! Venha cá na mesa!... Como gente grande!... (*O menino resiste.*) Não se assuste, pois!... Esses homens não têm medo!... A ver!... Uma taça para este bebadozinho!...

RICARDO Esse vai sair ao pai.

JULIÁN (*Fazendo-lhe beber.*) Assim... um trago bem grande!...

LALO (*Afasta a cabeça bruscamente.*) Ai!... Ai!... Ai!... Minha mamãe. (*Se coloca a chorar a gritos.*) (*Lisandro se incorpora.*)

CENA VII

DITOS, LIBERATA

LIBERATA Que lhe fizeram? Perversos! Desalmados!... Que fizeram ao pobre filhinho?... Assassinos!... (*Arrebata ao menino, protegendo-o com o corpo.*)

JULIÁN (*Aproximando a taça aos lábios.*) Bárbaros! uísque!

LISANDRO Meu filhinho... Meu Lalo!... Meu Lalo querido!

LIBERATA Saia você daí!... Miserável!... Não é seu... (*O afasta.*)

LISANDRO (*Trágico.*) Não?... Meu filho... Não me tiram de mim!... É meu!

LIBERATA (*Indo ao quarto de Amelia.*) Amelia, abra; abra-me, Amelia.

LISANDRO (*O arrebata com violência e o espreme entre os braços.*) Meu Lalo!... Meu Lalo!... Não!... Saia!... Não me tiram! Eu o defendo!... (*Vai até o chaise longue e se senta, colocando-o no colo, beijando-lhe e acariciando-o.*)

RICARDO Agora verão como sai

LISANDRO Meu menino querido! Não chore!... Está com seu papai que te quer!... Não chore!... Dê-me um beijinho! Não tenha medo! Sou eu. Já não me conhece? Sou papai. Pobre criança. Lhe fizeram maldades? Aqueles homens? Sente-se assim, a cavalinho, como antes! Papai é bom. Não chore mais. Papai leva o menininho a cavalo. É bom, é bom.

LALO Não! Deixe-me! Não quero cavalos.

LISANDRO É bom. Os homens são maus, verdade? Lhe fizeram mal aqueles homens. Sim! Estão vivos! (*Baixo.*) Estão vivos, verdade? (*Detendo-se, surpreendido pela ideia fixa.*) Vivos! Ah! Escute um segredo: Pa... pai.. zinho... vai colocá-los em pe... ni... tên... cia! Venha! Estão vivos! (*Se levanta, esforçando-se para manter-se de pé e se aproxima com o menino nas mãos ao aparador, revirando os caixotes. Retira algo que oculta baixo o casaco e gira ao redor da mesa.*) Com papai! (*Ao chegar junto de Julián, rapidamente lhe segura a barba, com a mão esquerda, e lhe fere com o punhal na garganta, Derrubando-o de costas com a cadeira. Grito de horror... Amelia aparece e cai pesadamente junto à porta. Lisandro fica oprimindo-o com fúria um instante, logo se erge bruscamente e olha ao redor.*) (*A Ricardo e Jorge.*) Agora a vocês! (*A Amelia.*) A você! (*Ao menino.*) A você!... Não!... Estão mortos! (*Fixando-se em Lalo, que se refugia junto a Liberata.*) E todos estão mortos! (*Com desconsolo, deixando cair o punhal.*)

Pano.

O Despejo

Sainete, estreado em 18 de julho de 1906 pela companhia dos irmãos Podestá.

PERSONAGENS

Encarregada
Vizinha 1ª
Vizinha 2ª
Inválido
Genaro
Juan
Indalecia
Crianças
Uma neném
Jornalista
Fotógrafo
Vizinhos
Comissário

CENA I

ENCARREGADA (*Saindo de um dos cômodos.*) Já sabe, eh? Bom; que não sisqueça. Son cansada de esperar que hoje i que amanhã i que daqui um pouco...

VIZINHA 1ª Que vamos fazer? Quando não dá, não dá!

ENCARREGADA Intão non se aluga os quartos, sabe? Se tá pensano que estamos numa república, aqui?... O aluguel primero.

VIZINHA 1ª Está bem, está bem!... Basta! Não precisa falar tanto!

ENCARREGADA Isso digo eu. Non precisa falar tanto. Na fim do mês se paga i ficamos todos calado a boca... (*Afastando-se.*) Sim, senhor. I non precisa tanto orgulho... Se querem viver dacima, que comprem o palácio do congresso, sabe? Na rua Entre Ríos!... (*Tropeça em um móvel.*) Ai!... Dío!...

VIZINHA 1ª (*Aparte.*) Tomara que tenha quebrado um osso!...

ENCARREGADA Ai!... Madonna Santíssima!... Uiii!... (*Golpeia o móvel com raiva, voltando-se a Indalecia.*) I você também pensó que ter todo o ano esse cachivache[1] ner pátio?... Non tem vergonha...

INDALECIA Mas senhora!... Se eu...

ENCARREGADA Merda nenhuma! Se tivessem jogao esta porcaria de móvel na rua, non estaria tanto tempo sem buscar peça. Parece mentira. (*Queixando-se.*) Ai, ai, ai!...

VIZINHA 2ª (*Aproximando-se.*) Se machucou muito, senhora?...

ENCARREGADA Eu que sei!... Um gorpe tremendo.

VIZINHA 2ª Vamos ver! Esses golpes sabem ser maus...

VIZINHA 1ª (*Debochando.*) Ah!... Podem formar um câncer... Chamem a Assistência...

ENCARREGADA Veja, veja, dona Francisca. Venha. (*Se oculta detrás dos móveis para mostrar a perna machucada. Dois inquilinos que saíam rumo à rua, detêm-se a olhar.*)

VIZINHA 2ª Ai, que barbaridade!...

ENCARREGADA Ner mesmo güeso... Veja. (*Percebendo os vizinhos.*) E vocês, que querem? Não têm mais nada pra fazer?

VIZINHA 2ª Ave Maria! Tanta curiosidade!... (*Os dois vizinhos se afastam,*

[1] Objetos velhos e inúteis. Trastes.

rindo.)

VIZINHA 1ª (*Detendo-os.*) Ei, Juan, não sabem se dão baile neste sábado os "Aduladores do Sul"?

JUAN Acho que sim. (*Mutis de ambos.*)

VIZINHA 2ª No que você não vai faltar.

VIZINHA 1ª Não fui convidada. A festa é pra vocês os sócios, ninguém mais... rá, rá!... (*Mutis.*)

VIZINHA 2ª Dispara, isso mesmo, maldita!...

ENCARREGADA Deique-la!...Non vale a pena...

VIZINHA 2ª Tem razão. Vamos pro meu quarto. Te darei uma fricção de aguardente... Vamos... Também, a verdade é que nem se pode caminhar nesse pátio.

ENCARREGADA Naturalmente. Com toda essa porcaria de cachivache aí...

VIZINHA 2ª Um dia, vai lá; dois também; mas mais, é muita folgadeira...

INDALECIA (*Tristemente.*) Ai, senhora; peça a deus que não se veja na nossa situação!

VIZINHA 2ª Não se preocupe!... Enquanto ele me der saúde para trabalhar, posso estar tranquila. Não vai ser essa pessoa quem vai ficar de braços cruzados esperando que as coisas caiam do céu.

ENCARREGADA Isso, isso digo eu. Olha, dona Indalecia; acredite que não faço de gosto, por bom coração que tenho, sabe? Ma non se pode estar estorvando a cente todo o tempo...

INDALECIA Que posso fazer?... Querem que me atire no rio com todos meus filhos?

VIZINHA 2ª Não dizemos tanto... Mas... mover-se, caminhar, buscar trabalho... Neste Buenos Aires não falta no que ganhar a vida.

INDALECIA Mas senhor! Se não fiz outra coisa que buscar ocupação. Vocês bem sabem. Costuras não dão no registro a uma mulher velha como eu. Ir pra fábrica não posso, nem conchavar-me, pois tenho que cuidar dos meus filhos...

ENCARREGADA Ma dica-me um pouco, que precisa ter tantos filos?... Se non tem com que manter, se agarram i se dão.

VIZINHA 2ª E os asilos?

INDALECIA Oh!... Isso é muito fácil falar!... Pobrezinhos!...

ENCARREGADA Pobrezinho, pobrezinho, i no entanto morto de fome como os gatos, roubando a comida em casa do vizinho...

CENA II

GENARO (*Que apareceu momentos antes com um pacote nas mãos.*) E fazem bem quando os vizinhos são tão pão-duros. Saiam daqui!... Não têm vergonha!... Estar judiando da pobre mulher!... Bruta gente!...

VIZINHA 2ª O terremoto da Calabria!... Vamos daqui, senhora.

ENCARREGADA (*A Genaro.*) Me diga um pouco, que pensó você? Me diga.

GENARO (*Resmungando, sem fazer caso.*) Bruta gente! Bruta gente!... (*A Indalecia.*) Não se aflija. Não veio ninguém?...

INDALECIA Ninguém.

GENARO (*Se encaminha a seu quarto, segundo à esquerda.*)

ENCARREGADA (*Dentendo-o.*) Eh!... Me diga um pouco, que pensó?...

GENARO Parlate a me?...

ENCARREGADA (*Alterada.*) A lei, sim; a lei, a lei!... Sim...

GENARO (*A olha fixamente por um instante e faz a careta característica dos napolitanos. Vai a seu quarto, batendo a porta ao entrar.*)

ENCARREGADA (*Furibunda.*) Furbo... Mazcalzone!...

VIZINHA 2ª Está bêbado o garrafeiro. Não faça caso. Vamos.

ENCARREGADA Canaglia!...

VIZINHA 2ª Vamos curar essa perna. Deixe-o.

ENCARREGADA Mazcalzone!... (*Voltando-se a Indalicia.*) Você também, que está compadriando assim?... Tanto caçoar, também!... (*Vai-se resmungando, conduzida pela Vizinha 2ł.*)

CENA III

INDALECIA (*Deixa a costura e se aproxima do berço.*) Vamos, nena. Levanta!... Não vai passar dormindo o dia todo!... Não?... Então u... pa!... (*A levanta.*) Quer pãozinho?... (*Tira um dormido do bolso e lhe dá.*) Esta noite trarão centavos, bastante grana, e vamos comer muito, muito!... Tem fominha?...

GENARO (*Reaparecendo com um grosso pão e uma navalha nas mãos se aproxima de Indalecia e corta um pedaço.*) Toma... Mangia!...

INDALECIA Oh!... Porque se incomoda!...

GENARO Mangia, te digo!... (*Tira um bolo do bolso e dá para a neném.*) Mangia vos. Dove sono il rapazzi?

INDALECIA Não sei. Na rua, talvez...

GENARO (*Se aproxima da porta do fundo e chama gritando.*) Eh!... Você!... Vieni. Anque, tu!... (*Aparecem três meninos. Genaro dá um pouco de pão a cada um.*) Toma... Mangia... tu, mangia!... Mangia!... (*Os rapazes recebem o pão com*

alvoroço e se começam a comer.)

INDALECIA Mal-agradecidos!... Como se fala?...

UM DOS MENINOS (*Com a boca cheia.*) Muito obrigado!...

GENARO (*Indicando-lhes a porta.*) Vía! (*A Indalecia.*) Não fazem falta cumprimentos. Tem fome, se mangia e acabou!... (*Os meninos fazem mutis. Genaro se senta em qualquer parte, tira salame do bolso e começa a comer. Pausa.*) Estive no hospital. Fizeram a operação no seu marido...

INDALECIA Como?... Outra?...

GENARO Naturalmente. (*Levantando-se.*) Toma. Mangia um po de salame.

INDALECIA Oh!... Mas vão matar ele!... (*Pega o salame e o passa à neném.*)

GENARO (*Voltando a sentar.*) Seria mecor, se vai ficar paralítico.

INDALECIA Pobre Daniel!... Falou com ele?...

GENARO Não o decam ver. Não faz falta tampouco... (*Pausa.*) Que te falava a encarregada?

INDALECIA Oh!... O de sempre. Resmungar... Me insultar...

GENARO Bruta gente!...

INDALECIA São tão maus!... Veja, a ela eu desculpo, porque, afinal de contas, é patroa; mas as outras, as demais vizinhas... Gente desalmada!... Se fossem mais felizes ou melhores que as outras, não diria nada, que diabos! Teriam direito. Mas não. São pobres como eu, têm filhos como eu, e maridos que trabalham expostos a que lhes destroce uma máquina ou a cair de um andaime, e no lugar de pensar que podem se ver no meu lugar amanhã ou depois, se colocam ao lado da outra para me mortificar. E tudo para adulá-la, nada mais! Você acha que teve um nesta casa capaz de me oferecer um pouco de sopa para a nena? Não, senhor; preferem jogar as sobras pelo cano...

GENARO Bruta gente!...

INDALECIA É o que mais me desconsola!... (*Afligida.*) Me dá tanta vontade de chorar... Ver que uma não é ninguém... Que de repente fica só no mundo, isolada... abandonada de todos... pior que um cachorro... (*Chora.*)

GENARO Ma no!... Ma no!... Que se ganha com afliquir-se?... Feche a boca!... Bruta gente!... Deca-te de chorar, sabe?...

GRITOS (*Se escuta um tumulto e gritos fora.*) Velho louco!... Velho bêbado!... Velho louco!... (*Aparece um grupo de malandrinhos, acossando a um velho soldado, inválido da guerra do Paraguai.*)

CENA IV

INVÁLIDO (*Perseguindo os rapazes com um bastão hasteado.*) Malcriados!... Com isso vão fazer a pátria!...

INDALECIA Papai!...

GENARO (*Aos meninos.*) Vía!... Caramba, caramba!... Fuori!... Sem-vergonha!... (*Bota eles para correr.*)

INVÁLIDO Muito obrigado, dom!... Parece mentira!...

GENARO São coisas de rapazzi...

INVÁLIDO Não vê, homem, a que extremos chegamos? Os gringos têm que defender os servidores da pátria. Veja, amigo; aqui ande você me vê, sabe?, eu sou o cabo Morante, e pergunte a qualquer um que estiveram na guerra se meu colt não era temido pelo inimigo...

GENARO E, bom!... Mas o que podemos fazer?

INVÁLIDO Como que podemos fazer? Que respeitem a ele, canejo! (*A Indalecia.*) Como te vai deindo, minha filha?...

INDALECIA Aqui estamos... E você? Que está fazendo por aqui?...

INVÁLIDO A te ver, ora... E assim me recebe... Não digo?... Até os filhos são uns ingratos...

GENARO Esse é seu pai?...

INVÁLIDO E como lhe vai!... E legítimo, sabe, ché, gringo?... O que tem é que já não me vão reconhecendo...

INDALECIA E como veio dar comigo?...

INVÁLIDO Pela sua desgraça... Nesta manhã, no boliche do torto Ramos, lá em Palermo, sabe?... e ouvi que um mocinho leu no jornal que te haviam despejado e que levantavam subscrição pra vós... Pucha, digo, se é minha filha!... Pobre mulher!... Adonde vive?... Rua tal... me disse o moço... Vamos ver minha Indalecia na missadura! E agarrei pra cá... Se em algo posso te servir, sabe? apesar de manco, não me esqueço que é minha filha...

INDALECIA Podia ter lembrado antes...

INVÁLIDO Que queria?... Você teimou, empenhou em fugir com esse zonzo do seu marido.

INDALECIA Bom; não falemos dele, eh?

INVÁLIDO Não falamos, se quiser. Mas eu te disse que ia ser desgraçada como ele, e já vê como saiu certo. Se caiu de um andaime, não é?...

INDALECIA Sim, senhor.

INVÁLIDO Não vê, então... Quando eu te dizia!... Essa nena é tua?... Venha pra cá mocinha, com seu agüelo... (*A menina, assustada, se encosta na mãe.*) Não vê, então... Pucha como está o país, amigo gringo... Os netos não mais vão com os agüelos... Já não se respeita a família nem nada... No nosso tempo, tinha de ver... E esses outros malandros, são teus também?... Com que vocês vinham insultando a seu agüelo, eh? Agora vão ver, malandros!... (*Vai até eles.*)

INDALECIA Papai!...

GENARO (*Detendo-o.*) Vamos!... Deica de zombar...

INVÁLIDO Oh!... E a você, quem te dá vela?... Ché, Indalecia, este é outro yenro?... Amigo, poderia pagar a ela o quarto, ao menos...

GENARO Deca-se de zombar! (*Indo ao seu quarto.*) Bruta gente! Bruta gente!

INVÁLIDO Veja o gringo... Cheio como uma raposinha... (*Gritando.*) Ché, Musolino!...

INDALECIA Deixe-o, papai. Se veio para atormentar as pessoas, poderia ter ficado...

INVÁLIDO Bom, me voá sentar, já que não me convida... (*Se senta. Pausa.*) Já te trouxeram a grana e a suscricão?

INDALECIA Não, senhor.

INVÁLIDO Já sabe: não posso te ajudar com nada, porque ando bem liso e vivo no quartel do 5º; mas se quiser posso procurar a peça pra mudar. Hoje vi uma na rua Soler...

INDALECIA Não se incomode...

INVÁLIDO E que pensa fazer?

INDALECIA Não sei. Nada!...

INVÁLIDO Espera um pouco. Tem um asilo de güérfãos militares, sabe?... Ali... pucha madre!... Se eu não estivesse tão desacreditado com o coronel... podia te pedir uma recomendação. (*Sai a encarregada.*)

INDALECIA Para que?

INVÁLIDO Pra que te meta toda essa colmeia de rapazes... Que vai fazer com eles?...

CENA V

ENCARREGADA Isso é o que eu digo. Que meta nel asilo... Non serve mais que pra trabaco...

INVÁLIDO Salú, dona...

INDALECIA Não, senhor; não me separo de meus filhos. Se vocês não têm coração, eu tenho, e no lugar...

ENCARREGADA Ma diga um poco. Não é pior que se morram de fome de non ter que comer?...

INVÁLIDO Você falou a verdá. Choque esses cinco. (*À Indalecia.*) Quem é esta, ché?...

ENCARREGADA Sono la encarregada da casa...

INVÁLIDO Ché, ché, ché!... E você colocou ela de patinhas na rua, não?...

ENCARREGADA Eh... Naturalmente,se non pagava o aluguer...

INVÁLIDO E ainda se mete a dar conselhos?... Já pode ir picando a mula, gringa!...

ENCARREGADA I você, o que pensó? Io sono a dona aqui, sabe?...

INVÁLIDO Que vai ser dona, desgraçada!...

ENCARREGADA Bom, deque-se de zombar... (*A Indalecia.*) E você sachou que isto é uma sala per receber a visitas?... Faça o favor de tirar daqui esse veco bêbado...

INVÁLIDO Sua mãe, gringa dos infernos!

CENA VI

GENARO Madona del Carmem! Dequem em paz essa pobre muquer... (*Enérgico, tomando por um braço a encarregada.*) Faça o favor, saia já daqui!... Já!... Já!... Vá, porque te rompo a facha!... Caramba!...

ENCARREGADA (*Voltando-se furiosa.*) Dío Santo!... Porco!... Canaglia!...

GENARO (*A empurra com violência.*) Fuori!... (*Voltando-se ao inválido.*) Você também; vá embora!... Homem bruto! Gente bruta!...

INVÁLIDO Não me toque!... Não s'aproxime de mim, gringo!... (*Tumulto, saem vizinhos. A encarregada vocifera.*)

INDALECIA Sossegue-se, dom Genaro...

GENARO (*Ameaçando um sopapo à encarregada.*) Bruta gente!...

INVÁLIDO Ladia-te[2], Indalecia, que inda posso com um gringo.

CENA VII

Aparecem o Comissário e o jornalista, seguidos por um grupo de crianças.

COMISSARIO Que desordem é esta?... Vamos... Sosseguem-se...

ENCARREGADA Vea, senhor Comissário... Esta canaglia de um botegliero me deu uma trompada tremenda...

INVÁLIDO (*Fazendo continência.*) Às ordens, meu chefe!...

GENARO (*Indo-se para o quarto.*) Bruta gente, per Dío!...

ENCARREGADA Non o deque dir, senhor Comissário, me bateu, me bateu, é um sem-vercuenha!...

COMISSARIO (*A Genaro.*) Vamos, detenha-se!... Que aconteceu?...

ENCARREGADA Olhe, senhor Comissário, leve-o preso...

COMISSARIO Você cala a boca.

INVÁLIDO Eu sou testemunha, meu comissário. Não passó nada, meu comissário... Tudo foi de boca, nada mais. Basta a palavra?

[2]Não faça caso

COMISSARIO Basta que baixe a mão. Vejamos... Vocês, afastem-se um pouco...

ENCARREGADA Non, senhor comissário...

COMISSARIO Circulando, já disse!...

ENCARREGADA (*Se vai resmungando e antes de desaparecer, olha com ódio a Genaro e beija a cruz, jurando-lhe vingança.*)

COMISSARIO (*A Indalecia, que está rodeada por seus filhos.*) Quem é a dona destes móveis?

INVÁLIDO (*Indicando a Indalecia.*) É uma servidora... Minha filha...

COMISSARIO Bem, senhora. Eu sou o comissário da seção e este senhor é um repórter do "La Nación". Ficamos sabendo que você se encontrava nessa situação e...

JORNALISTA Nosso jornal foi o primeiro a dar a notícia...

INVÁLIDO Me consta. Não te disse, minha filha, que tinha lido?

JORNALISTA Você deve saber que iniciamos uma subscrição em seu favor. Venho para trazer o que recebemos até hoje. Não é muita coisa, mas lhe permitirá alugar um quarto e atender às primeiras necessidades...

INVÁLIDO Dá as graças, pois, mulher...

JORNALISTA Aqui tem esses sessenta pesos e a lista das pessoas que mandaram ao jornal.... Sirva-se.

INDALECIA (*Se põe a chorar apertando a nena. Pausa. Emoção. Genaro seca os olhos com a manga.*)

JORNALISTA Não se aflija, senhora. Já vê você.... As coisas se remediam. Acalme-se. Toma seu dinheirinho...

INVÁLIDO Sabe que está lindo isso? Quando te train a salvação se põe a chorar. Tivesse feito antes. (*Pega o dinheiro e o oferece.*) Agarra e dá as graças, pois!...

NENA Mamãezinha!... Mamãezinha!...

INDALECIA (*Serenando.*) Está bem... Muito obrigada... Não chore, minha nena... Não chore... Vê?... Mamãezinha já não chora mais... Vamos... Seque esses olhinhos. (*Limpa a cara e assoa o nariz da nena com o avental.*) Seja boazinha... Esses homens são muito bons! Muito obrigada, senhores, muito obrigada!...

JORNALISTA O Comissário, por sua vez, fez algumas diligências em seu favor... Ele lhe dirá...

COMISSARIO É certo. Consegui colocar seus filhos... São estes?... Este é o maior?... Bom, a este mandaremos ao Correcional de menores....

GENARO Que diz, senhor comissário?

COMISSARIO (*Prosseguindo, sem contestar.*) Ali aprenderá a um ofício e se tornará um homem útil... Para os demais consegui que o asilo...

INDALECIA Como?... Meus filhos?...

COMISSARIO Sim, senhora. Já está tudo definido. A Sociedade de Beneficência tomará a seu dever.

INDALECIA Meus filhos!... Não!... Não!... Não me separo deles!... Não senhor! De nenhuma maneira, pobrezinhos!... São meus, são tão bons!...

COMISSARIO Senhora, compreenda que você na sua situação...

INDALECIA Meus filhos! Que esperança!... Não! Nem pensem nisto!

GENARO Natural. E tem razão.

COMISSARIO Retire-se você. Ninguém tem nada a ver aqui!...

GENARO Não tenho nada a ver, mas digo a verdade, sabe?...

COMISSARIO Desapareça, já disse!...

GENARO Eh, bom!... Está bem. Ma é uma incusticia... Bruta quente!...

JORNALISTA A senhora tem que se resignar. É natural que lhe doa se separar deles, mas preferível é que os mantenha na Sociedade a que amanhã tenham que andar vagando por aí...

INDALECIA Terá muita razão, senhor. Mas eu não posso me separar deles...

INVÁLIDO Mas viram que coisa engraçada?... É a primeira vez que a pátria se ocupa de proteger a este velho servidor, mantendo seus netos e você se opõe. Não seja mal-agradecida, mulher... Olhe, amigo, este braço eu perdi em Estero Bellaco, e aqui nesta perna tenho outra bala mais, sabe? Bom, e já vê o que ganhei... Que meus filhos e netos se vejam neste estáo. Agora se lembram? Está bem. Tem que agarrar e pronto... Vale mais tarde que nunca, não lhe parece?...

COMISSARIO É natural. Bem, senhora: tem você que se resolver e...

INDALECIA Não, senhor... Tenho já certeza. Não me separo de meus pobres filhos... Não posso, não posso... Nunca serei capaz...

INVÁLIDO Pucha, mulher zonza! Nem parece filha minha...

COMISSARIO Prefere você vê-los morrer de fome ou convertido nuns perdulários?

INDALECIA Não! Não!... Já me ajudaram a arrumar teto. Agora me arrumem trabalho se quiserem; me arrumem trabalho, que a mim não me faltam forças e eu me encarregarei de manter e educar a eles...

GENARO Isso sim está bem dito...

COMISSARIO Já disse para você não se meter...

INDALECIA E depois, não são somente meus... Que conta vou dar ao pobre pai, que tanto gosta deles, que se desviveu por eles; que conta vou dar quando sair do hospital?... Não! Não!... Não é possível!... Meus filhinhos!...

COMISSARIO Oh!... A esse respeito deve ficar tranquila. Seu marido está

muito mal e dificilmente sairá do hospital. Ainda se sair, ficará paralítico...

GENARO Oh, bruta quente!...

INDALECIA (*Se põe a chorar.*)

CENA VIII

Entra o fotógrafo de "Caras y Caretas"

FOTÓGRAFO (*Ao jornalista.*) Olá amigo.

JORNALISTA Como vai? Veio tirar uma nota?...

FOTÓGRAFO Precisamente. Uma linda nota, pelo que vejo... Esta é a vítima?...

JORNALISTA Você conhece o senhor? (*Apresentando.*) O comissário da seção... Um repórter de "Caras y Caretas". (*Saudações.*)

FOTÓGRAFO Chego em um lindo momento. (*Ao mensageiro que leva os aparatos.*) Vejamos... tire logo isso... (*Ao Comissário.*) Que quadros!... não?...

COMISSARIO Estes se veem sempre... É uma coisa bárbara a miséria que há... (*O fotógrafo, rodeado de meninos e vizinhos, acomoda a máquina sobre o tripé buscando luz conveniente.*)

FOTÓGRAFO Aqui fica bem... (*Os vizinhos tomam posição em frente ao foco, tratando de ficarem à vista.*) Lhe tiraremos um assim, chorando. É um momento esplêndido... (*Enfoca.*) Vocês tenham a bondade de se restirar... Mais... Mais longe. (*Ao inválido.*) Você também, retire-se...

INVÁLIDO Eu sou o pai dela, pois; porque vou sair?...

FOTÓGRAFO Está bem, desculpe... (*Quando se volta, todos se acomodam de novo.*) Já disse para saírem...

COMISSARIO Vamos... Circulando!...

FOTÓGRAFO Já vai chegar a vez de vocês. Não se preocupem... Bem... Não se movam... Um momento... Já está...

INVÁLIDO Eu saí bem?...

FOTÓGRAFO Fantástico!... (*Ao comissário.*) Agora podem se colocar vocês. E se a senhora puder levantar a cabeça... (*A Indalecia.*) Senhora!... Senhora!...

GENARO Metam-me preso ou o que quiserem... Ma isto é uma barbaridá... Saiam daí... Per Dío!... Que bruta quente!... Deque tranquila essa pobre muquer... Caramba!... Caramba!...

JORNALISTA (*Ao comissário, que quer intervir.*) A verdade é que não lhe falta razão... Seria melhor...

FOTÓGRAFO Por mim... A nota importante já tenho... (*Põe-se a empacotar seu aparato.*)

INVÁLIDO Mas viram só esse gringo, que se acha da família também?... Não faltava mais, homem!...

COMISSARIO (*A Indalecia.*) Bom, senhora, não se aflija mais e resolva-se...

GENARO A deixem. Se já se decidiu!

INDALECIA Meu pobres filhinhos!... Não é possível!... Não posso, me mataria!...

JORNALISTA Pense que é um egoísmo seu. Pelo momento poderá mantê-los se trabalhar; mas pode ocorrer que amanhã tenha que dar de comer... Adoecer... morrer... Que vai ser deles?... Você não perde, dando eles ao asilo... Poderia vê-los com frequência... Lá se formarão, aprenderão um ofício...

COMISSARIO E amanhã serão homens úteis para você e para todos...

INVÁLIDO Exatamente!... Prefere ver eles na cadeia por bandidos?...

INDALECIA Bom... Sim... Façam de mim o que quiserem... Sim!... Sim!... Pobres dos meus filhinhos!...

COMISSARIO Isso é entrar na razão... Bom. Com esse dinheiro alugue um quarto e amanhã venha à delegacia com seus meninos, que iremos colocá-los, eh?

JORNALISTA Nos vamos?... Bem... Adeus, senhora. Tranquilize-se... Seja razoável...

INVÁLIDO Dê as graças, pois, e cumprimente...

JORNALISTA Deixe-a... Lhe mandaremos pelo comissário o dinheiro que se receba... (*Ao fotógrafo.*) Saímos?...

FOTÓGRAFO Sim, como não?... Boa tarde, senhores.

COMISSARIO (*A Genaro.*) E vamos ver se você para de andar zonzeando... (*Genaro vira as costas.*)

INVÁLIDO (*Ao Comissário.*) Diga-me, meu chefe... Terá uns niqueis pro milico velho?...

COMISSARIO Para mamar-te, não?...

INVÁLIDO Que quer, pois? É o único que a pátria deu pra mim... Um vício...

COMISSARIO (*Rendendo-se.*) Tem razão. Toma... (*Mutis. Os rapazes e os vizinhos saem também atrás.*)

INVÁLIDO (*Voltando-se a Indalecia.*) Ché, minha filha!... Hoje não pus nada pra dentro, sabe?... Me dá um trocinho destes que te deram...

INDALECIA Toma... toma todos... Para que os quero agora... (*Abraça soluçando a seus filhos.*)

Pano.

Nossos Filhos

Comédia dramática. Estreou no Teatro Nacional pela companhia de Gerónimo Podestá a 2 de maio de 1907.

Personagens

Sra. de Díaz
Sr. Díaz
Mecha
Laura
Alfredo
Sra. de González
Sra. de Alvarez
Enrique
Doutor X
Panchita
Ernesta
Criada
Criado

ATO PRIMEIRO

No hall do palacete do senhor Díaz

CENA I

SRA. DE DÍAZ, CRIADA

SRA. DE DÍAZ (*Em traje de rua.*) Juana. Avise a menina que já vão dar as nove. Que se apresse.

CRIADA Está bem. (*Soa uma campainha.*)

SRA. DE DÍAZ O senhor já se levantou?

CRIADA Não sei, senhora.

SRA. DE DÍAZ Por toda a manhã ficou soando a campainha. Porque não subiu Manuel? Não está em casa?

CRIADA Não sei, senhora.

SRA. DE DÍAZ Vá buscá-lo em seguida. Ah! Traz-me as luvas que estão sobre a mesinha do toalete.

CRIADA Senhora; não posso fazer tanta coisa ao mesmo tempo.

SRA. DE DÍAZ O que não deve fazer você é contestar.

CRIADA (*Mutis.*)

SRA. DE DÍAZ (*Volta-se a um espelho e corrige a posição de seu chapéu.*)

CENA II

SRA. DE DÍAZ, SR. DÍAZ

SR. DÍAZ (*Que desceu cambaleante a escada.*) Jorgelina!

SRA. DE DÍAZ (*Com um movimento nervoso.*) Jesus! Me assustou!

SR. DÍAZ Diz-me: você deu ordem aos criados para que não me atendam?

SRA. DE DÍAZ Como pode pensar semelhante coisa, Eduardo? Precisamente acabo de observar a Juana que...

SR. DÍAZ Faz alguns dias que não me servem como é devido. Tenho que chamar meia hora para que acudam; me sobem os periódicos quando lhes dá vontade, e fazem mal gesto ou resmungam se algo lhes observo. Isto tudo não é correto, já que lhes trato bem.

SRA. DE DÍAZ Mas acha razoável atribuir-me as faltas dos criados.

SR. DÍAZ Penso que seriam mais lógicas em vocês do que neles essa hostilidade.

SRA. DE DÍAZ Oh! Seria curioso começarem a atacar você as manias de perseguições.

SR. DÍAZ Mecha já não sobe a ajudar-me.

SRA. DE DÍAZ Bem sabe que está enferma.

SR. DÍAZ Notei, além disso, que estão tomando demasiado interesse por mim e por meus assuntos. Isso me perturba. Desejaria não ter que repetir estas observações. Se incomodo, me vou. Não quero ser incomodado.

SRA. DE DÍAZ Na verdade, seria preferível uma separação definitiva a este divórcio deprimente em que vivemos.

SR. DÍAZ O desejam já?

SRA. DE DÍAZ Não, Eduardo; não o desejamos. O que queremos é que você volte à vida de antes, a ocupar seu lugar no seio dos seus e em consideração das gentes. Isto não deve continuar assim!

SR. DÍAZ Sabe se chegou a correspondência da Europa?

SRA. DE DÍAZ Não sei. Não, não se vá. Escuta-me.

SR. DÍAZ Você deve sair. Eu tenho o que fazer. Nos distrairíamos.

SRA. DE DÍAZ Não. Espere. Exijo que me escute!

SR. DÍAZ Te advirto que não me negava por descortesia, senão por sentido prático. Salvo que tenha algo a me comunicar.

SRA. DE DÍAZ Não te roubarei muito tempo. Responda-me categoricamente. Tem alguma ofensa comigo?

SR. DÍAZ Não. Porque me faz essa pegunta?

SRA. DE DÍAZ Porque cada vez me resulta mais inexplicável sua conduta.

SR. DÍAZ Creio havê-la explicado satisfatoriamente.

SRA. DE DÍAZ Mas não a justifica. É demasiado normal, demasiado equilibrado para convencer a alguém de sua estranha misantropia.

SR. DÍAZ Misantropo, eu?

SRA. DE DÍAZ Quer que nos entendamos? Esta nossa vida se faz cada vez mais dolorosa. Há um momento se queixava dos criados. Como vão te respeitar se veem que abdicou de sua autoridade; se para eles não és mais do um pobre ente sem vontade a quem sua família relegou o último piso da casa por sabe deus que manchas morais?

SR. DÍAZ Oh!

SRA. DE DÍAZ Isso! Um pobre diabo a quem não levam em conta, quiçá por crerem que nos agrada, que isso entra nas obrigações deles. Você não é muito mais para as nossas relações. Um extravagante, quando não um monomaniáco lastimoso.

SR. DÍAZ Me interessa pouco o que possam pensar uns e outros: criados e amigos.

SRA. DE DÍAZ E nós? E nossa situação?

SR. DÍAZ Bem hão podido habituar-se em quatro anos. Em menos tempo chegamos até a entediarmos de ter um enfermo crônico na família.

SRA. DE DÍAZ Oh! Isso é uma crueldade injusta.

SR. DÍAZ É uma vulgar constatação. No mais, aqui não se trata de um enfermo nem coisa que se pareça, senão de um sujeito que não tem necessidade de abrevar na fonte comum para encontrar um pouco de felicidade e que nada faz nem fará em prejuízo da felicidade alheia. O caso não pode ser mais simples. Ao partir desse conceito e ao preocupar-se menos com o que pensam e digam as pessoas, evitaríamos inquietudes e prevenções. Tranquilizem-se, pois. E você, deixa de suspeitas. Nada me fez, ninguém me fez nada. Deixem-me na paz de minha mansarda com meus jornais e meus papelotes e não se empenhem em torcer uma resolução que é irrevogável, e muito menos em hostilizá-la.

SRA. DE DÍAZ Não sei porque, quanto mais se esforça em justificar sua atitude, mais enigmática me resulta. Por última vez, Eduardo, devo pensar que somos alheios a ela?... Que sou alheia a ela?

SR. DÍAZ Deve pensá-lo.

SRA. DE DÍAZ E porque me há abandonado?

SR. DÍAZ Volta a subir a montanha com o penhasco nas costas. Para que me faz cair?

SRA. DE DÍAZ Você poderia dedicar a sua obra a atenção necessária sem necessidade de renunciar à vida em comum.

SR. DÍAZ Não; a convivência me exigiria uma participação ativa no tráfico social. Comecei demasiado tarde a obra para perder tempo com trivialidades.

SRA. DE DÍAZ Nem tudo é tráfico social na convivência afetiva.

SR. DÍAZ Naturalmente, mas o restante não lhes falta.

SRA. DE DÍAZ Oh! Eduardo, Eduardo!... (*Se detém, olhando-lhe fixamente. O Sr. Díaz distrai seu olhar em qualquer sentido e logo põe-se de pé, encaminhando-se à escada.*)

SRA. DE DÍAZ (*Com certa veemência.*) Não se vá! Não me faça isso! Vem aqui! Diz-me: se é verdade que nada tem a me reprovar, porque me repudiou? Porque me repudias?

SR. DÍAZ Outra vez com o penhasco nos ombros! Até quando terei de dizer que considero terminada minha missão neste lar?

SRA. DE DÍAZ Se equivoca. Não terminou. Quiçá nossos filhos não precisem mais suas carícias. Mas eu sim. Eles vão formar novos jardins, nós ficamos para cultivar nossos velhos rosais. Porque temos de deixá-los secar antes do tempo? (*Com muita ternura, apoiando-se no ombro dele.*) Devolve-me tua ternura, Eduardo! Me faz falta, nos faz falta aos dois um pouco

de realidade afetiva.

SR. DÍAZ (*Se afasta suavemente dos braços dela e detém um instante a vista no chapéu.*)

SRA. DE DÍAZ Que passa? Que tenho no chapéu?

SR. DÍAZ (*Sorrindo.*) Nada, nada.

SRA. DE DÍAZ Mas...

SR. DÍAZ Não se inquiete. Uma reminiscência. Um relâmpago mental.

SRA. DE DÍAZ (*Vai ao espelho e se olha.*)

SR. DÍAZ (*Se afasta, escada acima.*)

SRA. DE DÍAZ (*Ao voltar-se, com um gesto de desilusão.*) Oh, Eduardo! Isto não tem nome!...

CENA III

SR. DÍAZ, MECHA

MECHA (*Ao cruzar com Díaz na escada.*) Bom dia, papai.

SR. DÍAZ Bom dia, cabuladora. Tenho toda a correspondência inglesa do *"Amazón"* por traduzir. Quando sobe?

MECHA Ah, papai! Quando colocar o elevador. Já sabe que me fatiga subir tanta escada.

SR. DÍAZ Se é por isso, hoje mesmo chamo o engenheiro. (*Mutis.*)

MECHA (*A sua mãe.*) Aqui tem suas luvas. Que aconteceu?

SRA. DE DÍAZ O de sempre. Seu pai!...

MECHA Para que se metem com ele? Já sabem como é. Que te fez?

SRA. DE DÍAZ Não tem mais remédio.

MECHA Sei que ontem esteve lá em cima revolvendo-lhe os papéis. Se ele descobre vamos ter um desgosto sério. (*Deixa-se cair na cadeira com gesto de fatiga e começa a colocar as luvas.*) Uff! Quanto daria para que não viessem me buscar! Me sinto mal hoje.

SRA. DE DÍAZ (*Dando os últimos retoques diante do espelho.*) Eu é que não as espero. (*Voltando-se a Mecha, quase desvanecida.*) Menina!... Menina!... Que tens?

MECHA Nada!... Já passa!... Uma tonteira!.. Uma coisa muito estranha!

SRA. DE DÍAZ Que palidez!... E está transpirando!...

MECHA Não se preocupe. (*Tenta colocar-se de pé, mas cai na cadeira.*) Oh! Eu não vou! (*Tirando o chapéu.*) Toma, coloque-o em qualquer parte. Misia[1] Edelmira não se ressentirá. Poderia ir Laura no meu lugar... não te

[1] Tratamento correspondente a "Minha Senhora"

parece? Avisem-na.

SRA. DE DÍAZ (*Toca a campainha.*) Mas filha, quando vai consultar um médico?

MECHA Para que! Não vale a pena. Um pouco de debilidade, nada mais.

CENA IV

DITOS, LAURA

CRIADA Senhora?

SRA. DE DÍAZ A senhorita Laura está na cama?

CRIADA Não, senhora.

SRA. DE DÍAZ Chame-a.

CRIADA Aí vem. (*Mutis.*)

SRA. DE DÍAZ Te espera uma má notícia.

LAURA Qual?

SRA. DE DÍAZ Mecha não se sente bem e quer que você vá na comissão.

LAURA Ai, ai, ai!... Não me agarram. É muito entediante a infância desvalida.

MECHA Vista-se.

LAURA E mais fastidioso é isso.

MECHA Poderá se ressentir Edelmira se não for nenhuma.

LAURA Que te passa? Progride a anemia, eh? Não; não te faça ver! A nós nos faz falta estreiar o panteon da Recoleta [2] e usar luto por um tempo. Está na moda; É muito *chic* o luto.

SRA. DE DÍAZ Cala-te, tagarela!...

LAURA Bom. Desde que não haja coleta pró-infância desvalida. (*Soa a buzina de um automóvel.*) Elas! Da-se conta?... ché.

MECHA Não seja má. Vai vestir-se.

LAURA Negociemos. As aguardo, e se vejo que se empenham em levar-me, aceito. Que acham?

CENA V

DITOS, SRA. DE ALVAREZ, SRA. DE GONZÁLEZ

(A senhora de Díaz vai ao encontro das senhoras de Alvarez e de González, que entram saudando muito afetuosamente.)

[2] Bairro de Buenos Aires, onde fica um dos principais cemitérios

SRA. DE ALVAREZ Como de costume, atrasadas. No trajeto de casa até aqui encontramos duas comissões em plena atividade; Ia sair, Jorgelina?

SRA. DE DÍAZ Sim. A Pilar.

SRA. DE ALVAREZ É verdade que enterram Etcheverry. Que golpe para a pobre Cláudia!... Uma morte assim, tão inesperada...

SRA. DE GONZÁLEZ Dizem que foi suicídio.

SRA. DE DÍAZ Falam muito disso, mas não creio.

SRA. DE ALVAREZ (*A Mecha.*) Coloque o chapéu, filha, e nos vamos. Está com uma cara!

MECHA Me sinto mal, senhora. Estava pronta para ir e...

SRA. DE ALVAREZ Suponho que não renunciarás?...

MECHA Se me permite, sim, senhora.

SRA. DE ALVAREZ Que besteira, menina. Não sabe o que está perdendo.

LAURA (*À senhora González.*) Lita foi a Palermo hoje?

SRA. DE GONZÁLEZ Não; saiu em outra comissão com Maruja Pérez e a senhora de Oliva.

SRA. DE DÍAZ Eu creio que deve perdoá-la, Edelmira. Esta menina não está bem.

SRA. DE ALVAREZ E a quem vemos, a esta hora, para que nos acompanhe?

MECHA Poderia ir Laura.

LAURA Faz mal em comprometer a Edelmira.

SRA. DE ALVAREZ Oh! Com muito prazer... É uma bela ideia; Vista-se, menina.

LAURA Não seria fazer-lhes perder muito tempo?

SRA. DE ALVAREZ Isso dependerá de ti, em todo caso.

LAURA Bem. Já venho. Dez minutos. (*Mutis.*)

CENA VI

DITOS, MENOS LAURA

SRA. DE ALVAREZ Suponho que seu mal estar não é decorrente de algum desgostozinho com Enrique.

MECHA Oh, não, senhora!

SRA. DE ALVAREZ Ah! Agora que recordo! Que tonta és menina. Seguro que já te comunicou a notícia.

SRA. DE DÍAZ Há alguma novidade?

SRA. DE ALVAREZ (*A Mecha.*) Como? Não sabe de nada? Então... Ontem a noite recebemos carta de Alvarez; Escreve comunicando que vai a

Baden-Baden por conselhos médicos a submeter-se a tratamento, e com esse motivo - não vá desmaiar, menina - pede que lhe mandemos Enrique para que faça companhia.

MECHA (*Reprimindo um movimento de surpresa.*) Oh! Já sabia!

SRA. DE ALVAREZ Te escreveu... verdade?

MECHA Sim; sim, senhora... Sim, senhora!

SRA. DE DÍAZ De modo que Enrique se vai?

SRA. DE ALVAREZ Naturalmente. Mas será uma viagem muito rápida; de três meses no máximo. Enrique regressará a tempo de cumprir seu compromisso. Não há motivos, então, para afligir-se tanto, menina.

MECHA Não, senhora. Não me aflijo. Uma coisa tão natural!

SRA. DE ALVAREZ Nem preciso dizer que Enrique está radiante de gosto. Creio que até foi esperar que abram a agência de vapores para escolher camarote.

MECHA (*Irônica.*) Naturalmente!...

SRA. DE ALVAREZ Perdão. Fui, talvez, indiscreta, mas é a pura verdade. É preciso imaginar o que significa para estes rapazes a perspectiva de uma passeadinha pela Europa.

SRA. DE DÍAZ Se soubesse você a vontade que tem Alfredo de fazê-lo. Creio que se gradua este ano é devido à promessa que fizemos de mandá-lo alguns meses a Paris.

SRA. DE GONZÁLEZ Por outro lado, é uma vantagem casar-se com um homem que esteve na Europa.

SRA. DE ALVAREZ Claro está. Adorna muito.

SRA. DE GONZÁLEZ Vai ao matrimônio com uma curiosidade menos.

CENA VII

DITOS, SR. DÍAZ

SRA. DE ALVAREZ Oh! Senhor Díaz. Que feliz casualidade.

SR. DÍAZ (*Saudando.*) Como está você, Edelmira! (*À senhora de González.*) Como está você, senhora!...

SRA. DE ALVAREZ Quanto tempo faz que não nos vemos?

SR. DÍAZ O esposo de você está bem?

SRA. DE ALVAREZ Não muito. Ontem a noite recebemos carta.

SR. DÍAZ Está no campo?

SRA. DE ALVAREZ Não, na Europa;

SR. DÍAZ Ah! E o senhor González também está em Europa?

SRA. DE GONZÁLEZ Não, aqui.

SR. DÍAZ Com vossas licenças. Um instante. (*Mutis.*)

CENA VIII

DITOS, MENOS SR. DÍAZ

SRA. DE ALVAREZ Pobre Eduardo!... Como está!... Segue com sua mania?

SRA. DE DÍAZ Cada dia pior. Metido lá encima, passa semanas inteiras sem que o vejamos a cara.

SRA. DE GONZÁLEZ Escreve muito, verdade?

SRA. DE DÍAZ Creio que não. Lê e lê sempre.

SRA. DE ALVAREZ Jornais?

SRA. DE DÍAZ Exclusivamente. Recorta as crônicas policiais e as cola em uns grandes cadernos, com não sei que estranhas anotações.

SRA. DE ALVAREZ Que rareza! Tão logo ele, que nunca teve aflições literárias.

SRA. DE GONZÁLEZ A neurastenia é uma coisa terrível. Acaba com as pessoas mais equilibradas. Pobre Jorgelina! Me solidarizo.

SRA. DE DÍAZ Ai! Deixem-me!... Não podem vocês imaginar o que nos contrista seu estado. Eu acho que o perdemos para sempre!...

SRA. DE GONZÁLEZ Deveriam colocá-lo em tratamento. Não deve ser incurável. Dizem que o sanatório de Ramos Mejía está indo muito bem. Há muitos enfermos ilustres.

SRA. DE DÍAZ E quem o recluiria?

SRA. DE ALVAREZ Seria muito fácil. O leva enganando e, uma vez ali...

MECHA Oh! Façam o favor de não falar assim de papai. Bem poderiam poupar tanta comiseração.

SRA. DE DÍAZ Mercedes!

MECHA (*Exaltada.*) Não é tão lastimável o seu estado. Não está louco, nem doente, nem maniaco. É um bom homem que se sente farto de nós; de tanta hipocrisia, de tanta simulação, de tanta maldade. De toda a miséria moral de nossa vida. Isso, isso é o que tem. Nada mais!

SRA. DE DÍAZ Enlouqueceu, Mercedes? Que ideias são essas?

MECHA Recém começo a compreender a verdade.

SRA. DE ALVAREZ Menina!... A que vem essa cólera?... Nós...

MECHA Sei o que digo e porque o digo.

CENA IX

DITOS, ALFREDO, ENRIQUE

ALFREDO Não esperávamos encontrar tanta gente boa por aqui. ((*Enrique dá a mão à senhora de Díaz e a Mecha, e Alfredo às senhoras de Alvarez e González.*)

SRA. DE ALVAREZ Como Mecha não pode ir, estamos esperando que se vista Laura. Não sabe o que te aguarda, Enrique. Está... como que furiosa por sua viagem.

ENRIQUE Contou sobre a viagem a ela? Eu pensava dar-lhe a notícia esta noite e conseguir sua permissão. Acho que não brigaremos. Em último caso, sempre será ela a que disponha.

ALFREDO Sabem que colocaram em fuga meia Buenos Aires?

SRA. DE GONZÁLEZ Nós?

ENRIQUE Ninguém está em casa.

ALFREDO É coisa de alugar balcões para ver como fogem as pessoas quando aparece um automóvel com o consabido estandartinho "Pró-Infância Desvalida".

SRA. DE GONZÁLEZ Que exagero!...

ALFREDO (*A Enrique.*) Subimos?

SRA. DE ALVAREZ Fogem vocês também?

ALFREDO Não. O trouxe para dar-lhe um Baedeker[3] e uns livros que tenho sobre Paris. Com licença, então. (*Mutis.*)

SRA. DE ALVAREZ Que lhes disse? Deslumbrado com a viagem.

CENA X

DITOS, SR. DÍAZ, *MENOS* ALFREDO *E* ENRIQUE

SR. DÍAZ (*Que aparece com um grosso pacote de jornais.*) Que significa um automóvel com estandarte, que vi na porta?

SRA. DE ALVAREZ Que hoje é nosso dia. Fazemos uma coleta "Pró-Infância Desvalida".

SR. DÍAZ Para que?

SRA. DE ALVAREZ Para isso. Para nossos asilos e nossos ateliês. Para a sustentação das instituições benéficas que patrocinamos.

SR. DÍAZ Entendido. Para a manutenção de "nossos filhos naturais".

SRA. DE ALVAREZ Que diz você, Eduardo?

[3]Escritor alemão, conhecido como o inventor do Guia Moderno do Viajante.

SR. DÍAZ Nada com intenção. Me lembrei de um trocadilho de um jornal...

SRA. DE ALVAREZ Segue você tão... entregue às notícias policiais?...

SR. DÍAZ Sim, senhora. Mais do que nunca. Pois... Me veio a memória um trocadilho lido há algum tempo, no qual se publicavam certos dados estatísticos sobre natalidade ilegítima.

SRA. DE ALVAREZ Isso é todo um problema social.

SR. DÍAZ E sabem como intitulava o jornal a notícia? "Nossos Filhos Naturais".

SRA. DE ALVAREZ Pois... francamente, não vejo nenhuma graça.

SR. DÍAZ Claro está. Eu tampouco...

SRA. DE GONZÁLEZ A mim resulta uma insolência.

SR. DÍAZ Pois eu...

SRA. DE ALVAREZ A mim...

SR. DÍAZ Continue você.

SRA. DE ALVAREZ Ia dizer uma besteira. Siga, Eduardo.

SR. DÍAZ Quase me ocorre o mesmo. Com licença. (*Faz movimento de ir-se.*)

SRA. DE ALVAREZ Venha cá. Não seja antissocial. Ou tem medo de perder a discussão?... Dedique-nos um instante. Conte-nos algo de sua obra. Teremos em breve o prazer de lê-la?

SR. DÍAZ Não comecei a escrever. Continuo documentando-me.

SRA. DE ALVAREZ Na crônica policial?

SR. DÍAZ Na crônica policial.

SRA. DE ALVAREZ Que original! Será um livro trágico.

SR. DÍAZ Efetivamente. Trágico.

SRA. DE GONZÁLEZ Vai vender muito isso. Um êxito assim como o de "Stella"de Emita de la Barca. Você não leu?

SR. DÍAZ Não, senhora.

SRA. DE GONZÁLEZ É raro. Todo mundo bem conhece.

SRA. DE ALVAREZ O que não acabo de compreender é como faz você para tirar proveito deste tecido de fantasias e embustes.

SR. DÍAZ Ah, minha senhora! Não tomando em conta os embustes e as fantasias. Me basta com o fato em si e as causa que os hão determinado.

SRA. DE GONZÁLEZ Pois não empreende você um trabalho pequeno, que digamos!...

SRA. DE ALVAREZ Deve ser muito monótono, isso. A mesma coisa todos os dias. A mesma punhalada, o mesmo roubo, o mesmo suicídio. De vez em quando um ocorrido interessante!

SR. DÍAZ Para mim o são todos. A punhalada de ontem e a punhalada de hoje são dois dramas distintos. Extraí-los do relato trivial, analisá-los e catalogá-los é, por agora, minha tarefa. Querem um exemplo? Leram vocês a notícia de ontem do suicídio de uma família inteira, uma mulher que se asfixia com seus quatro filhos?

SRA. DE GONZÁLEZ Não, mas ouvi conversar sobre isso os serventes.

SR. DÍAZ Uma coisa vulgar. Igual ao de anteontem e ao da semana passada - dramas da miséria -, mas com a diferença que no caso anterior o marido estava na cadeia. Um homicídio por ciúmes, suponhamos, enquanto que o presente, o marido, o pai destas quatro crianças...

SRA. DE ALVAREZ Estava doente em um hospital.

SR. DÍAZ Não. Havia abandonado os seus por igual causa. Já veem vocês: dois acontecimentos idênticos e dois dramas distintos. Este descobre que sua mulher o enganava e desaparece abandonando seu lar.

SRA. DE ALVAREZ Mal feito, que culpa tinham as pobres crianças?

SR. DÍAZ E que devia fazer?

SRA. DE ALVAREZ Velar por seus filhos, abandonando a essa má mãe.

SRA. DE GONZÁLEZ Claro está, retirar-lhe os filhos.

SR. DÍAZ E com que direito priva essas crianças do carinho da mãe?

SRA. DE DÍAZ Ave Maria! Que ideias, Eduardo!... Essa mulher não amava muito seus filhos quando esqueceu assim de seus deveres.

SR. DÍAZ Está você segura de que uma mulher que engana seu esposo não quer a seus filhos? Está bem segura?...

SRA. DE ALVAREZ Homem... tudo pode ser. Mas, como resolveria você esse problema?

SR. DÍAZ A isso vou. Essa será minha obra. Desentranhar do mesmo seio da vida, do drama de todos os dias e de todos os momentos, as causas da dor humana e expô-las e difundi-las como uma arma contra a ignorância, a paixão e o preconceito. Não perdemos tudo na briga convulsiva dos séculos. Há sintomas de que a consciência e a piedade subsistem no homem. Digamos a seu cérebro palavras de verdade, e impetremos em sua clemência com a oração do sentimento.

SRA. DE ALVAREZ E você crê, Eduardo, que isso não o fazemos todos?...

SR. DÍAZ Vocês!... Vocês!... Não. Que hão de fazê-lo!

SRA. DE ALVAREZ De imediato, lhe rezarei a você a oração do sentimento, dizendo-lhe que existem milhares de crianças cujo único amparo é o óbolo das pessoas caritativas, e que aqui há uma bolsa que impetra sua compaixão.

SRA. DE GONZÁLEZ Bravo, Edelmira! Muito bem!...

SRA. DE ALVAREZ Rápido, esse cheque!

SRA. DE GONZÁLEZ Porque não o assina em branco?

SR. DÍAZ Para isso entendam-se com o ministro da Fazenda. (*Por sua senhora.*)

SRA. DE ALVAREZ Não se escape. Venha cá, senhor piedoso.

SR. DÍAZ Além do mais, não creio em semelhante caridade.

SRA. DE ALVAREZ Explique-se;

SR. DÍAZ Não. Seria muito longo.

SRA. DE ALVAREZ Quando menos pensará, como certas pessoas, que nossa caridade não é mais que um pretexto para divertirmos. Lhe exijo uma explicação.

SRA. DE GONZÁLEZ Isso é verdade. Lhe exigimos uma explicação.

SR. DÍAZ Vocês se propuseram tirar-me de meu casulo. Lhes darei o prazer. Então... um dos capítulos mais terríveis de meu livro será precisamente o referente a "nossos filhos naturais".

SRA. DE ALVAREZ Oh! O que tem isso a ver...?

SR. DÍAZ Muito, muito. Para quem são esses asilos e esses ateliês? Suponho que não serão para meus filhos legítimos nem para seus filhos legítimos.

SRA. DE ALVAREZ Isso é uma butade[4] indigna de você.

SR. DÍAZ Perdão. Minha sinceridade não admite subentendidos.

SRA. DE ALVAREZ Adiante, então.

SR. DÍAZ A crônica policial me ensinou a encarar de outra maneira o problema social que você creem haver resolvido com a fundação de alguns asilos.

SRA. DE ALVAREZ É certo que são poucos, mas a caridade pública não dá para mais.

SR. DÍAZ Ainda que fundassem mil. Ainda que fundassem tantos asilos quanto templos! Estamos criando o mal para aplicar-lhe o remédio. E que remédio!...

SRA. DE ALVAREZ Não entendo.

SR. DÍAZ Comecemos por respeitar o direito à maternidade... A limitação deste direito é causa do tributo enorme de vida que nos cobram os asilos, as cárceres e os cemitérios. Em lugar de instituições pró-infância desvalida, fundemos ligas para o respeito à mulher em sua função mais nobre. A maternidade nunca é um delito. Se se inflige uma lei social, se cumpriu a lei humana que é a lei das leis.

SRA. DE ALVAREZ Ai, meu deus! Isso é anarquismo puro. Você quer destruir tudo.

[4]Francesismo significando "dito"

SR. DÍAZ Este é um evangelho que poderia ser praticado, ainda sem destruir os fundamentos da presente organização social. Pode-se muito bem advocar pela maternidade legalizada respeitando a maternidade anormal. O dia que este conhecimento encarnar em todos os espíritos, a missão de vocês, minhas senhoras, terá terminado ou se modificaria substancialmente.

SRA. DE ALVAREZ E enquanto chega esse ditoso dia, que faremos?

SR. DÍAZ Trabalhar para que chegue, renunciando em primeiro lugar ao exercício de uma caridade perniciosa.

SRA. DE GONZÁLEZ Perniciosa?

SR. DÍAZ Oh, senhora! Não me obrigue dizer o que são os asilos e as escolas que dão vocês à infância desvalida! Trabalhar para que chegue este ditoso dia. Isso, isso devem fazer. Vocês que sentiram coroada a fecundidade com a glória das carícias infantis, devem advocar contra o preconceito para que não haja tantos filhos sem mãe nem tantas mães sem filhos.

MECHA (*Que estava escutando seu pai com angústia crescente, explode em soluços convulsivos.*)

SR. DÍAZ Que tem, filhinha! (*Acodem todos um tanto alarmados.*)

MECHA (*Dominando-se.*) Não se alarmem. Já passa. Estou tão nervosa!

SRA. DE DÍAZ Esta menina vai nos dar um desgosto. Faz tempo que não está bem e não quer consultar-se.

SR. DÍAZ Quer que mande chamar um médico?

CENA XI

DITOS, LAURA

LAURA Não lhe faça caso, papai. São romantismos.

SRA. DE ALVAREZ Bem poderia você ter demorado um pouco mais. Em marcha, pois. Eduardo, fica pendente nossa discussão. Lhe preparo uma derrota que... já verá você. A levamos até o Pilar, Jorgelina?

SRA. DE DÍAZ Tenho o carro. Não precisa de mim, Mecha?

MECHA Já me sinto bem.

SRA. DE DÍAZ Até logo. (*Mutis.*)

CENA XII

MECHA, SR. DÍAZ

SR. DÍAZ (*Acompanha as senhoras até a porta e regressa tomando para a esquerda.*)

MECHA (*Depois de um momento de hesitação.*) Oh! Papai! Papai!...

SR. DÍAZ (*Voltando-se rapidamente.*) Que! Que, filhinha?...

MECHA (*Angustiada.*) Tenho de falar-te.

SR. DÍAZ Fale... Porque está tão agitada?

MECHA Não. Será depois... depois...

SR. DÍAZ Como quiser. Me estranha esse gesto, filha.

MECHA Não. Não é nada. Queria dizer-te que fui má contigo. Não concluí as traduções.

SR. DÍAZ Bah! Era só isso! Há tempo, não se fatigue.

MECHA Me perdoa?

SR. DÍAZ Besta! (*A beija e vai-se.*)

CENA XIII

MECHA, CRIADA

MECHA (*Depois de um instante de profunda reflexão, se levanta resoluta e chama.*)

CRIADA Senhorita?

MECHA Suba ao quarto de Alfredo e diga ao senhor Enrique que tenha a bondade de vir. (*Mutis da criada. Pausa longa.*)

CENA XIV

MECHA, ENRIQUE

ENRIQUE Me chamou?

MECHA Sim.

ENRIQUE Espero que não tenhamos a discussão de costume.

MECHA Eu também espero. Está resolvido a ir?

ENRIQUE Sim.

MECHA A consumar a grande canalhice?...

ENRIQUE Nossa situação está há tempos perfeitamente definida, de modo que as cenas a estas alturas sobram.

MECHA Escuta-me esta última súplica que não vai dirigida a seu cavalheirismo, porque não o tens, mas sim ao pouco que resta de seu senso de justiça. Casa-te comigo. Evitemos a minha família a vergonha que lhes espera, e eu te prometo não fazer jamais uso de meus direitos de esposa, não intervir na sua vida, me separarei no ato de ti.

ENRIQUE E eu, que ganho com isso? Veja. Se estás em perigo, o máximo que posso oferecer-te é que venha comigo à Europa.

MECHA Já não te quero. Se te quisesse, te seguiria até o fim do mundo ainda que soubesse que és capaz da ignominia de lançar-me à vida nas ruas, que não faria outra coisa comigo.

ENRIQUE A verdade é que com tão bons sentimentos a meu respeito, não me resulta explicável a insistência em que nos casemos.

MECHA Te repito que pela tranquilidade dos meus, me resignaria ao sacrifício desta união nauseante.

ENRIQUE Eu te adverti.

MECHA Cala-te. Não era por salvar-me que me induzias ao crime. Era por salvar-te tu, tu, tu... Porque sois covarde e vil. Improvisastes em cumplicidade com tua respeitável família.

ENRIQUE (*Severo.*) Mercedes!... Mercedes!...

MECHA Basta. Quero tua última palavra.

ENRIQUE Já a disse.

MECHA Bem. Fora daqui!

ENRIQUE (*Se encaminha à escada.*)

MECHA Não. Fora desta casa!... A Europa! Fuja hoje mesmo, covarde! Fuja. Dentro de instantes todos vão conhecer minha vergonha e tua infâmia! Fuja! Covarde!... Vil! Vil! Vil! (*Depois que Enrique sai, arrebatada, busca algo que não encontra nos móveis e com um gesto de supremo desespero se lança à escada. A dois ou três degraus detém-se, vacila e cai.*)

CENA XV

MECHA, SR. DÍAZ

SR. DÍAZ (*Aparece pela lateral, recolhe os jornais que esqueceu e, ao voltar a vista, percebe Mecha e corre em seu auxílio.*) Filha! Filhinha minha! (*A levanta com esforço, a conduz ao divã, afrouxa as roupas monologando ternuras cabíveis. Vendo que não volta a si, pega a campainha e chama.*) (*À criada.*) Água... sais... qualquer coisa! Arrume que a menina está mal!

CRIADA Ai meu deus! (*Mutis para em seguida voltar com um frasco de sais.*)

SR. DÍAZ Fale por telefone ao médico, e se não está, chame a assistência. Que venha em seguida. (*Mutis da criada. Mecha reage lentamente.*)

MECHA Oh! Papai! Papaizinho!

SR. DÍAZ Se sente melhor?

MECHA Oh, sim!... (*O abraça soluçando.*)

SR. DÍAZ Chore. Isso alivia.

MECHA Sim. Alivia! Alivia!... (*Uma pausa.*)

SR. DÍAZ E como foi isso, filhinha?...

MECHA Oh! É uma vida que protesta, que clama pela verdade! (*Arranca com violência os broches do vestido.*) Assim!... Assim!... Minha glória!...

SR. DÍAZ Que quer dizer?

MECHA Você nos defenderá, verdade?... Aos dois...

SR. DÍAZ Oh! Pobrezinha!... Sim... sim... Os defenderei... (*Muito comovido.*) Teu filho terá mãe... e terá... um avô!...

Pano.

ATO SEGUNDO

A mesma decoração.

CENA I

SRA. DE DÍAZ, DR. X

SRA. DE DÍAZ Nada mais, doutor?

DR. X Não, está muito bem. Seria conveniente, isso sim, evitar toda violência moral.

SRA. DE DÍAZ Perdoa-me, doutor. Já que teve que intervir neste doloroso acidente, quisera contar com sua ajuda...

DR. X Diga.

SRA. DE DÍAZ O senhor conhece as rarezas de meu marido. Tomou o caso com um sangue frio alarmante e não há forma de convencê-lo do naufrágio moral desta casa.

DR. X Não é para tanto, senhora, não é para tanto!

SRA. DE DÍAZ Nós temos de tomar alguma medida. Abandonar a cidade na primeira oportunidade.

DR. X Compreendo.

SRA. DE DÍAZ De modo que sua intervenção poderá ser decisiva.

DR. X Em que sentido?

SRA. DE DÍAZ Insinuando a conveniência de uma viagem ao campo até o restabelecimento de nossa filha.

DR. X Resulta um pouco difícil. Não é tratamento indicado para tais casos, e se o senhor Díaz está na disposição que me indica, se oporá seguramente a que se afastem sua filha da fonte dos recursos. Enfim, veremos mais adiante.

SRA. DE DÍAZ Faça o possível, doutor!

DR. X Compreenderá a senhora que não posso comprometer-me. Adeus, senhora. Saudações ao senhor Díaz.

SRA. DE DÍAZ Adeus, doutor.

CENA II

SRA. DE DÍAZ, LAURA

LAURA Deu ordem a Manuel que feche a porta?

SRA. DE DÍAZ Sim.

LAURA (*Senta-se pensativa.*) Alfredo não veio ontem dormir em casa.

SRA. DE DÍAZ Eu sei.

LAURA Sabe deus em que anda. Tomara que não tenhamos de chorar mais esta desgraça.

SRA. DE DÍAZ Pobre Alfredo! (*Pausa.*)

LAURA Me figuro, estou vendo como nos devoram as pessoas! A fruição, o gozo com que estarão saciando o mundo sua fome de escândalo. Ah! A estas horas já não é Mercedes, sou eu também, é você, estamos todos no anfiteatro. Que vergonha! Que vergonha!...

SRA. DE DÍAZ Não exagere, menina. As pessoas não são tão más!

LAURA Não são más?

SRA. DE DÍAZ Além do mais não pode ter circulado tão rapidamente a notícia.

LAURA Quiçá a verdade não. Mas em Palermo, nas igrejas, nos clubes, nos bares, em toda parte funciona já a desgraçada das fofocas. E elas, as de Alvarez, foram seguramente as primeiras a tocar a sirene. O que hoje não falta em nenhuma parte. Já estou vendo a Edelmira, à irmã, às meninas o mais satisfeitas, o mais orgulhosas em atitude de receber aplausos. Todas elas são tenórios, seduziram a Mercedes!... E quem sabe se não saiu, sem querer, uma verdade!...

SRA. DE DÍAZ Menina! Cala-te!

LAURA Oh! Tinham muito doce com Mercedes. Mecha a almoçar, Mecha ao teatro, Mecha à estância.

CENA III

DITOS, SR. DÍAZ

SR. DÍAZ Porque está fechada a porta da rua? Aqui não morreu ninguém.

SRA. DE DÍAZ Mas Eduardo!...

LAURA Cala-te, mamãe. O que devemos fazer é colocar bandeiras e iluminar esta noite a frente da casa.

SR. DÍAZ Senhorita. É você uma atrevida!... (*À senhora.*) Esteve o doutor?

SRA. DE DÍAZ Sim. A encontra em repouso. Ah! Não entendi muito bem, mas me parece que se inclinaria a aconselhar-nos uma viagem.

SR. DÍAZ Uma viagem?... Não acho. Enfim, já falarei com ele.

SRA. DE DÍAZ Sabe algo de Alfredo?

SR. DÍAZ Não.

SRA. DE DÍAZ Temo que aconteceu algo.

SR. DÍAZ Já teremos notícias. Emfim, tudo pode acontecer. Desgraçadamente, ainda não pagamos suficiente tributo às preocupações!... (*A Laura.*) Você, filhinha, já a viu, esteve com ela?

LAURA Não, papai!

SR. DÍAZ De modo que isolam e abandonam à querida irmãzinha de antanho? Que coisa é o amor, então?

LAURA Ainda não posso, papai. Seria uma violência e um tormento muito grande!

SR. DÍAZ Faz um esforço e vá a seu lado, ainda que para fazer uma censura.

LAURA Tenho vergonha!...

SR. DÍAZ Oh!

LAURA Vergonha de envergonhá-la!...

SR. DÍAZ (*Com ternura.*) Filhinha!... Vem, vem aqui. Verá como se passa essa vergonha. Tenho boa mão para arrumar esses conflitos. (*Laura cede, colocando-se de pé.*) Dê-me o braço. Nos apresentaremos assim em seu quarto. (*Se dirigem à escada.*) Nos apresentamos e eu lhe digo: Aqui está sua irmãzinha que tem vergonha que você possa ter vergonha. Laura! Mercedes!... E se abraçam e choramingam e quem sabe o pobre papai não saca de sua ternura alguma lágrima para celebrar o espetáculo. Talvez não tenha me esquecido chorar!... (*Mutis.*)

CENA IV

SRA. DE DÍAZ, PANCHITA, ERNESTA

PANCHITA (*Desolada.*) Jorgelina! Jorgelina! (*A abraça com efusão um tanto cômica.*) Venho consternada! Consternada!... Que coisa tão horrível, irmã!...

SRA. DE DÍAZ (*Com gesto de circunstâncias.*) Assim é, Pancha, assim é!...

PANCHITA Como estarão naquela casa! Que golpe para Jorgita! Vinha dizendo para Ernesta no caminho. Não é Ernesta? Figura-te que nada sabíamos, que íamos saber passando a vida na quinta como passamos toda a vida? Quando esta manhã saímos para a capela onde nos toca a guarda do santíssimo e com quem nos encontraríamos? Com Eduarda García e as meninas que iam a Palermo e detém o carro. Panchita, sabe você se se bateram? Quem? Mas em que mundo vivem? Alfredo seu sobrinho com Enrique! Porque?... E me contaram que Enrique se negava a casar depois de... enfim, a verdade. Espero que não me terão enganado! Tomamos um carro e sem respirar nos vimos até aqui!... Como está, filhinha, como está?...

SRA. DE DÍAZ Agonizante!

PANCHITA Sabem algo de Alfredo?

SRA. DE DÍAZ Nada, imaginem minha inquietude. É certo o do duelo?

PANCHITA Certíssimo! Em condições terríveis, à pistola, a cinco passos, que sei eu! E claro está, nestes casos que menos!... Ah! Te advirto que as de García também estão consternadas!... Não chore, não se aflija, mulher!...

SRA. DE DÍAZ O pobre Alfredo!

PANCHITA Talvez não tenha acontecido nada. O menino atira muito bem. Acalme-se.

SRA. DE DÍAZ Esta incerteza! A impossibilidade de averiguar...

PANCHITA Alfredo virá em seguida. Mas quem ia dizer que Mercedes...

ERNESTA Oh, eu sim!... Com a educação que recebem as meninas de hoje é preciso esperar tudo. E essa Mercedes nunca me agradou nada. Por algo não fazíamos boas migas!...

PANCHITA Não seja injusta, Ernesta. Nossa sobrinha teve boa moral e muitos bons exemplos.

ERNESTA Se inclinava mais ao pai, e saiu doentia como ele.

PANCHITA E o filósofo, que diz? Segue vivendo na lua?

SRA. DE DÍAZ Está muito satisfeito.

ERNESTA Viram? O que eu dizia!

PANCHITA Suponho que tomaram já alguma determinação.

SRA. DE DÍAZ Nenhuma. Não nos recompomos ainda. Depois... Alfredo que não aparece, por um lado, e a conduta de Eduardo por outro, me têm em uma situação que... francamente, não sei o que pensar nem o que fazer.

PANCHITA O que pretende Eduardo?

SRA. DE DÍAZ A ampara e quer que as coisas continuem como se nada tivesse passado.

PANCHITA Isso é absurdo. Vocês não devem se sacrificar. Por culpa dessa... louquinha que vai renunciar a sua vida. Não é o primeiro caso de uma família a que cai semelhante desgraça encima. Se elimina a má semente, e assunto concluído. Veja, eu tenho muita influência com a superiora do refúgio de Santa Magdalena. Ali se passaria muito bem.

SRA. DE DÍAZ Isso será muito difícil. Eduardo não o consentirá.

PANCHITA Com que direito poderia impedi-lo? Querida, deve impor sua autoridade.

SRA. DE DÍAZ Eu?... Se soubessem como estou. Até me ocorre que seria melhor fazer o desejo de Eduardo e deixar as coisas assim.

PANCHITA Que temeridade!

SRA. DE DÍAZ Não sei o que me passa. Tenho medo.

PANCHITA De que?

SRA. DE DÍAZ Não sei... de um escândalo. Eduardo está muito estranho, enigmático comigo. Quase ameaçador. Quem sabe a que extremos pode levar seu estado de ânimo. (*Aparecem Laura e Mecha pela escada.*)

PANCHITA Vejam a insolente! Então não tem a coragem de apresentar-se diante nós!

SRA. DE DÍAZ Deixem-na. Nada lhe digam.

CENA V

DITOS, LAURA, MECHA

LAURA Vocês por aqui? Como estão, Panchita, Ernesta!...

MECHA (*Faz movimento de voltar-se, mas reage e vai sentar-se em qualquer parte sem saudar. Pausa envergonhada e prolongada, quebrada por alguns Aham! Aham! das velhas.*)

LAURA (*Observa todos os rostos e se levanta irritada.*) Uff!... Lúgubres! (*Nova pausa.*)

PANCHITA (*Com um prévio suspiro.*) Pobre Alfredo!

MECHA (*Como que movida por uma mola.*) Que tem Alfredo? O que aconteceu? Respondam!... Falem que me exasperam com essas caras de tragédia!

PANCHITA Nada sabemos. O duelo deve estar se realizando! Creio que depois do que você fez, já deveria esperar...

MECHA Um duelo? Meu deus! Devia ter suspeitado... Mas papai estava tão tranquilo... Eu saberia como evitá-lo! Sim, sim, sim!... Saberia como evitá-lo. Oh! Que angústia!...

PANCHITA Já vê que não se comete impunemente uma leviandade! Veja sua mãe, como está atribulada. A nós! Ah! Menina! Terá que sofrer muito, muito. E mesmo assim não compensará ainda as lágrimas que fez cair.

MECHA Sim, sim! Têm razão!... Terei que sofrer muito!

PANCHITA Nós compreendemos que esse sem-vergonha abusou de ti... o compreendemos. Mas você deveria ter-se cuidado um pouco mais; afinal de contas não era tão jovem e não te faltaram exemplos de moral e de juízo.

MECHA Não me digam mais. Têm razão! Têm razão!...

ERNESTA Bom seria se você a tivesse.

PANCHITA Naturalmente que a estas alturas o mal não tem remédio... Não resta mais a resignar-se, pois, a sofrer a penitência. Que pensa fazer, menina?

MECHA Eu não sei. Que querem que saiba eu!... Chorar!... Chorar tanta desgraça!...

PANCHITA Veja: acabo de dizer a sua mãe que tenho muita influência com

a superiora do refúgio de Santa Magdalena. Não te suponho uma descarada que pretende desafiar o mundo exibindo seu opróbrio. Vá, então, para esta santa casa, tem seu filho, o conserve, se desejar, e com o tempo, levando uma vida exemplar, não será difícil que consiga o esquecimento ou o perdão das pessoas. Nós lhe visitaríamos com frequência...

MECHA Basta!... Isso nunca!... Primeiro me mato!...

SRA. DE DÍAZ Filha, não pense loucuras.

PANCHITA Muito bonito é resolver as coisas assim. Que pretende? Continuar nesta casa envergonhando os seus?

MECHA Não apagarei os fatos com ir-me a outra parte. O mesmo lhes envergonhará desde um convento.

PANCHITA Está muito ofuscada, menina.

ERNESTA Eu creio que não há que andar com tanto lenga-lenga. Reclui-se e acabou.

MECHA Oh!... O estrupício!...

PANCHITA Cala-te Ernesta!... Não se altere, Mercedes; escuta. Você não tem a dimensão exata de sua situação e quer arrastar a todos na sua queda. Se não se resigna a um retiro expiatório, que vai ser dos seus? Esta casa terá que fechar suas portas para o mundo. Sacrificar sua mãe obrigando-a a romper com suas velhas amizades, sacrificar, e isto é o pior, a Laurita.

MECHA A Laura!

PANCHITA Sim. Crê que a pobrezinha, tão boa, tão ajuizada, vai encontrar com quem casar-se? Aniquila seu futuro. Aniquila também o futuro de Alfredo, porque ninguém irá querer vincular-se a uma família tão vergonhosamente manchada. Não te remói a consciência?

MECHA (*Presa de uma nova crise de lágrimas.*) Oh! Sim!... Quanta vítima!... Disponham de mim! Farei o que me indicarem...

PANCHITA Viu, Jorja, como se resolvem rapidamente as coisas?... Ai, o filósofo!...

CENA VI

DITOS, SR. DÍAZ

SR. DÍAZ Com que você, eh?... (*Percebendo Mecha.*) Filha, porque chora?... Oh, naturalmente! Os abutres! Sentiram o odor de carniça fresca! Que lhe fizeram, filha?

PANCHITA Nada em comparação com o que merece.

SR. DÍAZ E com que direito interveem nos assuntos desta casa?

PANCHITA Mas não faltava mais! Com o direito de nosso parentesco e de nosso juízo!

SR. DÍAZ Jorgelina, você não deveria ter permitido!...

MECHA Papai, nada me faziam; são meus nervos!

SR. DÍAZ Oh, as conheço!... Minhas senhoras, nesta casa já estão demais os elementos de pertubação.

SRA. DE DÍAZ Eduardo!

PANCHITA Que te parece, Jorja?

ERNESTA Os loucos também sobram.

SR. DÍAZ Sim, senhora; também sobram.

MECHA Papai, não se altere.

SR. DÍAZ Volto a fazer uso de minha autoridade.

ERNESTA Vamos-nos.

SRA. DE DÍAZ Não é para tanto. Eduardo não quis dizer isso.

SR. DÍAZ Se equivoca. Quis dizê-lo. Que partam!

PANCHITA Ai, pobre Jorja! O que te aguarda com semelhante louco.

ERNESTA Conte conosco sempre. (*Se despedem e fazem um mutis trágico.*)

SR. DÍAZ Com bom vento! (*Caminha nervoso.*) Há pessoas que fazem perder a compostura ao mais paciente.

CENA VII

DITOS, MENOS PANCHITA *E* ERNESTA

SRA. DE DÍAZ Eduardo, te deixei fazer, mas te advirto que não deveria...

SR. DÍAZ Sim, deveria...

SRA. DE DÍAZ São minhas irmãs.

SR. DÍAZ Ainda que fossem as minhas. Vinham perturbar. E estou disposto a manter, a todo custo, a paz e a tranquilidade desta casa. Uma beatas desalmadas que se aproximaram com o exclusivo propósito de torturar esta criança. Você não deveria consentir que lhe dissessem uma só palavra, que lhe fizessem uma só reprovação!

SRA. DE DÍAZ Eduardo, vou crer que o perturbado é você. Não, não. As coisas possuem sua outra face. É muito dono de si para apartar e perdoar sua filha, mas nem todos compartilham de suas ideias e tem que se respeitar o direito dos demais.

SR. DÍAZ Explique-se. Não te entendo.

MECHA Oh! Agora vã brigar por mim. Basta. Não quero, não posso suportar mais. Papai, escuta-me. Eu tenho uma solução.

SR. DÍAZ (*Afastando-a.*) Explique-se. Fale.

SRA. DE DÍAZ Não me olhe com esse ar de desafio. Eu não te provoco.

SR. DÍAZ Complete seu pensamento. É justo.

SRA. DE DÍAZ Bem. Queria dizer que vai longe demais. Afinal de contas, a menina não fez nada que mereça glorificação e quem se crê com tanta autoridade como você, pode pensar de modo diverso e reprovar-lhe sua falta.

SR. DÍAZ Você, Jorgelina!...

SRA. DE DÍAZ Sim, eu.

MECHA Papaizinho, papaizinho. Basta, por deus! Não briguem. Seria uma pena maior para mim. Um dor muito grande.

SR. DÍAZ Você!... Faça a prova. Atire a primeira pedra!...

SRA. DE DÍAZ Que significa isso? Agora exijo que se explique!

SR. DÍAZ (*Dominando-se.*) Não. Não significa nada. Dispensa-me. Estou conturbado. Sou um enfermo, já sabem. Me sinto irritável e perco facilmente a cabeça. Quero tanto a essa filha que me parece que a ofendem a cada palavra. Perdão. Sejamos bons. (*Aparece Alfredo.*)

CENA VIII

DITOS, ALFREDO

SRA. DE DÍAZ Alfredo!... Meu filho!... (*O abraça.*) Não vem ferido? Nada te aconteceu, verdade? Oh! Me deixou numa angústia tão grande!.. Te bateste?

ALFREDO Sim.

SRA. DE DÍAZ Que temeridade, menino!

ALFREDO Que queriam? Que ficasse frio?

SRA. DE DÍAZ E?...

ALFREDO Nada, desgraçadamente.

SR. DÍAZ Felizmente.

ALFREDO Porque?

SR. DÍAZ Homem!... Se a honra é um credor tão complacente que se conforma - paguem ou não lhe paguem seu crédito com sangue - vale mais que não o tenha cobrado.

ALFREDO Está de bom-humor, eh?

SR. DÍAZ Está vendo.

ALFREDO Bem. Eu necessito descansar. Não estou para ninguém antes das três.

SRA. DE DÍAZ Sim, meu filho. Eu te acompanharei a seu quarto.

MECHA Alfredo!

ALFREDO (*Voltando-se.*) Que foi?

MECHA Me perdoa a mortificação que te causei?

ALFREDO Agora vêm as súplicas. Não. Não te perdoo. Não carecia de experiência para haver perdido o domínio sobre si mesma.

MECHA Oh! Meu deus!

SR. DÍAZ Alfredo! Ainda que tenhas te batido em duelo, o que fazes não é cavalheiresco.

ALFREDO E o que faz você não é decoroso.

SRA. DE DÍAZ Vamos, filho. (*Mutis.*)

CENA IX

SR. DÍAZ, MECHA

SR. DÍAZ Venha, filhinha. Apoie-se em mim. A luta será muito cruel. Mas venceremos. Não possuem armas para as escaramuças. Venceremos.

MECHA Não posso, papai, não posso lutar mais! Me sinto cada vez mais debilitada. Deixa-me.

SR. DÍAZ Deixar-te seria abandoná-lo. Não dizia que era sua glória?

MECHA Escuta-me. Vou falar com toda sinceridade. Anteontem, quando expunha o seu evangelho do respeito à maternidade, eu, que havia pensado, melhor: que esta resoluta a solucionar meu conflito com um duplo crime...

SR. DÍAZ Não. Cuidado com pensar semelhante coisa!

MECHA Já passou. Eu... experimentei, ao ouvir-te, um alívio tão grande, me senti tão consolada que como por encanto desapareceram de minha mente as ideias lúgubres. Não sabia quem você era. Tinha por suas ideias e por suas maneiras o maior respeito, isso sim, mas não as entendia por inteiro. Ainda depois de havê-las compreendido, pensei em cometer a barbaridade. Me salvou o desmaio e me salvou sua intervenção providencial. Logo aceitei seu programa de luta, mas acabo de convencer-me de que é impossível, irrealizável e, além de tudo, superior às minhas forças físicas e morais. Estamos revolucionando tudo. Com a bandeira de paz e bem-estar semeamos a guerra.

SR. DÍAZ Nada! Seguramente que as ideias dessas bruxas que acabaram de sair...

MECHA Não quero sacrificar a tranquilidade dos nossos. Você perdeu o seu repouso; eles, o bem-estar; o bem-estar futuro. Eu sou, e serei sempre, semente de discórdias, pedra de escândalo.

SR. DÍAZ Questão de dias, nada mais. Se habituarão!

MECHA Logo... Minha vergonha, a humilhação de todos os instantes e, sobretudo, o remorso de ter causado tanto dano e tanto dissabor. Consinta

que me elimine! Há casas de reclusão muito boas...

SR. DÍAZ Renuncias a sua glória?

MECHA Não renuncio. Nunca! Deixo de ser estorvo e fator de discórdia e me dedico a meu filhinho. Você irá vê-lo, o educaremos como você queria e eu terei conseguido completar minha missão sem sacrificar para isto a felicidade dos demais.

SR. DÍAZ És muito boa, menina!

MECHA Veja, papaizinho...

SR. DÍAZ Não insista. Não o consentirei jamais. Você e seu filho são minha responsabilidade. Sou teu asilo. Se não vencermos, nos retiraremos com todas as honras ao refúgio que saberei preparar-te... Seu sacrifício, sua renúncia? Que renunciem eles!...

CENA X

DITOS, CRIADO

CRIADO A senhora de Alvarez. Falei que os senhores não estão em casa, mas ela insiste tanto...

MECHA Ela!...

SR. DÍAZ Faça-a entrar.

MECHA (*Com evidente desgosto.*) Talvez seja a solução.

SR. DÍAZ Vá, filha. Deixe-me.

MECHA Papaizinho; se por casualidade - posto que é tão estranha a visita - se tratar de...

SR. DÍAZ Deixe-me. Eu sei o que devo fazer. (*Mecha faz mutis.*)

CENA XI

SR. DÍAZ, SRA. DE ALVAREZ

SRA. DE ALVAREZ Lhe parecerá estranha, Eduardo, esta visita. Não era destinada a você, mas já que o encontro significa o mesmo a meus propósitos.

SR. DÍAZ Tome você assento, Edelmira.

SRA. DE ALVAREZ Terá adivinhado o motivo que me trouxe.

SR. DÍAZ Não, senhora.

SRA. DE ALVAREZ Começarei por dizer que se vocês foram tomados de surpresa por esta catástrofe, a nossa surpresa foi igualmente grande.

SR. DÍAZ Lhe asseguro que não tinha necessidade de dizê-lo.

SRA. DE ALVAREZ Muito obrigado. Quem ia dizer quando discutíamos tão inocentemente sobre o tópico, que em questão de horas ia apresentar-se um caso à prova?

SR. DÍAZ Efetivamente.

SRA. DE ALVAREZ Acabo de falar com meu filho. Regressava do duelo com Alfredo. Deus quis que não acontecesse nenhuma desgraça maior. Os rapazes não se reconciliaram, mas não se esquece assim uma amizade de infância. Enrique voltou muito sentido e assim que pudemos conversar com ele, nos confessou a verdade com toda honra. Está arrependido de sua trapalhada e honestamente se dispôs reparar a ofensa que lhes fez. Creia-me, Eduardo. Tudo não passou de uma criancice. Sua viagem à Europa, que provocou a catástrofe, era verdadeira; pode, se quiser, ver a carta do pai.

SR. DÍAZ Creio que ele poderia ter pensado um pouco antes em reparar sua... isso, sua ofensa.

SRA. DE ALVAREZ Tem razão. Resulta quase imperdoável.

SR. DÍAZ Não, não faço uma reprovação. Penso que é melhor que as coisas tenham passado tal qual ocorreu.

SRA. DE ALVAREZ Não sou dessa opinião. Enrique poderia ter sido mais descente.

SR. DÍAZ Não se conseguiria outra coisa que não a infelicidade dos dois.

SRA. DE ALVAREZ Que quer você dizer, Eduardo?

SR. DÍAZ Que não se querem. Que não se quiseram nunca.

SRA. DE ALVAREZ Conheço os sentimentos de Enrique e...

SR. DÍAZ Tenha você a certeza de que os simulou. De outro modo teria evitado à pobre menina as angústias de uma incerteza de meses já que não puderam ambos dominar a explosão do instinto. Enquanto a ela posso afirmar-lhe que não sente a menor inclinação afetiva pelo seu filho, por mais que estivesse disposta a submeter-se a um jugo que lhe pesaria toda a vida.

SRA. DE ALVAREZ É muito estranho o que você diz. Queria falar com Jorgelina.

SR. DÍAZ Pode fazê-lo, se quiser, e a autorizo até a duvidar de minhas faculdades mentais, mas lhe advirto que os destinos de Mercedes estão em minhas mãos e que não a entregarei jamais, por nenhum preço, ao sacrifício de uma união que não resolve nenhum ponto de honra e, sobretudo, que a condena a uma servidão odiosa e deprimente por toda sua existência. Sabendo disto, pode você ver-se com Jorgelina e apreciar minha atitude conforme seu critério, que muito respeito, diga-se de passagem.

SRA. DE ALVAREZ É a primeira vez que lhe escuto falar assim, Eduardo. Não lhe suspeitava semelhantes ideias. Não crê você na sinceridade deste

passo que damos?

SR. DÍAZ Não a coloco em dúvida.

SRA. DE ALVAREZ Então... (*Colocando-se de pé.*) Só tenho que lamentar que este deplorável episódio venha a cortar nossa velha e afetuosa amizade...

SR. DÍAZ Pelo que a mim me toca, Edelmira, posso assegurar-lhe que permanece invariável... E espero sua palavra de continuar em qualquer circunstância aquela discussão sobre... nossos filhos naturais.

SRA. DE ALVAREZ Adeus, Eduardo.

SR. DÍAZ Adeus, Edelmira.

CENA XII

SR. DÍAZ, MECHA

MECHA Papai. Nada pude escutar. A que veio?

SR. DÍAZ Diz-me, filha... Você o queria?

MECHA Antes, talvez.

SR. DÍAZ Deveras... Deveras... Você não o quer?

MECHA Não.

SR. DÍAZ Então, filha, dê-me os agradecimentos. Te salvei!

Pano.

ATO TERCEIRO

(Na biblioteca do senhor Díaz. Jornais por todos os lados. Nas estantes da frente, três ou quatro filas de grandes livros.)

CENA I

SR. DÍAZ, DR. X

SR. DÍAZ (*Aparecendo com o Doutor.*) Meu doutor, será você o primeiro profano a violar os mistérios do santuário. Parece isto uma redação de jornal, verdade?

DR. X Efetivamente.

SR. DÍAZ Pois aqui passei os últimos quatro anos. Quer dizer, aqui não. Vivia mais acima, mas me mudei ontem para evitar a minha secretária, Mercedes, o trabalho de subir escadas. Veja você a tarefa em que me surpreendeu este acontecimento íntimo - original coincidência. Veja (*Apontando um grosso livro de recortes que está sobre a mesa.*) "Natalidade ilegítima" - "Nossos filhos naturais" - "Ocultação da maternidade" - "Infanticídios". É abundante a documentação.

DR. X Desde que ponto de vista e com que critério procede a seleção desses documentos?

SR. DÍAZ Seria uma tarefa chata a explicação. Um caso prático. Tomo um jornal qualquer; este. Vejamos. (*Folheando-o.*) "Vida Social"... "Teatros"... "Polícia"... Ah.. rá!... Buscamos a notícia que nos convenha. Aqui está. "Infanticídio"? Este título nunca falta na crônica policial... É um horror. (*Lendo.*) "Na manhã de ontem, um condutor de um carro de limpeza pública, Fulano de Tal, ao esvaziar um cesto de lixo em tal parte, etc... encontrou um cadáver de uma criança do sexo feminino horrorosamente despedaçado." Pois isso vai a uma seção puramente estatística que chamo de o ossário infantil. Se a polícia - coisa que rara vez ocorre - averigua o provável crime, eu que tenho classificadas as possíveis causas da ocultação da maternidade corto a notícia e a colo devidamente anotada na seção que lhe corresponda. Exemplo aleatório de uma anotação: (*Lendo.*) "Existe uma lei que proíbe a matança das vacas para que não se extinga nossa riqueza pecuária. A disciplina social ordena a anulação das mães e a matança dos filhos ou a matança de ambos ou a anulação de ambos."

DR. X Mas, senhor: as estatísticas, que são cada dia mais completas, não lhe poupariam tanto trabalho? Os criminalistas e os sociólogos se baseiam nelas para seus estudos e conclusões.

SR. DÍAZ Ali os tenho. Li muito. Não os tomo maiormente em conta. Minha obra não será de especulação científica. Quero oferecer à humanidade um espelho em que veja refletidos suas paixões, sua miséria, seus vícios. Isto fazemos, estes são nossos crimes, e por isto e isto nos estamos despedaçando.

DR. X Um livro sentimental.

SR. DÍAZ Sim, sentimental, se você deseja. Um toque de misericórdia à clemência universal. Provei em mim mesmo a bondade de minha futura obra, de minha monumental "Enciclopédia da dor humana". Durante estes quatro anos de leitura fundamentada e analítica de minhas crônicas policias, experimentei a alegria de uma renovação de meu ser moral, e se não me considero de todo justificado, estou depurado de preconceitos, e sinto transbordar em meu espírito a tolerância e a piedade por meus semelhantes.

DR. X Que original! Que curioso!

SR. DÍAZ Oh! Espero, meu doutor, que não me julgue você com o critério vulgar que me atribui um capricho sentimental.

DR. X Oh! Não!... Não, senhor!...

SR. DÍAZ E suponho também que não provocou esta entrevista com o objetivo de estudar o estado de minhas faculdades mentais.

DR. X Lhe asseguro, senhor, que não. Trabalhei por minhas pernas e sem propósitos preconcebidos.

SR. DÍAZ Porque há pessoas capazes de tudo, meu amigo. Nada de estranho teria, por exemplo, se amanhã meus parentes tentarem internar-me por louco.

DR. X Não acredito. De nenhum modo.

SR. DÍAZ (*Andando um tanto nervoso.*) Sim!... Sim!... Loucura!... Loucura!... É tão raro... tão estranho... tão anormal que um homem se sinta bom... que um homem tenha amor por seus semelhantes... que um homem se emancipe da tirania dos preconceitos... que não há mais remédio que declará-lo louco. Louco!... Louco!... (*Exaltando-se.*) Os loucos são eles... Eles!... Loucos trágicos, que se afastam!...

DR. X Não se exalte, senhor Díaz. Posso lhe assegurar que nos fazem falta loucos como você.

SR. DÍAZ Muito obrigado. Dissimule minha veemência. Me ocorreu que bem poderiam ter vontade aos meus atribuir meus atos à insanidade mental. Mas não há de suceder. (*Pausa.*) Diga-me, doutor. Encontra bem, muito bem, minha filhinha?

DR. X Seu estado não poderia ser mais favorável, tanto que minha assistência resulta de todo inoficiosa.

SR. DÍAZ Quem sabe se não a esperam maiores contrariedades!...

DR. X Não teriam razão de ser. Em todo caso suponho que nada possa ocorrer a lhe acarretar pertubações perigosas.

CENA II

DITOS, MECHA

MECHA Ah! Perdão!

SR. DÍAZ Adiante, filha. Não falamos nada reservado.

DR. X E por outra parte, roubei já muito tempo ao senhor Díaz.

MECHA Não o roubou ele a seus enfermos?

DR. X Adeus, senhor. (*A Mecha.*) A você não voltarei a ver...

MECHA Em qualidade de médico, creio entender.

DR. X Evidentemente. Adeus.

SR. DÍAZ Sabe onde está aquele caderno com os apontamentos sobre a delinquência precoz?

MECHA A ver... a ver... Aqui está. Para que o quer?

SR. DÍAZ Na outra manhã, quando discutia com sua ex futura sogra, me ficaram muitas coisas por dizer-lhe com respeito aos institutos do Patronato, e entre elas a constatação que a maioria das crianças delinquentes se educaram e receberam a proteção daqueles asilos. E penso dar-lhes uma troça pesada mandando um resumo de minhas estatísticas à sociedade "Pró infância desvalida".

MECHA O fará depois. Agora temos de conversar. O comitê está reunido em seção plena.

SR. DÍAZ Ah, sim!

MECHA O que ouvi. Parece que tratam gravíssimos assuntos.

SR. DÍAZ Me alegro muito. Ao fim resolverão adotar uma atitude de paz ou de guerra.

MECHA Há de ser de guerra. Encontro mamãe hostilíssima. Laura está cheia de não-me-toques e quanto a Alfredo, acaba de me maltratar.

SR. DÍAZ Como! Se atreveu!

MECHA Não. De palavra, não mais. Não me ferem suas injúrias. Se está operando uma mudança tão grande em mim que começo a crer que não tardará em serem-me indiferentes. Todos, a começar por mamãe. Começo a dar-me conta da inanidade dos sentimentos cimentados em uma simples convivência.

SR. DÍAZ Bravo, filha!

MECHA Me havia explicado que no primeiro momento, ao conhecerem minha falta descarregaram sobre mim todas as violências de sua indignação, mas depois deveriam reagir ante o irremediável e reintegrar-me em

seu afeto. Meu carinho por eles me obrigava ontem a oferecer-lhes um ato de desagravo recluindo-me em uma casa de correção, mas o carinho deles nem sequer os induziu ao perdão.

SR. DÍAZ A esse respeito, talvez prejulgue um pouquinho. Deve compreender que ainda não se repuseram da surpresa e que nossa atitude deve ter levado um pouco de confusão a esses espíritos habituados a soluções prontas.

MECHA Poderia ter notado já alguns sintomas de reação. Mas sucede o contrário. A mamãe a vejo convertida em um monumento de dignidade social ofendida, com uma rigidez acadêmica que em outra circunstâncias me fariam cócegas. Laura, com todas suas aparências de mosca morta está sempre eriçada como um porco-espinho e nada digo do outro, fissurado como está em seu papel de cão guardião da honra da família que já ladrou forte.

SR. DÍAZ Vejo que começa a irritar-se. Isso ofusca, filha minha.

MECHA Sim. A sentir-me incomodada. De tal forma que seria conveniente apressar a solução do conflito. Necessito tranquilidade e repouso completos. Já sabe que não me pertenço.

SR. DÍAZ Nervos! Nervos!

MECHA Serão os nervos. Há de acalmá-los então. Você me ofereceu um asilo. Leva-me o quanto antes, o quanto antes!... Desde lá poderemos continuar a batalha. Você fica, se quiser. Eu vou tomando medo da cara do inimigo. Leva-me.

SR. DÍAZ Ai, ai ai! Com que sobressaltos e caprichos!... Isto é muito sintomático. Vem aqui. Dê-me um beijo. Assim. Bravo pela mãezinha!

MECHA Não vá pensar que que isto é acidental e momentâneo.

SR. DÍAZ Não, não não... De nenhuma maneira!

MECHA Está brincando?

SR. DÍAZ Me deixou de bom humor, filha. Te asseguro que tinha um humor!... Bem. Vou ver como andam as coisas no hall... Muito juízo, eh?

CENA III

SR. DÍAZ, ALFREDO

ALFREDO Vai sair?

SR. DÍAZ Não.

ALFREDO Desejo falar contigo.

SR. DÍAZ Às ordens.

ALFREDO Quer nos deixar, Mercedes?

SR. DÍAZ É um segredo?

ALFREDO Não. Mas não fazem falta testemunhas.

SR. DÍAZ (*A Mecha, que faz mutis.*) Filha; não vá longe, porque este rapaz traz uma cara muito sinistra e posso necessitar seu auxílio... Senta-se. Pendão de paz ou pendão de guerra?

ALFREDO Depende de ti.

SR. DÍAZ Então me tranquilizo.

ALFREDO Temos de falar muito formalmente. Eu te respeitei sempre, segui seus conselhos, aceitei suas ideias subordinando as minhas muitas vezes à autoridade paterna.

SR. DÍAZ Pode poupar-te de preâmbulos. Ao ponto.

ALFREDO Faz quatro anos, abandonou sua família...

SR. DÍAZ Não é exato.

ALFREDO Sim. Sem causa aparente renuncias-te a participar de nossa vida. Dizia que sua missão havia terminado neste lar...

SR. DÍAZ Etc., etc....

ALFREDO Agora volta a nós. A que? Que quer? Que pretende?

SR. DÍAZ Nada. Enquanto não fiz falta, me mantive eliminado. Me apresento agora porque minha autoridade e minha assistência são necessárias a esta casa.

ALFREDO Podem-se saber os motivos reais de teu afastamento? Porque o pretexto é trivial e não convence a ninguém.

SR. DÍAZ Não há tal pretexto.

ALFREDO Bom, então o direi eu: você se foi enfermo; um desequilíbrio nervoso, qualquer coisa, e lá na mansarda se deixou ruminar por seu mal durante quatro anos...

SR. DÍAZ Claro está! E agora venho, louco, a armar uma revolução em meu lar. Pergunte ao doutor Pérez se não acabo de dizer-lhe há dez minutos, que vocês iam duvidar de minhas faculdades mentais. Pergunta-lhe.

ALFREDO Seus atos não revelam outra coisa.

SR. DÍAZ Vamos por partes. Quais são esses atos?

ALFREDO O que fez ontem negando-se a aceitar a reparação que lhe mandou oferecer Enrique, o que fez esta manhã saindo em nosso carro com essa pobre menina; no carro da família, a exibir seu impudor em Palermo e pelas ruas mais movimentadas, desafiando e provocando à sociedade agraviada por sua falta. Isso acusa, mais que falta de sensatez, desequilíbrio mental.

SR. DÍAZ Quanto ao último, tem você razão. Eu não devia manchar o carro da família fazendo-lhe levar uma pecadora. Me imagino o rubor das almofadas.

ALFREDO Não quis dizer uma sandice. Com esse feito nos incluía a todos em sua provocação.

SR. DÍAZ Quanto ao segundo, te declaro que minha loucura não me levou nem me levará ao crime de entregar minha filha aos carrascos.

ALFREDO Preferes entregá-la à perdição e ao vício.

SR. DÍAZ A tudo prefiro antes de consentir em uma união que seria para ela um castigo.

ALFREDO Ela o mereceria em todo caso.

SR. DÍAZ O que há de merecer a pobre criança que não pôde mentir nem reprimir o instinto?

ALFREDO Basta, papai! Não continue. Não declame mais!

SR. DÍAZ Declamações!

ALFREDO Nós temos a necessidade de defendermos e de nos defender de ti. Nosso decoro, nosso futuro, nossa tranquilidade, exigem que este matrimônio se realize. Para que nos sigam considerando e respeitando precisamos guardar as formas e salvar as aparências.

SR. DÍAZ (*Exaltado.*) Vem cá! Vem cá! Que conseguem com isso? Com salvar as aparências? Você e seus irmãos deixarão de ser os irmãos de uma mulher que violentou a disciplina social? Sua mãe deixará de ser por isso a mãe de uma filha que ultrajou sua classe? A que ficamos reduzidos, ante o conceito rígido da moral em vigência? A uma pobre família, a uma desgraçada família maculada por um delito antissocial, delito que, por ter-se feito público, jamais se perdoará. Já vê que a semelhante preço não vale a pena negociar a felicidade de sua boa irmã.

ALFREDO Não discutamos mais. Não nos convenceremos. Devo dizer-te que somos demasiados crescidos para aceitar sem benefício de inventário o evangelho da autoridade paterna. Falei com mamãe e com Laura e estamos determinados a fazer valer, desta vez, nosso critério. É necessário que Mercedes se resigne ao desagravo. É forçoso! Esse casamento deve-se realizar.

SR. DÍAZ Mas, menino! Não lhe acabo de dizer que não se realizará?...

ALFREDO Se fará. Com seu consentimento ou sem ele. Perdoa, papai, esta rebeldia, mas você a provocou.

SR. DÍAZ Sabem quem sou eu? Pois... eu me oponho!

ALFREDO Há meios de reduzir sua oposição!

SR. DÍAZ Oh, candidez! Fazendo-me declarar insano? Anulando minha personalidade civil? Oh! Os loucos são vocês! Vou-te demonstrar o fato que, ainda com êxito, o recurso seria contraproducente. (*Vai à porta e chama a gritos.*) Mercedes! Mercedes! (*Voltando-se.*) Interrogue-a. Pergunte a ela se quer se casar com esse cavalheirosinho. (*Volta a chamar.*) Mecha! Cuidado com violentá-la ou injuriá-la!

CENA IV

DITOS, MECHA

MECHA Chamou, papai?

SR. DÍAZ Alfredo quer falar com você.

ALFREDO Ignoro se você sabe, Mecha, que ontem esteve aqui Misia Edelmira.

SR. DÍAZ O sabe.

MECHA Sim, me contou papai.

ALFREDO Espero que tenha contado tudo! Que Enrique voltou atrás e deseja casar-se em seguida.

MECHA Sim, sim, sim!...

ALFREDO A visita da senhora de Alvarez não obedecia a escrúpulos caritativos. O senhor Gutiérrez me demonstrou nesta manhã. Veio a oferecer-me uma entrevista com Enrique que deseja a todo custo justificar-se conosco. Que pensa você?

MECHA Alfredo, eu... francamente... nestas circunstâncias, não sei o que te responder.

SR. DÍAZ O sabe sim.

ALFREDO Não interfira, papai.

MECHA Veja, meu irmão: eu estou muito atribulada e depois desta catástrofe não pude assentar bem minhas ideias. Não ponho em dúvida a boa vontade de Enrique. É óbvio que trata de reparar. Mas o caso é que tenho feita minha composição de lugar; estou disposta a consagrar a vida a meu filho, e não me faz falta o apoio de Enrique. Já não amo, por outro lado.

ALFREDO E se não tiver mais remédio que casar-se, se te dissesse que essa união nos salva a todos, o que faria?

MECHA Porque hei de ser somente eu a vítima?

ALFREDO Ah, sim! Pretende arrastar-nos em sua queda!... Fazer-nos solidários com seu crime. Não faltava mais!

MECHA Perdoa-me. Não sei o que digo. Meu sacrifício é condição indispensável para o bem-estar de vocês?

ALFREDO Naturalmente.

MECHA Mas poderei impor condições?

ALFREDO Dependendo do gênero...

MECHA Bom. Me caso com Enrique. Mas desde que, terminada a bênção ou o que quer que seja, me deixem em liberdade completa.

ALFREDO Oh, isso é um absurdo!

SR. DÍAZ Sim; filhinha! Absurdo. Para salvar as aparências é necessário que você se case, que vá ao domicílio conjugal, que aguente as más atitudes de um marido à força, ou o gesto sorridente de uma besta; que compartilhe a mesa de um eterno mal humorado, que aguente seus desprezos e suas reprovações, ou até suas violências, e quando o vaso estiver repleto, recém então lhe permitirão buscar um pouco de paz no seio dos seus. Esse é o programa que te espera.

ALFREDO Não exagere, papai, não minta! Enrique...

MECHA Oh! De Enrique não espero muito mais...

ALFREDO Bem. Contesta categoricamente; que a paciência se me esgota. Que resolve?

MECHA Que não me caso!

SR. DÍAZ Bravo, filha! Já vê, Alfredo, que ainda que me declarem louco ou incapaz, não poderão consumar o atentado.

ALFREDO A influenciou com suas extravagâncias. Ah! Te advirto que existem muitos meios para impedir que um homem prostitua sua família. Poderia expulsá-lo desta casa!

SR. DÍAZ Expulsar-me de minha casa!...

ALFREDO Sim. Uma pessoa que atenta contra o decoro e a honra dos seus não merece outra coisa. É um louco ou é um pervertido.

SR. DÍAZ Perdeste o juízo, menino! Insultar-me a mim, injuriar-me a mim. A mim, que com uma palavra, com um sopro, posso derrubar o castelo de cartas de nossa honra.

ALFREDO Que quer dizer? Explique-se. Exijo!... Rápido...

SR. DÍAZ Vai e pergunta a sua mãe.

ALFREDO Minha mãe!... Oh! Vai ter que provar ou responderá por essa injúria! (*Mutis violento.*)

CENA V

SR. DÍAZ, MECHA

MECHA Papai!... Papai!... Que significa tudo isso?... Diz-me.

SR. DÍAZ É meu drama, filha!...

MECHA Oh, compreendo!... Pobre papai!... Pobres de nós!...

SR. DÍAZ Não sei porque não me reprimi! Mas acossam a um, o colocam fora de si, e as palavras se escapam sozinhas. Não deveria falar... Não deveria falar... Não era tempo ainda...

MECHA De tudo isso tenho eu a culpa... Oh, que angústia! (*Chora.*)

CENA VI

DITOS, ALFREDO

ALFREDO (*Reaparece e começa caminhar muito exasperado monologando.*) Sim... era tempo de nos resolvermos... (*A Díaz.*) Fui chamá-la. Já vem.

SR. DÍAZ Fez mal. Essas acareações são coisas de juízes ou de crianças! Não havia necessidade de maiores violências. Se tivesse sido mais homem, teríamos nos entendido como homens.

ALFREDO Estou cansado de suas ambiguidades. Quero ver as coisas claras como a luz, como a luz...

SR. DÍAZ Menino!... Menino!...

CENA VII

DITOS, SRA. DE DÍAZ

SRA. DE DÍAZ Que acontece aqui que estão com umas caras estranhas?

ALFREDO Meu pai acaba de... ordenar-me que te peças contas da honra da família.

SRA. DE DÍAZ (*Demudada.*) Oh, Eduardo!

SR. DÍAZ Não é verdade, Jorgelina. Este rapaz, de tão ofuscado, não entende as coisas direito...

ALFREDO Isso não lhe permito. Lançou uma acusação. Sustente-a e prove-a.

SR. DÍAZ Bem, bem! Não se altere. Saíra com seu gosto. Quis dizer que você, Jorgelina, me foi infiel.

SRA. DE DÍAZ Que infâmia!... Está em se juízo, Eduardo? Oh! Já passa dos limites! Eu?... Eu?... Eu lhe fui infiel?

SR. DÍAZ Sim, você. Me enganou.

SRA. DE DÍAZ Alfredo! Seu pai está louco... louco!...

SR. DÍAZ Não estou, senhora. E não insistam nisso porque me verei obrigado a...

SRA. DE DÍAZ Louco de interditar!...

SR. DÍAZ Oh! Não!... (*Abre um caixote de seu escritório e retira uma pasta de cartas.*) Atreva-se, senhora, a dizer que isso não é seu!...

ALFREDO Mamãe!...

SRA. DE DÍAZ (*Deixa-se cair numa cadeira.*)

SR. DÍAZ Me obrigou a ser tão cruel... Mas tinha que defender-me. Se não faço isso, me nomeiam um tutor... (*Pausa prolongada.*)

ALFREDO Oh, que repulsivo é tudo isso!... Que baixo!... Que pouco nobre!... E para isso, para meditar uma vingança assim, necessitou recluir-se durante quatro anos, preparar o golpe com toda perfídia e espreitá-lo durante meses e meses, esperando o momento que melhor pudera ferir-nos para descarregá-lo sem pudores. Que covardia!... A você que tenho de pedir contas de nossa honra agora! A você! A você que preferiu ser carrasco a cavalheiro!...

SR. DÍAZ Continue. Desafogue seu coração, filho!...

ALFREDO Oh! Se ela faltou, a sua conduta eclipsa a falta dela, a purifica. Fale você! Justifique-se se puder!...

SR. DÍAZ Não tentarei. (*Serenamente, depois de uma longa pausa.*) Você já tinham nascido quando Jorgelina me enganou. Eu a queria muito e mais que tudo adorava a paz do lar em que elaborávamos a felicidade comum. Quando se me apareceu o conflito pessoal não tive forças para rebelar-me. Me acovardou o fantasma da vindita social fazendo presa de meus filhos, e a risco de passar por um abjeto - quem sabe se não sigo sendo-o para muita gente - , apliquei um cautério a minha ferida de amor próprio e continuei a vida em comum como se nada tivesse ocorrido. O preferi a deixar assinalar um estigma infamante a meus próprios filhos. Passou o tempo. O episódio modificou minha concepção da vida. Vocês cresciam e se educavam em um meio que começava a resultar-me falso e convencional, mas já era tarde para levá-los à realidade. Logo minha mentira e a mentira de todos começou a mortificar-me. Então fugi à mansarda. Ali teria acabado meus dias sem dizer uma palavra se não me sobrevém este acidente de Mercedes que me devolve à realidade cruel da vida.

ALFREDO Porque não continuou calado?

SR. DÍAZ Esse foi o erro! Falar!... Mas não perdemos tudo... Escute, Alfredo! Você, escute você, Jorgelina!... Já que somos donos da verdade, porque não edificarmos sobre ela um novo lar?...

ALFREDO Oh!... Não pode ser!... É tarde!... Além do mais estamos sangrando!

SR. DÍAZ (*Depois de profunda pausa, a Mecha.*) Vamos, Mercedes. Vamos os dois... Não, vamos os três, a formar esse lar com a verdade de nossas vidas!... (*Se encaminha com ela para fora.*)

Pano Lento.